



# Temporada *de* Caça

*Andrea Camilleri*



Do autor:

*Um fio de fumaça*  
*Por uma linha telefônica*  
*A ópera maldita*

*Andrea Camilleri*

Temporada  
*de* Caça

*Tradução*

Giuseppe D'Angelo  
Maria Helena Kuhner

**B**  
BERTRAND BRASIL

Copyright © 1992, Sellerio Editore

Título original: *La stagione della caccia*

Capa: Luciana Mello e Monika Meyer

Editoração: DFL

2005

Produzido no Brasil

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Camilleri, Andrea, 1925-

Temporada de caça / Andrea Camilleri; tradução Giuseppe D'Angelo, Maria Helena Kühner. — Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

160p.

Tradução de: *La stagione della caccia*

ISBN 978-85-286-1162-5

1. Romance italiano. I. D'Angelo, Giuseppe. II. Kühner, Maria Helena, 1933-. III. Título.

CDD: 853

CDU: 821.131.1-3

05-3620

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão

20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por  
quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

# Um

O pacote a vapor *Rei da Itália*, que transportava a correspondência e as encomendas de Palermo — e que os sicilianos teimosamente insistiam em chamar de *Franceschiello*,<sup>[1]</sup> em uma mescla de hábito, zombaria e homenagem ao rei borbônico que tinha criado o serviço —, aportou, na hora exata, às duas da tarde do dia primeiro do ano de 1880, no porto de Vigàta.

Enquanto das balouçantes escadas de descida prontamente encostadas ao lado do vapor desciam apressadamente os passageiros da estiva em uma confusão de gritos saudações choros cestos de frutas sacos de batatas crianças cestas de pães amarrados de galinhas e pedras de sal, por uma escadinha rígida, mais decorada, embora de pior equilíbrio, começaram a descer os quatro passageiros das cabines, devidamente cumprimentados pelo capitão Cumella, relógio à mão, para mostrar que ele e seu navio, com mar calmo ou mar revolto, chegavam sempre pontualmente. Os passageiros eram, contando do molhe para o convés:

o titular do Departamento de Correios de Vigàta, senhor Carlo Colajanni, retornando de Trapani, onde fora assistir, com paternal e incansável dedicação, à filha única Serafina, que paria pela oitava vez;

a senhora Clelia Tumminello, mulher de substanciosa beleza, mas sofrendo de um mal desconhecido que a obrigava a ir a Castellammare, uma vez a cada dois meses, para o tratamento necessário: porém, segundo as más línguas, a verdadeira melhora ela a obtinha com o sumo da raiz que um vigoroso primo seu estava sempre pronto a administrar-lhe;

o comandante da Guarnição Militar de Vigàta, tenente Amedeo Baldovino (ou Baldovino tenente Amedeo?),<sup>[2]</sup> de Cuneo, cujas militarescas mãos amparavam os quadris da senhora Clelia em sua perigosa descida da escadinha.

Depois dos três, os outros degraus estavam vazios, porque o quarto passageiro, um jovem forasteiro com menos de trinta anos, de terno xadrez e boné inglês, com uma aparência sem nada de mais relevante, bigode fino e talhe esbelto, estava com um pé na ponte e outro a meia altura no ar, e parecia fazer isso de propósito, como se, com aquele gesto de chutar, colocasse uma distância clara entre ele e os demais companheiros de viagem.

Distante, aliás, se mantivera no decorrer de toda a viagem: de fala escassa e cortês se necessário, mas prontamente emudecido no momento em que a curiosidade alheia manifestava a intenção de saber seu nome, sobrenome e profissão.

Para começar a descer a escadinha, o forasteiro esperou que o trio que o precedia tivesse posto firmemente os pés em terra, tivesse trocado obsequiosas reverências, apertos de mão e soerguimento de chapéus, e só então se moveu. Mas sem pressa, fazendo pose, a cabeça voltando-se ora à direita, ora à esquerda para olhar as casas baixas de Vigàta pintadas de amarelo, branco, verde e azul. No cais, em um piscar de olhos, não havia mais viva alma. Os passageiros e os que os esperavam tinham desaparecido, levados por um gélido vento vindo dos montes. Ao chegar aos pés da escadinha, o forasteiro, que trazia em mãos apenas uma pequena valise retrátil, voltou-se para olhar o capitão Cumella.

“Quanto a meu baú...”, começou.

O capitão Cumella o interrompeu com um amplo gesto de braço.

“Não se preocupe. Eu providencio.”

O forasteiro precisou apenas atravessar duas ruas completamente desertas para encontrar-se na praça principal de Vigàta. Davam para o largo a Igreja Matriz, o Clube dos Nobres, o Palácio de três andares do barão Uccello, o de dois andares do marquês Peluso, cinco escritórios de comerciantes de enxofre, farinha e favas, o Banco Siciliano de Crédito e Descontos, e a Prefeitura. Entre a Igreja Matriz e o Clube dos Nobres começava a avenida, uma pequena rua como as outras, embora um pouco menos sinuosa. Na praça não havia ser vivo algum, a não ser um cachorro malhado que estava tranquilamente mijando nos pés de uma curiosa estátua sem pedestal, colocada ao lado da porta meio cerrada do Clube dos Nobres. Absurdamente postado em uma cadeira de palha verdadeira, com braços, o monumento representava, com uma cor entre o amarronzado e o acinzentado, um decrepito senhor de barba longa, chapéu em ponta, uma bengala de passeio entre as mãos cruzadas sobre o ventre.

Como o forasteiro recomeçou a andar, dirigindo-se para a avenida, o cão também se moveu, dando a volta, bem junto à estátua, depois parou, levantou de novo a perna e mirou diretamente a ponta do fraque que tocava no chão. Mas no meio da praça o forasteiro imobilizou-se, estupidificado: experimentava a constrangedora sensação de que um par de olhos fixos e firmes o fitava, mas não conseguia ver de onde vinha aquele olhar ameaçador. Deu ainda alguns passos, embora sem a certeza de que avançar a descoberto fosse a melhor coisa, e foi exatamente nesse momento que a estátua, com a penosa lentidão que o forasteiro tinha por vezes vivido em pesadelos, ergueu o braço direito, e a mão agitou debilmente os dedos em sua direção, num claro convite a que se aproximasse. Sentindo subitamente a camisa grudar-se às costas devido ao suor que escorria, o forasteiro se deteve diante do velho; desceu ao nível de seu rosto, que parecia modelado em argila por causa de sua prolongada exposição ao sol e ao frio, e no qual profundas rugas com cagadas de moscas e pombos formavam um emplastro rústico — descobriu, sob os cílios recobertos por uma camada de areia e pó de enxofre, a lâmina feroz de duas vivíssimas pupilas. Em silêncio, o velho contemplou o forasteiro por alguns instantes, depois se remexeu todo e escancarou a boca como que a expressar maravilhosa surpresa.

“Virgem Santa!”, conseguiu articular em voz cavernosa. Baixou as pálpebras, repetindo uma vez mais para si, em tom quase de resignação: “Virgem Santa!”

Cortês, paciente, o corpo meio inclinado, o forasteiro deu ao velho tempo de recobrar fôlego e voltar a abrir os olhos.

“Você é...”, começou o velho, mas, justo no momento em que estava para dar nome e sobrenome ao forasteiro, a memória de repente lhe falhou, abandonando aquele fio penosamente puxado de um poço negro de pesadas recordações, e perdeu-se em um labirinto de nascimentos e mortes, passou por cima de acontecimentos como guerras e terremotos para ancorar solidamente em um fato sucedido ao velho quando tinha apenas quatro anos e um cão de caça de seu avô o mordera depois de ter-lhe batido com um bastão.

“Você é um cão da caça”, conseguiu concluir o velho, fechando penosamente as pálpebras para dar a entender ao outro que não pretendia desperdiçar mais seu fôlego.

O forasteiro tirou o boné, fez uma profunda reverência para aquele que havia voltado a ser um monumento e retomou seu caminho.

Embora não se passasse um dia sem que Sasà Mangione, estivador e carregador nas horas vagas, não praticasse um pequeno furto, ele não podia ser chamado propriamente de ladrão. Era essa a conclusão a que tinha chegado o delegado Portera, depois de ter prendido Sasà umas quinze vezes.

“Um ladrão, por que rouba as coisas dos outros?”, perguntara-se o delegado. “Como não tem dinheiro, vai buscá-lo vendendo o que roubou. Tudo bem, mas Sasà não precisava de dinheiro, sua mulher era empregada do comendador Aguglia, um ex-garibaldino maluco que dizia que todos os homens

são quase iguais e por isso pagava a sua empregada quatro vezes mais. E não só isso: Sasà não revendia o que havia tirado dos outros. A lente de aumento de Don Saverio Piscopo, o mapa-múndi da professora Pancucci, o microscópio do doutor Smecca não tinham sido encontrados, intactos, em casa de Sasà? E aí? Havia só uma possibilidade: Sasà roubava pelo simples gosto de tirar alguma coisa dos outros. Sasà não era um ladrão e sim uma pega ladra<sup>[3]</sup>. E pode-se lá manter preso um pássaro?”

Por isso, um dia tinha chamado Sasà à delegacia e lhe tinha feito este simples discurso:

“Você, todas as vezes que for encarregado de levar coisas de um lugar para o outro, a cada dez passos que der, vai gritar a plenos pulmões de onde você tirou aquilo, para onde o está levando e a quem pertence. Se eu encontrar você com um fiapo de erva na mão e não tiver gritado o que devia, despacho você pra San Vito e o deixo apodrecer naquela prisão.”

Foi por isso que, às quatro da tarde daquele primeiro dia do ano, Sasà Mangione, oscilando sob o peso de um enorme baú cheio de tachas de cobre que reluziam e que lhe davam uma dor na boca do estômago só de saber que não conseguiria desatarraxá-las e levá-las para casa, atravessou ruas e praças de Vigàta gritando:

“Peguei este baú no *Franceschiello*, que chegou hoje.

“E tô levando pra pensão de Dona Concettina Adamo.

“O baú é do cara que veio no vapor.”

Ao ouvir aquelas palavras, o perito Fede, que cochilava tentando fazer a digestão do meio cabrito ao forno que havia comido no almoço, pulou da cama como que mordido por um bicho, vestiu-se e foi seguir a voz de Sasà que já se distanciava. O perito era conhecido no povoado como “o amigo dos forasteiros”, por sua enorme capacidade de aproximar-se de qualquer estranho recém-chegado e, com poucas perguntas, ficar sabendo de toda a sua vida, morte, milagres e ressurreição, que depois iria contar ao atento auditório do clube. Teria sido um detetive extraordinário, mas não tinha cabeça nem coração de policial. Chegou ofegante à pensão no momento mesmo em que Sasà estava indo embora, contando o dinheiro que lhe tinha sido dado.

“O forasteiro não está, saiu pra passear. O baú eu mandei levar pro quarto, que ele disse que não é pra ser aberto agora. E deixou comigo o dinheiro pra Sasà. Tá satisfeito, Seu Fede?”, disse a senhora Adamo antes mesmo que o outro abrisse a boca.

“Mas ele tinha mandado avisar que vinha?”

“Claro, mês passado, por um marinheiro do *Franceschiello* que, na última vez que o vapor esteve aqui, trouxe também quatro malas.”

“Então vai ficar um tempo em Vigàta?”

“Me deu um adiantamento de quinze dias, pensão completa.”

“Sabe como é o nome dele?”

“Claro. Guardei duas cartas que chegaram pra ele. Se chama Santo Alfonso de’ Liguori.”

Depois de dar voltas e mais voltas por ruas e ruelas perto do porto, conseguiu dar de cara com ele, contemplando um palacete com colunas e, embora nunca o tivesse visto, viu logo que era aquele o forasteiro. Acercou-se dele com a atitude de um cão de caça que vê confirmado seu faro pela fuga do animal selvagem.

“Boa-noite. Sou o perito Fed. Posso servi-lo em alguma coisa?”

“Em nada, obrigado”, disse o forasteiro levando dois dedos ao boné.

“Bonito, este palácio, não?”

“Sim. Não existia antes.”

“Antes, quando?”, disse prontamente o perito, buscando alargar essa brecha.

“Antes”, repetiu o forasteiro. E afastou-se.

Ao voltar para a pensão, assim que chegou à praça o forasteiro sentiu um mal-estar idêntico ao da primeira vez em que havia passado por ela. Mas dessa vez sabia já a razão e nem precisou procurar: de fato, o velho, sentado na mesma posição e no mesmo lugar da tarde, o havia enquadrado na mira de seu olhar. Olhou-o também firmemente no meio dos olhos e começou a aproximar-se dele, no passo hesitante de quem vai ao encontro de algo perigoso. Ao chegar diante do velho, que sequer sabia como se chamava, tocou a aba do chapéu com dois dedos e disse:

“Estou aqui.”

Ele mesmo foi o primeiro a surpreender-se. Mas que palavras eram estas que lhe saíam da boca? Que bobagem estava fazendo e dizendo? E por quê?

O velho baixou o olhar e, tal como de tarde, murmurou:

“Virgem Santa!”

“O senhor me permite?”

O som desta voz excessivamente próxima teve sobre o forasteiro, que se sentia tenso como uma corda de violino, o efeito de um tiro de revólver. Deu três passos para o lado, pronto a sair correndo. Quem tinha falado era um sexagenário alto e gordo, vestido de preto e coberto de sarnas. Tinha em mãos uma manta que enrolou delicadamente em torno do corpo do velho. Feito isso, voltou a olhar o forasteiro.

“Está precisando de alguma coisa?”

“Boa-noite”, foi a resposta do forasteiro.

Não conseguia tirar da cabeça o que havia acontecido uma hora antes. Em dado momento, o forasteiro não aguentou mais essa ideia fixa e dirigiu-se à senhora Adamo, que estava lhe servindo o segundo prato de calamares e camarões fritos.

“Desculpe, senhora, sabe quem é aquela pessoa que fica parada na frente do Clube dos Nobres?”

“Tem tantos vadios por aqueles cantos.”

“Não, eu me refiro a um senhor bem idoso que fica sentado em uma cadeira de palha.”

“Olha, Seu Liquori...”

“Liquori”.

“... aquele é o marquês Peluso, Don Federico Maria, o Velho, como é chamado no povoado pra não confundir com o sobrinho que tem o mesmo nome.”

“Ah, não seria então o pai do marquês Don Filippo?”

“Isso.”

“E o velho não tem ninguém que cuide dele?”

“Como, ninguém? Seu criado, Mimì, um cara alto, vestido de preto, sem um fio de cabelo, leva ele quatro vezes por dia, na cadeira, da casa para o clube e traz de volta. Cuida dele levando um cobertor, se faz frio, ou a jaqueta, se faz calor. E fica vigiando ele de uma janela do Palácio Peluso.”

“Eu dizia cuidar dele no sentido, que sei eu, de trocar-lhe a roupa, limpá-lo... Pareceu-me realmente muito sujo.”

“A sujeira do marquês é coisa dele mesmo, pessoal. Não é culpa de ninguém. Quando Mimì tenta fazer uma limpeza nele, o velho grita tanto, que parece que tão matando um porco. Uma vez, quando ele ainda podia andar, veio comer aqui com um amigo e sujou as mãos de molho.

“Quer se lavar, excelência?”, eu perguntei.

“‘Minha filha’, respondeu: ‘Para mim, lavar as mãos é um castigo de Deus.’”

Nessa mesma noite, no Clube dos Nobres, havia reunião geral para os novos cargos sociais. Estava faltando apenas o perito Fede.

“Vê-se que está ainda à caça do forasteiro”, comentou o barão Uccello.

O marquês Peluso pediu a palavra.

“Antes de começar a relacionar nomes”, disse, “eu tenho uma proposta séria a fazer: é que o Clube dos Nobres não tenha mais este nome.”

“E por quê?”, perguntou o tenente Amedeo Baldovino.

“Porque aqui dentro, de nobres só restamos dois, eu e o barão Uccello. Todos os demais, sem querer ofender ninguém, não têm nada a ver com a nobreza. A menos que se queira chamá-lo ‘Clube dos Dois Nobres e seus afins’. Mas isto seria ridículo.”

“O marquês tem razão!”, aprovou, entusiasmado, o ex-garibaldino Aguglia, o comendador que estava convencido de que todos os homens fossem quase iguais. “Vamos chamá-lo de Clube Garibaldi.”

Começaram, em silêncio, a refletir sobre a proposta. Em seguida o doutor Smecca pediu a palavra:

“Não estou de acordo com o marquês Peluso”, disse, “e advirto a todos de que estou falando a título pessoal. A mim, que não sou nobre, o que me apraz é exatamente pertencer ao Clube dos Nobres, enquanto que, pelo contrário, fazer parte de um Clube Garibaldi qualquer não me importaria porra nenhuma.”

Enquanto duravam as aclamações dirigidas ao doutor, entrou o perito Fede. Fez-se súbito silêncio novamente.

“Nada de nada.”

“Não conseguiu falar com ele?”, perguntou Baldovino, que, depois de dois anos de estada lá, se havia tornado mais vigatense que os vigatenses.

“Falar, eu falei. É uma pessoa educada, não há dúvida, mas mal-humorada, antipática.”

“Antipático certamente ele é”, acrescentou o tenente. “Durante a travessia, nem o senhor Colajanni nem a senhora Clelia conseguiram fazer com que ele abra a boca.”

“Por que”, disse Colajanni, um pouco ressentido, “o senhor não experimentou fazer com que falasse?”

“Eu também não consegui”, admitiu Baldovino sorrindo.

“Porém uma coisa eu soube”, interveio o perito fazendo uma pausa intencional. “O nome dele.”

“E como se chama?”, disseram em coro.

“Chama-se Santo Alfonso de’ Liguori.”

Padre Macaluso, que estava, como de costume, enfiado num canto à parte, lendo o jornal, acendeu-se subitamente como um fósforo.

“Mas que besteira é esta que está dizendo?”

“A dona da pensão me disse que é assim que ele se chama.”

“A dona da pensão fez você de bobo. Isto é o nome de um santo!”

“E o que foi que eu disse? Que ele se chama Santo!”

“Porra, que cabeça! Alfonso de’ Liguori é um santo, não é um sujeito chamado Santo!”

“Perdão, Padre Macaluso”, calmamente interveio o barão Uccello, “será que é proibido alguém chamar-se Santo como primeiro nome, Alfonso como segundo e de’ Liguori como sobrenome?”

“Não é proibido, mas a mim me parece que quer fazer os outros de idiotas.”

“E soube quanto tempo vai ficar em Vigàta?”, perguntou o agente dos Correios Colajanni.

“Uns quinze dias. Terei todo o tempo do mundo para saber até quantos pelos tem no rabo.”

Mas, pelo contrário, esses pelos, para não sair da metáfora, não conseguiu contá-los: foi o próprio forasteiro quem decidiu, em certo momento, fazer saber a todos quem era e o que tinha vindo fazer em Vigàta.

Alugando carroça e cavalo, o forasteiro começou a ir e vir de Vigàta a Montelusa, onde ficava a administração. Ali foi visto no momento em que entrava na Real Prefettura,<sup>[4]</sup> na Real Superintendência de Polícia, no Departamento da Real Fazenda e outros lugares igualmente reais. Mas o objetivo dessa via-sacra continuava sendo desconhecido. Uma noite, Santo Alfonso foi visto andando pelo porto e falando em voz baixa com Bastiano Taormina, um sujeito com o qual não era nada bom manter contato e melhor ainda não se encontrar de noite.

O perito Fede, que tinha assistido a distância a tal encontro, não conseguiu pegar no sono a noite inteira, já que a curiosidade o comia vivo. De manhã cedo, tremendo por dentro como uma gelatina, apresentou-se na loja de frutas e verduras de Bastiano Taormina.

“Bons olhos o vejam, Don Bastiano”, cumprimentou, apoiando-se no espaldar da porta, numa pose que parecia desenvolta, mas, pelo contrário, era ditada pela necessidade de ter um ponto de apoio. Taormina, que estava descarregando uma caixa de ervilhas, nem respondeu.

“Dá licença?”

“Entre.”

Agora que lhe cabia falar, o perito sentiu a boca ressecada.

“Uma pergunta, uma só, e deixo o senhor entregue a suas tarefas. Quem é Santo Alfonso de’ Liguori?”

O outro olhou para ele com ar bovino.

“Um santo. Minha mãe é devota dele.”

“Não, desculpe, não me expliquei bem. Quem é o forasteiro?”

“Um home”, disse Taormina, assumindo um ar sombrio.

Fede não insistiu, compreendendo que uma pergunta a mais poderia tornar-se fatal.

Mas apesar disso o perito conseguiria ficar satisfeito.

“Soube de tudo!”, disse triunfante dois dias depois aos amigos do Clube. “O senhor de’ Liguori comprou a casa que pertencia ao irmão de Taormina, Jano, que morreu no mar. Aquela que fica na avenida, perto de onde moro, com uma loja embaixo e um apartamento em cima. A partir de amanhã os carpinteiros e os marceneiros começam as obras lá.”

“Mas o que vem ele fazer em Vigàta?”

“Até isso eu sei”, disse o perito, pavoneando-se orgulhosamente. “Veio estabelecer-se como farmacêutico.”

E por isso não houve curiosidade, quando, nas chegadas seguintes do *Franceschiello*, Sasà Mangione transportou para terra baús enormes que, a cada passo, poderiam causar-lhe hérnia, de tão pesados que eram, não houve curiosidade quando chegou ao Posto de Correios uma caixa cheia de provetas, garrações e pequenos vasos de vidro de formas nunca vistas; não houve curiosidade quando o farmacêutico de’ Liguori começou, de manhã, a circular de um lugar para outro no campo, buscando e colhendo certas ervas e certas flores. Tudo isso era coisa que fazia parte de sua profissão.

“Está fazendo tudo criteriosamente”, disse o perito Fede. “No andar térreo fica a farmácia, atrás dela tem um cômodo grande cheio de bancadas sobre as quais ficam os utensílios de vidro. Tem até dois enormes jarros cheios de água e um pequeno forno para secar as plantas. Nesse cômodo de trás há uma porta que dá para a rua, de modo que, se o farmacêutico quiser sair e entrar quando a farmácia estiver fechada, não precisa abrir a porta. Do mesmo cômodo de trás sai uma escada de madeira larga que leva ao andar de cima, onde tem uma sala de estar e jantar, um quarto de dormir, a cozinha e um cubículo para as necessidades.”

“Como é a cama?”

“Pequena.”

“Sinal de que, por enquanto, não pensa em se casar”, disse o senhor Colajanni, que tinha duas filhas casadouras.

“O senhor está nos contando coisas que qualquer um pode ver com os próprios olhos”, interveio bruscamente o barão Uccello. “Mas não sabe nos explicar quem é Santo Alfonso de’ Liguori, nem por que decidiu escolher Vigàta para instalar sua farmácia.”

“Aí é que está o busilis”, disse, pensativo, o perito.

“Amanhã de tarde vão abrir uma farmácia no povoado”, disse Mimì ao transportar o dono com sua cadeira de palha do palácio para o clube. Frequentemente lhe contava as coisas que aconteciam, tipo “Pippineddu, o pedreiro, caiu da escada e quebrou a perna” ou “Dona Balistreri teve uma filha fêmea”. E contava tudo isso para distraí-lo, para passar o tempo, certo de não receber resposta. Enquanto lhe colocava a cobertura em cima, porque já se estava em fins de fevereiro e fazia muito frio, o velho fez menção de falar.

“Não”, disse com tal esforço que ficou suando apesar do frio. “Não, Mimì, amanhã começa a caça.”

“Mas o que está dizendo, ‘celença? Vai abri uma farmácia e o farmacêutico é aquele home de fora que cumprimenta vossência toda vez que passa.”

“Não, Mimì, amanhã vai começar a caçada. E eu não quero morrer com um tiro.”

“Mas vossência tem medo de quê? É uma codorna?”

Mimì estava espantado, há anos o marquês não falava tanto.

O velho fez sinal que sim com a cabeça.

“Sou uma codorna, sim, você disse tudo, Mimì.”

Inspirou fundo, exausto pela quantidade de palavras que estava dizendo.

“Lembre-se de uma coisa, Mimì. Eu não quero morrer com um tiro. Prefiro me matar antes.”

Mimì não ligou. Há algum tempo seu dono não tinha mais a cabeça no lugar.

“Vossência quer que eu pegue uma bacia e encha de água pra lava sua mão?”

O berro de terror do velho fez tremerem os vidros da porta do clube.

A confusão se deu meia hora depois de ser a farmácia inaugurada.

“Há algo que não se encaixa”, disse o perito, chegando ofegante.

“Pra mim porra nenhuma está se encaixando”, disse o barão Uccello, que estava perdendo partida atrás de partida.

“O farmacêutico tinha encomendado um letreiro a Fillicò, o pintor de carroças. Fillicò fez o trabalho com muita arte e acaba de colocá-lo em cima da porta. Mas sabem o que escreveu?”

“Farmácia”, disse o tenente Baldovino.

“Exato. Mas embaixo, em vez de estar impresso o nome do proprietário, Santo Alfonso de’ Liguori, está um nome diferente: Alfonso La Matina.”

“Farmácia Alfonso La Matina”, resumiu o tenente.

“Mas, se ele se chama Alfonso La Matina, por que disse que seu nome era Santo Alfonso de’ Liguori?”, disse o barão Uccello fazendo a pergunta que estava na cabeça de todos.

“Virgem Santa!”, exclamou de repente o marquês Peluso, que se perdera seguindo um pensamento.

“Virgem Santa!”, repetiu, não sabendo que estava usando a mesma expressão que seu pai havia usado ao ver o farmacêutico. Levantou-se de um salto, pegou casaco e chapéu, e saiu correndo do clube.

Voltou meia hora depois, parecendo ao mesmo tempo contente e pouco convencido.

“Falei com ele”, disse. “Sabem quem é? É Fofò, o filho de Santo La Matina. Lembram-se de Santo?”

“Claro que lembro”, disse depois de um momento o barão Uccello. “Era o administrador das terras do marquês, seu pai, e tinha um jardim milagroso em um local secreto.”

“Exatamente ele”, disse o marquês.

“Jardim milagroso?”, perguntou o tenente Baldovino.

“Milagroso, milagroso, tenente”, explicou o marquês. “Eu vi. Um pedacinho de terra cheio de todos os bens de Deus. E o fato é que aquelas verduras, aquelas ervas, aquelas frutas curavam toda e qualquer coisa.”

“Está zombando de mim?”

“Não, e se não acredita pode perguntar a quem ainda se lembra dele, como o barão Uccello aqui presente. Depois, há uns vinte anos, Santo e seu filho Fofò desapareceram. Ou melhor, só desapareceu Fofò, que na época devia ter uns dez anos. Santo se encontra debaixo de um palmo de terra. Foi degolado, queimaram o jardim e jogaram sal em cima.”

“E não se soube quem foi?”

“Nunca. E é exatamente por isso que Fofò La Matina, vindo abrir sua farmácia aqui, usou um nome diferente. Tinha medo de que no povoado ainda houvesse alguém dos que tinham assassinado seu pai.”

“E como fez para saber que esses caras não estão mais aqui?”

“Porque, além de comprar a casa, falou também com Bastiano Taormina. E Bastiano lhe explicou tudo. Mas essa explicação o farmacêutico não me passou, só me disse que, naquela noite em que chegaram quatro encapuzados, procuraram também a ele para matá-lo. Mas Fofò se escondera atrás de uma grande moita, com a sacola de dinheiro que seu pai conseguira passar-lhe, momentos antes de os assassinos entrarem em sua casa. Quando os encapuzados foram embora, Fofò fugiu, levou oito dias para chegar a Palermo, fez-se reconhecer por um primo de seu pai, que era padre, e o resto vocês podem imaginar. Agora, uma coisa lhes digo: se Fofò tiver um quarto da habilidade de seu pai, vai ficar rico com aquela farmácia.”

A última notícia referente ao farmacêutico foi um fato estritamente privado que, no entanto, como sempre acontecia em Vigàta, tornou-se imediatamente público. Foi o seguinte: a senhora Clelia não havia conseguido engolir uma coisa que acontecera no *Franceschiello*, quando voltava de Palermo para o povoado. Em certo momento da viagem, quando estavam jantando, o capitão Cumella resolveu contar que há exatamente trinta anos antes, justo naquele lugar em que se encontravam, um navio austríaco de três mastros havia sumido no mar, sem motivo visível, com todos os passageiros e a tripulação. A essa notícia, a senhora Clelia decidiu ter um ataque. Ficou hirta, girando a cabeça para a direita e para a esquerda, soltando gemidos e revirando os olhos. Era um exercício em que sempre se saía bem, pois treinara para tal desde a idade de oito anos, quando alguma coisa não era de seu agrado. Os três cavalheiros que estavam com ela, o capitão Cumella, o senhor Colajanni e o tenente Baldovino, não perderam um minuto em atendê-la: o capitão Cumella, abrindo-lhe a boca e dando-lhe de beber um pouco de água, o senhor Colajanni abanando-a com um guardanapo, o tenente Baldovino desatando-lhe com mãos hábeis o espartilho. O único a nem se mexer foi a pessoa a quem se destinava toda aquela encenação, ou seja, o forasteiro, agora identificado como o farmacêutico Fofò La Matina, que se manteve a distância, alisando o bigode. Era exatamente dessa indiferença que a senhora Clelia queria vingar-se. No dia em que soube pela criada Cicca que o doutor Smecca estava doente, decidiu que precisava imediatamente de uma consulta.

“Mas aonde você vai, se Smecca não pode atender? Quer que acompanhe você a Girgenti?”, perguntou-lhe o marido, que ignorava ter chifres tão grandes que sobre eles poderiam ser colocados faróis marítimos.

“Não precisa. Vou ver o novo farmacêutico. Tenho a impressão de que é muito competente.”

Lavou-se cuidadosamente, usando um jarro inteiro de água, perfumou-se com Coty, embonecou-se toda com calcinhas e sutiã de renda preta de Flandres — artifício já experimentado e capaz de transformar um mole fio de erva em duríssima madeira de pinho —, encheu-se de pó de arroz, enfeitou-se toda e apresentou-se na farmácia.

“O que deseja?”, perguntou o farmacêutico.

“O senhor”, teria querido responder com sinceridade a senhora Clelia, que, no entanto, apenas disse:

“Queria que o senhor me examinasse.”

“Não sou médico, senhora.”

“Eu sei. Mas me disseram que é competente. E eu estou precisando, o senhor nem imagina quanto, ser examinada.”

“Não me responsabilizo”, disse o farmacêutico.

Dirigiu-se a um rapazola que havia contratado como ajudante:

“Se chegar alguém, diga que volto dentro de cinco minutos.”

“O senhor acha que cinco minutos vão bastar?”, perguntou a senhora Clelia, pestanejando sedutoramente.

O farmacêutico convidou-a a subir pela escada de madeira até a sala de estar e jantar, mandou que sentasse e perguntou o que estava sentindo. Enquanto falava, e sem que ele houvesse ordenado, a senhora Clelia foi se pondo em renda preta de Flandres, olhando de vez em quando para o quarto de dormir. O farmacêutico auscultou-a, muito sério.

“Vista-se novamente, senhora”, disse, “e desça. Enquanto isso lhe preparo algo.”

O fato foi contado sem tirar nem pôr por uma indignada senhora Clelia a sua íntima amiga, a senhora Colajanni, mulher muito religiosa cuja vida era feita de tagarelices e maledicências. Na mesma noite, o agente dos correios Colajanni o repassou ao clube. E entre eles os comentários e pareceres foram bastante diversos.

“O farmacêutico é capão”, o mais categórico.

“O farmacêutico não gostou da senhora Clelia”, o mais condescendente.

“O farmacêutico é um verdadeiro cavalheiro, que não se mete com mulheres alheias”, o mais amigável.

“O farmacêutico é um merda”, o mais drástico.

Na última manhã do mês de fevereiro, Mimì abriu a porta do quarto de seu dono para vesti-lo, colocá-lo em sua cadeira e levá-lo para a frente do clube. A cama estava desfeita, mas o marquês não estava. O velho, em caso de necessidade, era capaz de dar dois ou três passos sozinho: mas nem na toailete do quarto havia sinal de sua presença. Pensou que seu dono durante a noite precisasse de algo e tivesse ido pedir ajuda aos familiares e então se pôs a abrir, sem ruído, as portas dos quartos de Don Filippo e de sua mulher, da marquesinha 'Ntontò e do marquesinho Rico. Todos dormiam profundamente, impressionado, correu até a cozinha, onde a criada Peppinella já estava trabalhando, mas a mulher também não sabia de nada. Assustada, Peppinella pôs-se também a procurar o velho marquês. Procuraram e voltaram a procurar do sótão até a cantina, os depósitos, o estábulo, mas de Don Federico nem sombra.

“Então vou chamar Don Filippo”, disse Mimì.

“Olha aqui”, fê-lo parar a voz de Peppinella.

Da porta do quarto do velho saía um quase invisível rastro que de vez em quando se interrompia, um rastro feito de grãos de areia, pó de enxofre e cagadas de pombos ressecadas. Seguindo-o, Mimì chegou ao final da escadaria e viu que a porta de entrada estava aberta. Saindo para o pátio, a primeira coisa que notou foi que o portão de entrada do palácio estava entreaberto. Não havia mais dúvida, o marquês saía

com suas próprias pernas. Correndo desesperadamente, em menos de um quarto de hora vasculhou todo o povoado até o porto, perguntando a quem encontrava se havia casualmente visto um velho assim, assim. Mas não houve quem o ajudasse. Então se pôs a correr na praia, à beira d'água, com a água salgada ensopando-lhe os sapatos e as calças. Foi quando viu a distância uma coisa preta que o mar volvia e revolvia. Aproximou-se com pernas que se tinham tornado bambas: era seu dono. Entrou na água, puxou para a beira o marquês e voltou ao povoado em busca do doutor Smecca. O médico não conseguiu levantar-se da cama, estava com febre muito alta.

“Chame o farmacêutico”, sugeriu.

Fofò La Matina não perdeu um instante. Imediatamente saiu correndo atrás de Mimì, que parecia uma lebre. Quando chegaram ao local, aí encontraram o delegado Portera, que havia sido avisado por um pescador de passagem.

“É inútil”, disse o delegado. “Morreu já há algumas horas. Matou-se.”

“Mas se ele nem andava mais há anos!”, disse o farmacêutico.

“Dessa vez, porém, andou. Em dado momento caiu, largou a bengala e continuou a ir adiante engatinhando, depois nem isso conseguiu mais e saiu se arrastando.”

“Mas quem foi que lhe contou essas coisas?”, disse Mimì.

“Foi a areia que me contou, Mimì”, respondeu Portera. “Veja você mesmo: está tudo escrito na areia. O marquês estava firmemente decidido a matar-se. Porém não creio que tenha morrido afogado.”

Mimì se afastou, percorrendo o rastro na areia do último esforço do dono. O delegado tinha razão.

“E como será que morreu então?”, perguntou o farmacêutico.

“Do coração. Estava muito velho, cansado demais e a água fria demais.”

O marquês chegou em trajes menores, tinha sido avisado por um auxiliar do delegado.

“Pobre papai, que fim horrível para ele”, disse quando viu o corpo do velho já totalmente limpo pelo mar. “Praticamente morreu lavando-se.”

## Dois

Federico Maria Santo era o herdeiro de 22 anos de idade da família dos marqueses Peluso di Torre Venerina. Federico Maria, mais que nascer da legítima união entre Don Filippo e Dona Matilde Barletta-Capodirù, tinha sido praticamente um produto, um fruto do fabuloso jardim do legendário Santo La Matina, em tudo semelhante às peras que faziam mijar copiosamente, aos pêsegos que provocavam enormes cagadas, à erva-doce selvagem que acabava com a asma, às amêndoas amargas que liquidavam de uma vez por todas com a febre terçã.

Tendo nascido a filha mais velha, Antonietta, chamada de ‘Ntontò, com a desmotivada colaboração do marido marquês, e vinda à luz sem problemas, para alegria de parentes, amigos e servos (só de fachada e por honra da firma compartilhada pelo pai, que, no entanto, teria preferido um filho varão), Dona Matilde convenceu-se de que estava concluído seu papel de mulher e mãe. Por isso, ficou espantada quando, na primeira noite que voltou a usar a cama, assim que apagou o lampião, seu marido imediatamente a procurou, e a partir daí continuou persistindo em conseguir seu objetivo até mesmo quando ela, se lhe dava na veneta, se queixava de uma dor itinerante que se deslocava ora para a barriga, ora para a cabeça.

Uma noite, mal a marquesa, já massacrada por três infundáveis penetrações acontecidas com intervalo de uma hora uma da outra, acabara de pegar no sono, virada de costas, quando ouviu o tocar do sino que chamava para a primeira missa e sentiu as mãos de seu marido que a agarravam novamente. E num abrir e fechar de olhos encontrou-se virada de barriga para baixo e com as pernas abertas. Era, para a marquesa, a posição mais cômoda de todas, a que lhe permitia dar uma cochilada de dez minutos, enquanto, a suas costas, o consorte trabalhava e suava. Mas desta vez a marquesa ficou desperta e, pelo contrário, falou. O som de sua voz teve o efeito de paralisar o surpreso marido, uma vez que, seguindo o conselho do falecido padre Carnazza, que os unira em matrimônio, as relações do casal deviam acontecer no mais rigoroso silêncio: admitia-se apenas, da parte feminina, a recitação de algumas jaculatórias adequadas à situação, mas em voz baixa, quase num suspiro.

“Por quê?”, perguntou simplesmente Dona Matilde, levantando um pouco a cara do travesseiro.

“Por que o quê?”, retrucou o marquês, ofegante, mas continuando a penetrá-la com firmeza.

“Por que faz o que está fazendo?”

Um touro, diante de tal pergunta, ficaria zozzo e teria desistido. Mas o marquês era duro como uma rocha.

“Porque você tem que me dar um filho macho”, explicou, e voltou à carga.

A tentativa de engravidar a marquesa continuou durante quase dois anos, e Dona Matilde começou a pensar seriamente em refugiar-se no convento de Santa Maria di Cupertino, perdido entre as montanhas das Madonie e do qual se dizia que nunca pés de homem lhe haviam ultrapassado a soleira.

“Certo, porque os homens entram e entram pela janela”, afirmava o barão Uccello, ateu e, nessa época, conselheiro mor do marquês quanto ao modo mais apropriado de vir a gerar o herdeiro Peluso.

“Experimentou com a posição que os alemães chamam de urso dançarino?”

“Sim. E nada.”

“E com a que os árabes chamam de serpentina?”

“Até com essa. E continua ainda não dando em nada. Olha, meu caro, estou convencido de que o bom resultado não tem nada a ver com a posição, nem com os dias, nem com o sol, nem com a lua. A razão

deve ser outra. E não pode nem se tratar de um caso, como diz o doutor Smecca, de *impotentia generandi*. Eu tive uma filha.”

A este justo argumento o barão Uccello foi fulminado por uma suspeita que explodiu dentro dele como um tiro no silêncio da noite. Apressou-se a sepultar seu eco no âmago da consciência, mas uma chispa de luz nos olhos foi o suficiente para traí-lo. O marquês já havia lido em suas pupilas, preto no branco, o pensamento e suas implicações.

“Se eu voltar a ver esse lampejo em seus olhos, que sei bem o que quer dizer”, falou o marquês em um murmúrio, “eu lhe dou um tiro aqui e agora. Minha senhora é uma santa mulher. E eu nem tenho irmãos.”

Com a afirmação de que era filho único, Don Filippo pretendia referir-se à conhecida história do barão Ardigò, que, não conseguindo ter um filho e verificando que não era a baronesa que era estéril e sim ele próprio, tinha recorrido ao “segundo cano da arma” — como era chamado pelos caçadores —, ou seja, ao irmão caçula, que prazerosamente se tinha de imediato prestado a, na primeira investida, engravidar a graciosa cunhada, que, aliás, há muito desejava.

“Mas há também um pensamento que não me dá descanso, meu caro”, recomeçou o marquês, uma vez superado o incidente, “e é o seguinte: e se depois de todo esse esforço minha mulher vier a parir uma outra fêmea?”

“Por quê? O senhor não segue o método Sciabarrà?”, surpreendeu-se o barão.

“Não. O que é isto?”

“O método Sciabarrà...”

“É médico?”

“Médico? Sciabarrà? Não, é contador do município. Porém tem oito filhos, todos com colhões entre as pernas. Isto não basta? Aliás, meus dois filhos machos eu os tive graças a este método, ou seja, para ter, com certeza, um filho macho é preciso ficar um dia em jejum absoluto, caminhar de noitinha uns vinte quilômetros e logo em seguida ter relações.”

O marquês não se mostrou muito entusiasmado com a ideia.

“Mas é seguro?”

“Garantido. Veja o Totò Cumbo: depois de três filhas mulheres, praticando o método Sciabarrà teve um macho.”

A estrita aplicação do método fez com que, um mês depois, o marquês tivesse um colapso em praça pública: desabou de repente quando ia correndo para seu palácio, cumprindo seus vinte quilômetros diários, as calças e os sapatos cheios de lama porque naquele dia as cataratas do céu estavam abertas. O doutor Smecca, não conseguindo explicar aquela rápida decrepitude, prescreveu-lhe tratamentos reconstituintes e um mês de cama. Dona Matilde aproveitou-se imediatamente disso e, com a desculpa de não querer incomodar o doente querido, mudou de quarto e de cama, e pôde finalmente fechar os olhos e também uma outra parte do corpo.

“Estou perdendo tempo”, disse Don Filippo ao amigo Uccello, que tinha vindo visitá-lo. “Me sinto como um caçador imobilizado vendo a lebre escapar.”

O barão sorriu e olhou para ele misteriosamente.

“Não se desespere. Tive uma ideia brilhante. Confie em mim.”

Três dias depois, o barão Uccello voltou a visitá-lo com um embrulho debaixo do braço, os olhos reluzindo de alegria, e esperou que ninguém viesse molestá-los no quarto do marquês antes de decidir-se a abri-lo delicadamente. Do embrulho saiu um pepino gigante, de dois palmos, rijo, resultado evidente de um hibridismo, porque em uma das duas extremidades estavam enxertados dois pêssegos grandes como as bolas da cabeceira da cama. O marquês olhou, estatelado, aquele enorme pênis vegetal.

“Fui ver Santo La Matina. Falei de seu caso. Não queria saber de nada, dizia que não se pode ir contra a natureza. Ajoelhei-me a seus pés e finalmente ele se comoveu. É esta a solução.”

O marquês sentia-se cada vez mais confuso.

“E eu vou ter que usar isso? Vai ser difícil convencer minha mulher.”

“Mas o que é que está imaginando? Isto o senhor é que vai ter que comer, sem tirar a casca, cortando em fatias e colocando-as de molho dentro de uma jarra cheia de vinho tinto. O senhor tem que comer o pepino e os pêssegos nas sete auroras do primeiro dia do segundo quarto da lua, que vai ser daqui a uma semana. Está claro?”

“Só isso?”

“Deixe-me terminar.”

Enfiou a mão dentro do embrulho, tirou dali um pacotinho, que abriu com grande cautela. Nele havia duas sementes que pareciam de melancia, de cor escura e ressecadas.

“Estas duas sementes, pelo contrário, o senhor tem que engoli-las com um pouco de água uma hora antes da relação.”

“E o senhor acha que isto funciona?”

“É garantido.”

“Mas o senhor também me tinha garantido quanto ao método Sciabarrà.”

“Ah, esse, esquece, agora.”

Funcionou. Aos nove meses exatos, Federico Maria Santo Peluso di Torre Venerina veio à luz entre a lacrimosa alegria do marquês e a autêntica felicidade de Dona Matilde, que via assim desaparecer o pesadelo da perseguição noturna. O terceiro nome, Santo, que foi acrescentado ao bebezinho, era o evidente agradecimento do marquês à mágica hortifrutífera de La Matina, assim como era evidente que o pequeno, tendo uma cabeça de melão, um nariz de batata e os olhos em forma de sementes de melancia, continuava a fazer parte do mundo vegetal.

Crescendo, Federico Maria Santo foi, por comodidade dos familiares, chamado de Rico, mas os garotos com os quais brincava logo o apelidaram de Ricò. Aquele acento não era elogioso, mas expressava exatamente um juízo sobre seu caráter: sendo *ricò* nada mais, nada menos que a ricota (“Olha a *ricò*! Quem vai querer *ricò*?”), era o pregão que o vendedor gritava de manhãzinha com o cesto cheio de enrolados de ricota), aquele acento queria dizer que tanto o que tinha dentro do crânio quanto o comportamento de Federico Maria pareciam feitos de tremulante ricota fresca. Rico era, portanto, um menino de índole doce, os pensamentos de seu cérebro não vinham temperados com aquele sal que parece ser prerrogativa humana, e talvez precisamente por isso ele tivesse um temperamento que nunca se mostrava sombrio. Incapaz de formular uma frase com mais de duas palavras e um verbo, desatava com frequência em risadas que nada tinham de humanas, assemelhando-se mais, na impressão que davam e na forma, ao balido de uma cabra.

Ao anoitecer do dia 30 de junho de 1880, enquanto estavam jantando, Rico anunciou à família que no dia seguinte, seu vigésimo segundo aniversário, não queria comemorações. Levantar-se-ia de manhã bem cedo e, a cavalo, iria até a casinha do zelador Bonocore, na entrada do bosque da Citronella, bosque este que ele dizia ser uma espécie de mina sem fundo de cogumelos. Realmente, Rico tinha a maior gulodice por cogumelos crus. Havia mandado fazer gibões com um número maior de bolsos, nos quais guardava facas especiais, pequenos ancinhos e foices, um gancho, uma caixinha de sal e uma garrafa de vinagre: comia os cogumelos no próprio local da colheita, nunca os levava para casa, afirmando que perdiam o gosto.

“Você fica embasbacado com os cogumelos da Citronella”, disse Don Filippo, “e, no entanto, no bosque da Zagara tem muito mais.”

“Sim. Mas não têm o mesmo sabor.”

Ao amanhecer do dia seguinte partiu, escopeta no ombro. A espingarda era só para fazer figura, Rico jamais teria tido coragem de usá-la contra um ser vivo; à vista de um pássaro carregando um grãozinho de trigo no bico, de um coelho entrando na toca, de uma formiga arrastando um fio de palha, sentia-se tomado de estranha felicidade, uma espécie de música começava a soar dentro dele, cada vez mais alto, até fazê-lo explodir em um gigantesco balido.

Quando, depois de cavalgar por três horas, chegou ao largo em que estava a casinha de Bonocore, viu ir a seu encontro Carmelina, ofegante. Era este seu segredo: não eram realmente os bosques da Citronella que eram mais ricos que os outros. Mas na casa do zelador vivia Carmelina, a única criatura, estava certo disso, em condições de entendê-lo até o mais fundo de sua alma. Seu amor havia começado um ano antes e perdurava com crescente intensidade. E há um ano Rico se perguntava o que, nele, teria atraído Carmelina, qual a origem do milagre que estava vivendo. Lembrava confusamente, enquanto abraçava e beijava Carmelina, que estava falando com o zelador e que este lhe havia dito uma coisa que o fizera rir: à sua risada, Carmelina, que estava na margem do largo, se voltara de repente e começara a andar lentamente em sua direção, sem desviar os olhos. Sim, tudo havia começado assim: com sua risada. Beijou uma vez mais Carmelina, depois, sentindo que não podia aguentar mais, chamou o zelador para ver se ele estava nos arredores. Não houve resposta, o campo estava livre. Então, quase à força, arrastou-a para dentro do palheiro, despiu-se e, nu, deitou-se no chão. Paciente e devotada, Carmelina começou a lambê-lo. Depois de um instante, compreendendo que ele estava para explodir como um pepino selvagem e espalhar suas sementes em redor, Carmelina virou-se e esperou o peso de seu macho sobre o corpo.

Mal entrou no bosque, ainda suado devido ao ato amoroso, Rico começou a recitar a litania: *Clavaria pistillaria, Elvella mitrata, Morchella esculenta, Amanite cesarea...* Eram os nomes científicos dos cogumelos, que aprendera de cor virando e revirando as imagens do *De generatione fungorum*, de Marsigli, um livro de 1714 que tinha comprado de um amigo, pagando-o a peso de ouro. Aquela litania era um refinamento, uma pregustação evocadora do sabor real do cogumelo que iria comer em seguida. Chegando ao interior do bosque e dando uma olhada, estacou súbito. Em meio a um monte de espinheiros pareceu-lhe entrever a cabecinha branca e calva de uma criança de poucos meses, com os olhos arrancados. O resto do pequeno corpo não se via. Rico teve um calafrio de medo e sentiu imediata tentação de fugir. Mas se refez e começou a aproximar-se, dobrado em dois, pé ante pé, encurvado como para proteger-se de um golpe. Quando chegou a um passo e conseguiu ver melhor, suspirou aliviado e deu um balido altíssimo: tratava-se de um cogumelo gigante, o maior que já tinha visto. Tomado de euforia, desceu a mão armada com a pequena foice, sem se preocupar com as centenas de espinhos que lhe arranhavam a palma e o dorso.

Carmelina estava acordada, dado que Rico tardava. Estava anoitecendo e ela sabia que ele não gostava de andar de noite. Até o cavalo, amarrado a um tronco, estava começando a mostrar-se nervoso. Então, não aguentando mais a ansiedade, Carmelina pôs-se a correr em direção ao bosque. Bastou-lhe entrar um pouco: Rico estava apoiado a uma árvore, os olhos fechados, a baba escorrendo da boca, e não respondia à sua voz, que o chamava, desesperada. E foram precisamente aqueles gritos que fizeram acorrer o zelador.

“Sangue de Cristo!”, exclamou Bonocore e, talvez para descarregar o medo que lhe dava a vista de Rico, que parecia já estar morto, deu um chute violento em Carmelina, que se lamentava. Mas a cabra não se afastou um milímetro.

Dona Matilde há duas horas, em sobressaltos, dava voltas e mais voltas como uma maria em redor do leito em que Rico agonizava.

“Mataram ele! Deram um tiro nele!”

Em vão ‘Ntontò tentava detê-la, em vão lhe dizia que não tinha sido um homicídio, que se tratava de uma desgraça. De nada adiantava, Dona Matilde no máximo aceitava uma variante, com um grito tão agudo que os cavalos do estábulo lhe respondiam.

“Acertaram ele com uma escopeta!”

Em dado momento, o marquês, que estava observando com olhar turvo, imóvel como uma estátua, o ir e vir do doutor Smecca e do farmacêutico La Matina, chamados para vê-lo, em redor do moribundo, ergueu-se do sofazinho em que estava sentado ao lado do amigo Uccello e, em um tom calmíssimo que contrastava com a violência com que se erguera, chamou a mulher:

“Vem cá, sua mula fodida”.

A mulher se aproximou, tremendo toda.

“Ou você cala a boca, ou eu te arrebento!”

Imediatamente Dona Matilde encostou-se em um canto, choramingando baixinho.

“Pobre mulher, tenha pena dela”, disse o barão Uccello, acrescentando, inoportunamente, “pense em tudo que ela teve que aguentar para ele ser concebido.”

O marquês olhou-o de esguelha.

“Barão, quer me fazer um favor?”

“A seu dispor”, respondeu o outro, pondo-se rapidamente de pé.

“Quer parar de meter o bedelho e cair fora?”

O barão Uccello era uma pessoa boa e afetiva, mas também era capaz de comprar briga em qualquer situação: como agora, diante de um agonizante.

“Me mandar parar de meter o bedelho, a mim ninguém nunca mandou, sabe?”

“Pra tudo tem uma primeira vez.”

Foram interrompidos por Fofò La Matina.

“Querem fazer o favor de me ouvir?” Olhou para o doutor Smecca, que estava do outro lado da cama e prosseguiu: “O doutor tem razão. É sem dúvida alguma um envenenamento produzido por cogumelos. Don Rico deve ter tomado o *agarico piperino*, que é letal e abunda por aquelas paragens, por um *agarico mousseron*, que, pelo contrário, é comestível. Um erro trágico.”

O urro de Dona Matilde sobressaltou a todos, inclusive Rico, que, por um instante, abriu os olhos e em seguida os fechou.

“Não! Com os cogumelos meu filho era um sábio! Não ia errar! Deram um tiro nele! Mataram ele a tiros!”

Federico Maria Santo Peluso di Torre Venerina, o herdeiro, não conseguiu chegar à meia-noite. Expirou às onze e cinquenta e nove, praticamente sufocado pelo viático que o colérico Padre Macaluso lhe havia à força enfiado na boca, já que Rico não conseguia engolir, e que se havia entalado entre a garganta e o palato. Mas pouco importa, de qualquer maneira ia morrer mesmo.

No dia seguinte ao enterro o marquês sumiu, depois de ter avisado o barão Uccello.

“Meu caro, eu preciso espairer, arejar a cabeça. Vou para minhas terras. Não gosto de sentar-me à mesa com os de minha família.”

“Fizeram alguma coisa que o aborreceu?”

“Não fizeram nada, mas veja, meu caro, quando meu pai se jogou no mar, sabe-se lá por quê...”

“Como não se sabe por quê? Tinha noventa anos, há dez anos estava paralisado em uma cadeira, tinham que — falando com todo o respeito — limpar-lhe a bunda...”

“E daí? Meu pai teria sugado a vida do mesmo modo, até a última gota, até com os braços e as pernas cortados e plantados dentro de um vaso de salsa. Mas deixa isso pra lá. Não, eu não volto pra casa e lhe explico por quê. Quando meu pai se matou, pus a gravata negra e uma faixa negra de um palmo no braço. Com a morte de Rico nos vestimos inteiramente de negro, luto fechado. Até os criados estão de luto. Ontem à noite, ao jantar, parecíamos corvos servidos por corvos. Vou mudar de ares por algum tempo, meu caro.”

O marquês deu a primeira parada, breve, na casinha de Bonocore.

“Você tem que me contar tintim por tintim como foi que aconteceu.”

“Vossência deve saber que justo naquele maldito dia eu tinha ido comprar sementes em Santa Ágata. Voltei já de noite, não sabia nem que seu filho tinha estado aqui, só percebi isso quando vi o cavalo dele amarrado numa árvore. Estava desarreando a mula quando ouvi Carmelina...”

“Quem é Carmelina?”

“Aquela cabra que tá olhando pra nós. Berrava, desesperada, pensei que tinha se perdido no bosque ou que algum animal tivesse atacado ela. Corri pra lá e encontrei ela junto de seu filho. Se via que Don Rico tinha conseguido se arrastar de lá de dentro querendo vir pra minha casa, mas que não tinha conseguido chegar lá. Tava encostado numa árvore, tinha vomitado e, com o devido respeito, se borrado todo. Aí eu peguei ele, amarrei em cima do cavalo e levei pro povoado. Perdi um pouco de tempo porque a cabra vinha vindo atrás de mim que nem uma louca e eu tive que voltar pra trás e prender ela dentro do palheiro.”

Fez-se uma pausa.

“Porque vossência deve saber que Carmelina...”

Deteve-se.

“... que Carmelina e Don Rico estavam apaixonados.”

“Ah, sim?”

Bonocore lançou uma olhadela que dizia mais que as palavras.

“Sim.”

Fez-se silêncio. Então o marquês cortou uma fatia de pão que tinha colocado no alforje e aproximou-se de Carmelina. Ela estava imóvel e esperou que o marquês chegasse a três passos para dar um passo para o lado.

“Calma”, disse Don Filippo, agachando-se e jogando-lhe o pão. “Só quero te dizer obrigado por esse pouco de felicidade que deu a Rico.”

Levantou-se, voltou para onde estava Bonocore, tirou do bolso a carteira, apanhou algumas notas, entregando-as ao zelador. Este quase teve um ataque: nunca tinha visto tanto dinheiro.

“Faça para Carmelina uma casinhola linda, com telhado. E compre para ela o que houver de melhor para comer.”

“Para a cabra?!”

“Não, não para a cabra, como você diz. E sim para Carmelina, a noiva de meu filho.”

Bonocore teve vontade de rir, mas se conteve quando viu os olhos do patrão.

“E se quando eu voltar vir que não fez o que eu disse te arrebeno de tanta pancada e te deixo morto em um barranco.”

Bonocore entendeu que não era momento para brincadeiras.

“Por minha vida”, jurou levando o braço direito à altura do coração. “Será tratada como uma rainha.”

A segunda parada, desta vez mais prolongada, o marquês deu na casinha de Natale Pirrotta, seu arrendatário nas Zubbie, vinte mil hectares cultivados de vinhedos. A casa estava situada em uma elevação coberta de olivais sarracenos, e de algumas de suas janelas via-se a longínqua linha do mar. A habitação exibia uma recente construção em nível mais alto, rebocada e caiada de branco, e provida até de um lavatório para as necessidades. Era o quarto que Pirrotta havia construído há dois anos atrás para Don Filippo, depois de terem feito um acordo. O arrendatário era um homenzarrão e tinha sido casado por muito tempo com uma mulher trabalhadora, doméstica, de coração generoso, mas com um único e gravíssimo defeito: não podia ter filhos. E tinha sido este seu problema que o tornara simpático ao marquês, que, por sua vez, naquela época estava querendo um filho varão. Quando a mulher do arrendatário morreu, caindo do telhado em que havia subido para consertar uma goteira, Natale, passado o tempo de luto obrigatório, resolveu casar-se de novo. O doutor Smecca, que era para Pirrotta uma espécie de pai espiritual, aconselhou-o a casar-se com Trisina, a bela filha de 18 anos de uma velha empregada sua. À observação que Pirrotta lhe fez, de que haveria mais de trinta anos de diferença entre marido e mulher, o doutor replicou que era exatamente aquilo que se precisava para que Natale pudesse finalmente ter um filho: carne firme e jovem, terreno fértil para um sêmen cansado.

“E se ela não me aceitar? Sei lá, se me achar velho demais?”

“Aceita, aceita, não tenha dúvida. Amanhã mesmo falo com sua mãe.”

Na primeira noite que passou com a recém-casada na casa das Zubbie, Pirrotta sentiu, por assim dizer, com a mão que o doutor Smecca já tinha provado daquela comida. Mas fingiu não perceber nada, decidindo que consideraria a mulher um objeto necessário para ter um filho, assim como um balde serve para tirar a água do poço ou um enxadão serve para lavrar a terra. Mas, decorridos já três anos, não tinham tido filhos. Uma noite, Natale chegou ao quarto em que dormia com Trisina e separou a cama de casal em dois estrados com dois colchões.

“Você já não me serve mais pra nada”, disse a Trisina, mostrando-lhe as estreitas camas separadas.

“Pode voltar a trepar com o doutor.”

Um dia em que seguiam a pista de uma lebre, Pirrotta contou essa história a seu patrão.

“Mas, de verdade, você não se importa que Smecca foda com ela?”

“Ele, ou outro, pra mim tanto faz.”

“E se fosse eu?”

“Ficaria honrado”, disse o arrendatário.

Puseram-se de acordo e Pirrotta construiu o quarto para que o patrão, quando fosse ver Trisina, pudesse ficar mais à vontade.

O marquês, cansado da cavalgada da Citronella até as Zubbie, mal tinha acabado de lavar-se e não tinha nem trocado de roupa, quando ouviu o chamado do arrendatário. Assomou à janela. No largo em que ficava o poço, Pirrotta estava ao lado da mula encilhada.

“Vou à feira de animais em Mascalcucia. Vou ficar fora três dias e três noites. Se precisar de alguma coisa, o senhor pode pedir a Trisina. Sua bênção.”

Montou na mula e partiu. Pirrotta queria manter as aparências até quando estavam sozinhos. Depois de algum tempo, o marquês viu Trisina ir ao poço, tirar o corpete e começar a banhar-se. Então se deitou na cama, fechou os olhos por um momento e a seguir os reabriu ao ouvir um ruído. Trisina, completamente nua, os seios teimosos apontados em sua direção, estava à porta e lhe sorria.

Quando Don Filippo Peluso chegou ao portão de sua casa, depois de oito dias de ausência (tinha mandado Pirrotta fazer outras viagens), a primeira coisa que ouviu foi a voz de Dona Matilde, elevadíssima, que atravessava as persianas cerradas por causa do luto.

“Atiraram nele!”

No pátio o criado Mimì o avisou que de noite ninguém da casa conseguia pegar no sono por causa dos gritos da senhora marquesa. Sem dar um pio, o marquês montou novamente a cavalo, concedendo-se pelo menos outros sete dias de licença-prêmio com Trisina, o que daria continuidade ao processo de transformação do arrendatário Pirrotta em uma espécie de viajante compulsivo. Culpa sua, aliás, por querer manter o decoro até diante de um gafanhoto, como naquela vez em que, voltando antecipadamente, encontrara sua mulher e seu patrão juntos na cama, nus como vermes. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, Natale relatou o que tinha que relatar e em seguida perguntou:

“Vossência sabe onde se encontra minha mulher Trisina?”

“Acho que ela foi para a horta”, respondeu o marquês entrando no jogo.

“Vou falar com ela”, disse Pirrotta, e saiu.

“Já que para aquele merda eu estou na horta, acho que vou colher este lindo pepino”, disse Trisina rindo e agarrando-o com mão firme debaixo do lençol.

Com empurrão violento e inesperado o marquês a fez voar para fora da cama.

“Não deboche de seu marido, você lhe deve todo o respeito, porque ele merece.”

Antes de refugiar-se na casinha de Pirrotta e na natureza manancial de Trisina, o marquês foi ver, na cidade, “Salamone e Vinci”, famosos joalheiros. Sem responder às lamentosas condolências dos dois sócios, plantou-se diante da escrivania de Salamone (não queria tratar de nada com Vinci, não porque fosse menos competente que o outro, mas porque, sem qualquer razão, lhe era antipático) e tirou da sacola cinco projéteis detonados, que colocou sobre a mesa.

“Não se inquiete”, disse vendo a cara que fazia o joalheiro, “fui eu que, ao vir para cá, disparei estes projéteis contra uma árvore e depois os tirei fora com uma faca.”

“E o que quer que eu faça com eles?”

“Vou já lhe explicar.”

Vendo-o entrar em seu quarto, agarrar com ar de dono uma poltrona e sentar-se diante dela, que estava afundada em uma outra poltrona, Dona Matilde ficou confusa. Mas depois decidiu falar com o desconhecido.

“O senhor está sabendo que mataram meu filho?”

Don Filippo não se surpreendeu, ‘Ntontò já lhe havia dito que desde um mês antes a coitada não reconhecia mais ninguém e por isso tratava a todos por senhor.

“E você, diante disso, o que faz?”

“Também a trato por senhora”, respondeu ‘Ntontò, esboçando um pálido sorriso, “e observo em tudo e por tudo a etiqueta.”

“E sabe o que é mais estranho em tudo isso?”, disse ainda a marquesa ao desconhecido. “O estranho é que ninguém acredita nisso. Dizem que se envenenou com cogumelos. Logo ele, que de cada cogumelo que existe neste mundo de Deus conhecia morte, vida e milagres. É nascido aqui?”

“Quem?”, perguntou o marquês apanhado de surpresa.

“O senhor. É daqui?”

“Não, estou só de passagem.”

E de passagem realmente se sentia, porque no momento mesmo em que retornara à casa tinha amadurecido a decisão de passar outros três meses nas Zubbie.

“Sou um amigo de seu marido, o marquês”, continuou.

“Aquele grandecíssimo corno”, disse a meia voz Dona Matilde.

O marquês teve um sobressalto e enfureceu-se.

“Está dizendo isso por dizer ou é mesmo verdade?”

“Por que faz esta cara? Não é seu irmão nem nada.”

“Marquesa, não mude de assunto. A senhora tem que responder sem subterfúgios à minha pergunta.”

“Disse por dizer. Está contente?”, e sorriu com um sorriso distante, como se de sua devastada memória tivesse súbito emergido uma ilha minúscula e feliz. Perturbado, mas com receio de ir adiante, o marquês resolveu que era melhor ir direto ao ponto que queria.

“O marquês seu marido mandou fazer a autópsia do Rico.”

“Que quer dizer esta palavra que disse?”

“Quer dizer que procuraram dentro dele. E encontraram isto.”

Tirou da sacola um grande estojo, que abriu: um colar de ouro, pedras preciosas e chumbo rebrilhando.

“Está vendo isto? São os cinco projéteis que encontraram no corpo de Rico. Seu marido mandou incrustá-los. A senhora esteve sempre com a razão, marquesa: ele foi morto a tiros.”

“Lindo”, disse Dona Matilde pegando o colar, atraída como uma pega pelo brilho e esquecendo-se de sua vitória, que significava o reconhecimento de que seu filho havia sido morto exatamente do modo que ela sempre afirmara.

“Meus cumprimentos, marquesa.”

Com uma elegante reverência, Don Filippo já estava saindo quando a voz da mulher o deteve.

“Esta pessoa está com o senhor?”

“Que pessoa?”, disse o marquês olhando em torno e não vendo ninguém.

“Aquele ali”, retrucou Dona Matilde com ar de enfado, indicando o gato Mustafà, que dormia aos pés da cama.

“Não, este senhor veio por conta própria.”

No corredor, enquanto se dirigia para seu quarto, Don Filippo imobilizou-se, tomado por um pensamento imprevisto.

“Se minha mulher não distingue mais um gato de uma pessoa humana, por que haveria de distinguir uma cabra de uma mulher? Um dia destes trago para cá a Carmelina, apresento a ela, digo que era a noiva secreta de Rico e ela vai estimá-la e tratá-la como a uma filha.”

“E já perdeu três partidas seguidas, marquês. Está me parecendo um pouco aturdido. Em que pensa?”

“Em uma cabra.”

“Em uma cabra, cabra?”

“Sim, senhor, isto mesmo.”

O barão Uccello teve pena do amigo, evidentemente não conseguia recuperar-se da perda do filho. Jogaram outra partida, que também foi ganha pelo barão.

“Parece que hoje não é meu dia”, disse Don Filippo e prosseguiu: “Queria lhe perguntar uma coisa, meu caro. É uma coisa íntima e o senhor fica totalmente livre de responder ou não.”

“Diga lá.”

“O senhor quer bem a suas duas noras?”

“Não sei por que me faz esta pergunta, nem quero saber. Porém lhe respondo. Sabe, quando Sarina, a mulher de meu filho mais velho, vem me visitar, eu me encanto em olhá-la e não posso deixar de suspirar de vez em quando. Se vejo que ela deseja algo, estou pronto a dar-lhe, seja lá o que for. E quando ouço ela me agradecendo com sua voz suave me derreto todo. Já com Luisina, a mulher do meu caçula, é exatamente o contrário, Santo Deus!”

“Não lhe quer bem?”

O barão olhou em redor, pegou a cadeira, afastou-a e sentou-se ao lado de Don Filippo para poder falar-lhe em voz baixa.

“Agora vou lhe confessar uma coisa da qual me envergonho de falar e por isso o senhor não me olhe enquanto estiver falando. Na noite passada eu sonhei com Luisina, que ela estava dormindo na minha cama e acabávamos de fazer o que fazem um homem e uma mulher. Está claro? A luz da lua entrava através da persiana e eu estava parado, a contemplá-la, nua e branca. É isto que quero dizer, meu amigo.”

Fez uma pausa.

“O senhor, infelizmente, nunca mais poderá confirmar isso, mas um pai sempre se apaixona pela mulher amada pelo filho.”

Então o marquês a viu, na clareira à entrada do bosque, a linda cabra de Girgenti, de pelo longo, branco e marrom, os grandes olhos úmidos e assustados, os recurvados chifres de licorne, as suavíssimas tetas da cor do pão tostado. E, ao assim ver Carmelina, de repente o marquês entendeu a maneira de ser de seu filho e entendeu o que, como ser humano, tinha perdido, ao perdê-lo. Pela primeira vez após a desgraça uma dor verdadeira, profunda, irrompeu dentro dele, deixando-o arrasado.

De noite, enquanto ‘Ntontò e Don Filippo jantavam, servidos pela criada Peppinella e seu marido Mimì, ex-salteador de estradas e ex-condenado, empregado na casa pelo pai do marquês por pura simpatia, Don Filippo não tirava os olhos de sua filha ‘Ntontò. O preto do luto lhe caía bem, parecia uma boneca de açúcar, curvas suaves como uma cabecinha de alho, o colo aconchegante, os longos cabelos louros, as faces muito rosadas, os olhos claros e um tanto perturbados.

“A quem será que puxou?”, perguntou-se o marquês, que por compleição era escuro como uma barata, tal como Dona Matilde. Mas cortou imediatamente a questão, lembrando-se do indefinível sorriso da mulher.

“Minha mãe comeu?”, perguntou ‘Ntontò a Peppinella.

“Pouquinho, mas comeu”, disse a criada. Dona Matilde não queria mais sair de seu quarto, por motivo algum do mundo.

“Até a voz é bonita”, disse o marquês para si mesmo. Em seguida dirigiu-se diretamente a ela:

“Mas por que você não quer se casar? Não é por não lhe terem trazido bons pretendentes.”

“Por ora não quero me casar.”

“E quando então, minha filha? Lembre-se de que já tem quase 25 anos e por estas bandas...”

“Agora resolveu bancar o pai de família?”, exclamou ‘Ntontò. “Depois de nunca ter demonstrado o menor interesse nisso?”

O marquês não reagiu e continuaram a comer em silêncio.

“É lindo”, disse ‘Ntontò depois de um instante para romper o profundo silêncio que se instalara, “o colar que deu de presente a minha mãe. Mas por que mandou pôr cinco pedaços de chumbo?”

“Disse a ela que eram os projéteis que mataram o Rico.”

“Mas Rico morreu envenenado com cogumelos!”

“Eu sei, mas, pelo contrário, dei razão à ideia fixa dela contando-lhe uma fantasia.”

“E por quê?”

“Porque, você vai ver, assim ela se acalma. Não vai mais dar gritos e nós vamos poder dormir em paz de noite.”

Mas, ao contrário, foi uma noite terrível. Deitado atravessado na cama de casal, o marquês há duas horas dormia como um morto quando algo lhe roçou pela face. Pensando que se tratava de um inseto, de uma daquelas baratas voadoras que nos meses quentes na Sicília esvoaçam como um bando de andorinhas, deu-se um tapa que teve o efeito de despertá-lo por completo. Don Filippo abriu os olhos, à débil luz de uma lamparina que deixava acesa a noite inteira, viu uma forma branca parada aos pés da cama. O

marquês era um homem pouco profundo, mas temperamental, capaz, portanto, de passar de gestos de impetuosa coragem a outros de vergonhosa covardia. E neste momento pôs-se em ação seu lado medroso. Em um piscar de olhos e sem que nada o justificasse, persuadiu-se de que aquela forma branca era o fantasma de Rico. Ficou empapado de suor.

“Que queres? Que foi que te fiz?”, começou a suplicar ajoelhando-se na cama de mãos postas. “Tem piedade de mim.”

Como o fantasma não lhe respondesse, o marquês, lembrando que a luz era inimiga destas aparições de além-túmulo, conseguiu acender o lampião da mesinha de cabeceira, depois de algumas tentativas frustradas pelo tremor das mãos. Mas, em vez de desaparecer, a forma materializou-se na pessoa de Dona Matilde, descalça, de camisola, os cabelos soltos, os olhos brilhando, toda preparada e maquilada a ponto de parecer ter vinte anos menos.

“Queria agradecer ao senhor”, disse a marquesa, “pelo presente que se deu ao incômodo de me trazer.”

Calou-se, enquanto Don Filippo ficava de olhos vesgos em vê-la tão nova que chegava a despertar desejos. Em seguida Dona Matilde continuou:

“Mas, além do agradecimento, vim incomodá-lo por uma outra coisa.”

“Às suas ordens”, disse Don Filippo, e abriu espaço no leito para dar-lhe lugar. Mas no mesmo instante se deteve, enraivecido. Como sua mulher se permitia entrar de noite no quarto daquele que era para ela um desconhecido e, ainda por cima, com intenções muito claras? Mas estava redondamente enganado quanto às intenções.

“O que quero lhe perguntar, senhor, é o seguinte: sabe me dizer o nome de quem atirou em meu filho?”

“E quem há de saber o nome? Alguém que não gostava dele.”

“Ninguém podia deixar de gostar do Rico.”

O marquês refletiu que, se lhe dissesse um nome, qualquer que fosse, ela voltaria tranquila para seu quarto, e ele poderia voltar a dormir.

“Está bem. O nome é Abdul. Trata-se de um árabe que vive lá para os lados de Trapani.”

“E por que matou o Rico?”

“Pertence a uma seita de maníacos que matam os rapazes que têm 22 anos, se chamam Federico e comem cogumelos.”

“Obrigada. O senhor tem sido muito gentil. Vai ficar ainda conosco?”

“Mais um pouco.”

“Então eu me despeço porque parto amanhã.”

“E a que lugar especial vai, marquesa?”

“Para os lados de Trapani. E assim que vir o árabe atiro nele. Com isto.”

Tinha mantido o braço direito atrás das costas. Agora estendeu o braço na direção do marquês: empunhava com firmeza uma grande pistola, que apontava para ele. Neste momento surgiu o outro aspecto de Don Filippo, o temerário. Com um grito de assustar um lobo, o marquês jogou-se contra a mulher e agarrou-lhe o pulso da mão armada. Rolaram juntos por terra. Um primeiro tiro foi disparado, quebrando o lampião. O querosene derramou-se na cama, e os lençóis pegaram fogo. Os dois continuaram a lutar, emitindo gritos descontrolados. O segundo tiro foi em direção à porta pela qual estava entrando Mimì naquele exato momento. Este, recuperando a intuição de ex-bandoleiro de estrada, só pelo som calculou o alcance e a trajetória do projétil, afastando-se o quanto bastava. Acorreram, também gritando, ‘Ntontò e Peppinella, e os dois adversários foram finalmente separados.

“Este homem jogou-se em cima de mim. Queria fazer coisas sujas e apontou-me uma pistola”, disse muito calma e de um fôlego só Dona Matilde.

“Eu?! Mas se foi você quem apontou a pistola contra mim!”

“Me trate por senhora, safado!”

‘Ntontò e Peppinella levaram a marquesa, fechando-a a chave em seu quarto, depois correram a ajudar Don Filippo e Mimì a apagar o princípio de incêndio. Trabalharam até o amanhecer.

“Tudo bem em casa?”, perguntou o barão Uccello.

“Sim, por quê?”, respondeu o marquês, que estava perdendo a terceira partida da manhã.

“Bah, então quer dizer que no povoado estavam dizendo besteiras.”

“De que tipo?”

“Que na noite passada, em sua casa, se ouviram dois tiros e depois se viram chamas por trás das persianas.”

“Mas a gente deste povoado faz o que durante a noite, em vez de ir dormir ou se preocupar com seus cornos?”

“Bah. Dizem que foram dois tiros de espingarda... ou de revólver... sei lá.”

“Fui eu, meu caro. Tinha comprado dois morteiros para soltar durante a festa de San Calorio. Mas não pude fazer isto porque estamos de luto. Então quis ver se estavam bons.”

“De noite?!”

“Por que não? Tem hora marcada para se testarem os morteiros?”

Não havia nada a fazer. O marquês estava sentado à escrivaninha enquanto de pé a seu lado o contador Gegè Papìa, que era seu administrador, colocava à sua frente os papéis a serem assinados. Antes de apor cada assinatura, Don Filippo cheirava os dedos. Não havia jeito. Tinha-se lavado e voltado a lavar, mas o cheiro da pele de Dona Matilde o havia impregnado, permanecendo em suas mãos, nos braços, por toda parte. Tinham-se agarrado demais à noite durante a briga. Don Filippo assinou o último papel. Os Peluso eram, de certo modo, traidores de seu nível social e do censo: sabiam ler e escrever, enquanto a maioria dos outros nobres costumava assinar com uma cruz. “Não assina porque é nobre”, ler e escrever eram coisas de escreventes, de pobres empregados. Papìa fez uma reverência e saiu, dando margem a que Don Filippo se cheirasse livremente.

Depois de um leve toque entrou ‘Ntontò.

“Disse a Papìa para pagar as cerimônias fúnebres de meu avô e do Rico? Esta manhã mesmo padre Macaluso me lembrou isso. Papìa nem morto daria um tostão aos padres.”

“Já disse a ele. Hoje mesmo a igreja será paga. Já que você está aqui, me diga uma coisa: sua mãe ainda tem regras?”<sup>[5]</sup>

‘Ntontò mostrou-se logo ofendida.

“Mas como é que lhe passa pela cabeça neste momento bancar o espirituoso? É claro que tem, as do senhor.”

“Ah, você não me entendeu. Sua mãe ainda tem menstruação?”

‘Ntontò ficou rubra.

“Mas que porcaria está lhe passando pela mente? Minha mãe não é mais mulher há dois anos.”

Desatou a chorar e saiu correndo.

Don Filippo voltou a sentir o cheiro das mãos.

Foi uma segunda noite de inferno. Nu, o cheiro de sua mulher se havia tornado mais forte, trazendo a sua memória noites de vinte anos atrás, quando ele e Dona Matilde ficavam lado a lado por razões mais agradáveis. E ainda por cima o cheiro de queimado havia ficado grudado nas paredes e lhe dava tosse, mas não tinha vontade de levantar-se e ir para outro quarto. Agitando-se, culpava o forte calor que havia,

embora estivessem em fins de setembro. Quando ouviu os sinos chamando para a primeira missa, vestiu-se e saiu pé ante pé, fechando o portão atrás de si sem fazer ruído.

Esperou de pé no fundo da igreja que a missa acabasse e que quatro velhas e dois camponeses encurvados pelo trabalho na terra saíssem para, em seguida, correr para a sacristia. Padre Macaluso, que estava tirando os paramentos com a ajuda do sacristão, ficou evidentemente surpreso, mas não deu a menor demonstração. Intratável e irritadiço como era, por natureza, esperou que o marquês o cumprimentasse primeiro, enquanto que a Don Filippo não lhe passava nem pela antecâmara do cérebro dirigir um cumprimento a um padre filho de camponeses de pés barrentos. Acabaram não se cumprimentando. E, por birra, padre Macaluso dobrou os paramentos levando cinco vezes mais tempo que o necessário.

“Vou te cozinhar em banho-maria, seu corno.”

Mandando embora o sacristão, o padre finalmente olhou para o marquês.

“Que quer?”

“Queria falar com o senhor.”

“Ah, menos mal, pensei que tivesse vindo aqui às cinco e meia da manhã só para me fazer a barba.”

O marquês não se deu por achado.

“E queria também que o que tenho a lhe dizer ficasse em segredo.”

“Olha, eu de coisas alheias por princípio não falo, mas se quer ficar mais seguro confie no segredo do confessionário. O que acha?”

“Queria lhe falar de homem para homem.”

“Então fale.”

“Quero um filho.”

“Porra! Vai começar tudo de novo?”

“Que quer dizer com isso?”

“Olha, quando me fizeram pároco desta igreja, sucedendo ao saudoso padre Carnazza, foi exatamente na época em que o senhor teimava em ter um filho varão e a marquesa vinha se confessar todos os sábados. Está explicado?”

“Está explicado o caralho!”

“Não, era o senhor que se explicava, com o caralho, como se fosse um estandarte, todas as noites que Deus mandava à terra.”

“Mas o matrimônio não foi feito para isso?”

“Sim, senhor, também para isso. Mas não para satisfazer a seu egoísmo e a sua vaidade. O senhor queria um filho varão para ter um herdeiro a quem deixar seu nome e bens. Mas o que acha que seja um nome? O que acha que sejam os bens terrenos? São merda.”

“Perdão, mas, se me dá prazer dançar na merda, que tem o senhor a ver com isso?”

“Vamos deixar isso pra lá. O que quer de mim?”

“Olha, antes de continuar lhe digo uma coisa que eu não teria obrigação de lhe dizer: o senhor está errado nessa história do herdeiro. No caso de Rico tem razão. Mas a este outro eu vou querer bem como qualquer cristão pode querer e sem um centavo no bolso.”

“Isto lhe dá mérito. Mas não creio que Dona Matilde esteja mais em condições.”

“E quem está falando em minha mulher?”

O padre pestanejou.

“Será que ouvi bem?”

“Muito bem.”

Padre Macaluso ficou como um pimentão, meio vermelho, meio verde.

“Santo Cristo! O senhor vem aqui, na casa do Senhor, para me dizer que quer cometer adultério?”

“Mas que adultério, que palavra grosseira! Eu faço um filho com uma mulher — com a minha não posso, o senhor mesmo disse —, depois adoto a criança e pronto, está feito.”

“Como Dona Matilde está viva, continua sendo adultério! Quando a pobre senhora tiver sido chamada para o céu, o senhor, depois de um certo tempo de viuvez, pode se casar com a mulher de quem quer o filho e fica tudo certo.”

“O fato é que a mulher de quem quero ter um filho já é casada.”

“Então o senhor, de um jeito ou de outro, está mesmo decidido a cometer adultério! O senhor está com ideia fixa, está obcecado pelo adultério! Não sabe que é um pecado mais negro que o homicídio?”

“Está querendo brincar comigo?”

“Não estou brincando, seu cretino!”, gritou padre Macaluso sufocado pela raiva. E erguendo no ar uma pesadíssima cadeira não se poupou de dar algo de quebra<sup>[6]</sup> ao marquês:

“Saia imediatamente da casa de Deus, pedaço de merda!”

# Três

Em poucos dias o marquês arrumou suas coisas, deu procuração ao contador Papià para assinar, mandou carregar quatro baús em duas mulas e partiu para as Zubbie. Ao vê-lo chegar, tirar dos baús ternos pesados, agasalhos de lã e casacos, Natale Pirrotta fez cara feia.

“O senhor me perdoe, ‘celença. Mas, se tem intenção de passar todo o inverno aqui, eu vou ter que viajar pela Sicília inteira, ficar girando que nem um pião, uma piorra?”

“Não se preocupe, Natà. Amanhã chega Maddalena, a irmã mais velha de Peppinella, que tem setenta anos. Vai dormir com Trisina. Assim ninguém pode ficar com maledicências.”

“E eu, para onde vou?”

“Você vai dar uma ajudinha a Sasà Ragona, o arrendatário do Vale dos Cavalos. Está com malária e não pode mais trabalhar como antes. E, quando você quiser, vem cá para cumprimentar Trisina.”

Em sua casa o marquês só voltou a aparecer na véspera do Natal. A primeira coisa que notou foi que na capela não havia presépio.

“Mas o senhor se esqueceu?”, disse ‘Ntontò. “Quem fazia o presépio era o Rico. Eu não sei fazer, e Mimì tampouco.”

Don Filippo lembrou o presépio de Rico. Sim, tinha as montanhas, feitas de estrume, as palmeiras, o riacho, a gruta, o boi e o asno, mas ficava tudo coberto, atapetado com uma espessa camada de cogumelos. E o próprio Menino Jesus era exatamente como um cogumelo, entre o cogumelo José e o cogumelo Maria.

“Sua mãe está acordada?”

A um sinal afirmativo de ‘Ntontò, abriu a porta, mas deu um passo atrás devido ao mau cheiro.

“Cristo! Por que não abrem a janela?”

“Ela não quer.”

Vencendo a náusea, entrou e sentou-se diante da mulher.

Em três meses se havia tornado uma velha, os cabelos completamente brancos. Mal se conseguia enxergar dentro do quarto, a chama do lampião era mantida baixa e Dona Matilde se esforçava, enrugando o rosto, em ler a fisionomia do visitante. Para ajudá-la, Don Filippo aproximou-se da cômoda, aumentou a chama e sentou-se novamente. Foi então que a marquesa o reconheceu.

“Socorro!”, começou a gritar. “Socorro! Por caridade, me ajudem!”

‘Ntontò, Peppinella e Mimì vieram correndo e aconteceu a confusão habitual. A marquesa havia conseguido, com a força de seu desespero, soerguer-se da poltrona, agarrando-se a seus braços.

“É ele! É aquele homem que queria atirar em mim! E aquele que queria fazer coisas sujas comigo!”

Antes de sair, Don Filippo ainda se voltou para olhar a mulher. E pareceu-lhe — mas certamente isto não era possível, devia ser efeito da luz bailarina do lampião — que ela estivesse rindo.

“Vamos pôr mamãe na cama e depois saímos”, disse ‘Ntontò. “Vamos à Missa do Galo, eu, Peppinella e Mimì.”

“Até Mimì?”

“Sim, claro.”

“Esse aí tem que ouvir muitas missas até pagar todos os seus pecados.”

“E o senhor, vai fazer o quê, papai? Vai ao clube?”

“Não sei ainda.”

Ficou sentado, um longo tempo, diante da mesa vazia, bebendo de vez em quando um gole de vinho. Depois, quando teve certeza de que todos já tinham ido embora, dirigiu-se para o quarto de Rico. Havia anos que não punha os pés ali e súbito lhe pareceu muito menor do que o recordava. Pousou o lampião em uma escrivaninha e olhou em redor. Parecia-lhe experimentar uma sensação esquisita que não conseguia explicar e que, quanto mais olhava e voltava a olhar, mais forte se tornava. De repente entendeu a razão: era o quarto de um homem-feito, como indicavam a medida da cama, as roupas, os sapatos e a escopeta encostada em um canto, que evidentemente Bonocore tinha trazido de volta do bosque. Mas o quarto era também o de um menino, e esta impressão era dada, por exemplo, pelos desenhos pendurados nas paredes, desenhos feitos em data recente, e que representavam, em traço infantil, “papai”, “mamãe”, “minha irmã ‘Ntontò”, como estava escrito embaixo. Abriu a gaveta da escrivaninha e deu com uma pilha de folhas, também cheias de desenhos que tinham sempre o mesmo tema: uma cabra. Olhando um atrás do outro, o marquês pôde ver com que aplicação Rico fizera progressos: a última folha era, de fato, um retrato real e perfeito de Carmelina. Rico o fizera em cores e tinha caprichado até nos matizes. Com um gesto de raiva, de que nem se deu conta, jogou as folhas para o alto e saiu.

“Que noite de Natal de merda”, disse para si mesmo. “Agora vou até o clube e ponho em jogo um feudo.”

Porém, sentiu-se tomado de súbito cansaço, doíam-lhe as costas como se tivesse carregado um peso. Abriu lentamente a porta do quarto de Dona Matilde e olhou. Havia somente uma lamparina acesa, o que o deixou mais seguro, não queria muita luz, podia acontecer, se ela o visse e reconhecesse, que se armasse outra confusão.

Sentou-se em uma poltrona aos pés da cama. Dona Matilde dormia de boca aberta e de vez em quando soltava um gemido. Lentamente Don Filippo estendeu uma das mãos e pousou-a no rosto da mulher, depois a retirou, apoiou-a no nariz e tirou-lhe a respiração. Nada. A mão cheirava a suor rançoso. O marquês ficou ainda um tempo a olhá-la, depois lhe disse:

“Esta noite eu passo com você. Feliz Natal, Matì.”

Quando ‘Ntontò, voltando da missa, quis dar uma olhada na mãe, encontrou Don Filippo adormecido. Não o despertou.

O marquês percorreu o caminho para as Zubbie a galope, como se estivesse sendo perseguido, e chegou em corrida tão desabalada no largo da casinha que deu um susto em Trisina, Maddalena e Pirrotta, que estava se despedindo delas para retornar ao Vale dos Cavalos.

“Natà, será que você não pode ir amanhã de manhã? Eu preciso que me explique uma coisa.”

À noite, depois do jantar, sentaram-se perto do poço, e o marquês quis saber como podia fazer para ele próprio construir uma lareira em seu quarto.

“Mas por que não chama um mestre de obras?”

“Porque eu quero construí-la com minhas próprias mãos. Não duvide, sou capaz de fazê-lo. E além disso me servirá de passatempo.”

“Mas vai ter que subir no telhado, e isto é perigoso: minha mulher, coitada, viu no que deu.”

“Pirrò, quero fazer da minha cabeça. Você tem as ferramentas?”

“Tenho tudo em casa.”

Terminadas as explicações, sentiu-se tomado pelo sono: despediu-se de Pirrotta, que partiria ao amanhecer e que dormiria no estábulo, para não incomodar as duas mulheres, e retirou-se para seu

quarto. Ficou um tempo sentado diante da janela, fumando seu cachimbo e depois, com as pálpebras já fechando, foi se deitar. Mas, como que por mágica, assim que se viu em posição horizontal, o sono lhe passou por completo. Durante horas virou e revirou entre os lençóis enrolados em redor do corpo molhado de suor, por fim persuadiu-se de que a única maneira era colocar-se de novo à janela, olhando a estrela matutina. Ouviu Pirrotta encilhando a mula no estábulo e partindo. Esperou que a luz da madrugada lhe permitisse ver a linha do mar e voltou a recolher-se, os olhos bem abertos, as mãos entrecruzadas atrás da nuca. Assim o encontrou Trisina, que se deitou a seu lado e começou a beijá-lo junto aos pelos da axila.

“Temos o tempo que a gente quiser”, disse. “Fiz a velha ficar meio lesa.”

“Que foi que você fez?”

“Botei um pouco de chá de papoula na sopa dela.”

“Mas não lhe fará mal?”

“Não, ‘celência, já exprimentei quando vossência não estava aqui. Isto faz ela dormir até amanhã bem tarde. Só reclama que sente um pouquinho de dor de cabeça.”

Em seguida começou a tocá-lo e desandou a rir.

“Que foi, ‘celência, ele também tá dormido? Pois já, já acordo ele do jeito que vossência gosta.”

Afastou o lençol e começou a deslizar ao longo do corpo do marquês, mas este a deteve, agarrando-a pelos cabelos.

“Deixe-o em paz”, disse. “Esta manhã ele está um tanto melancólico.”

Dona Matilde tomou sua decisão por volta de meados de janeiro. Acabavam de trazer sua comida, colocada em uma mesinha diante da poltrona, quando ‘Ntontò ouviu uma barulheira vinda do quarto da mãe. A mesinha estava virada, dois pratos quebrados, o caldo e os ovos moles sujavam o tapete.

“Caiu?”

“Na...”, disse Dona Matilde levantando o queixo.

“Então como foi que isso aconteceu?”

“Eu que fiz, de propósito.”

“E por quê?”

“Cansei.”

“Da comida?”

“Na...”

“De ficar sentada?”

“Na...”

“De que então?”

“De tudo.”

E a partir daquele dia não houve mais jeito de fazê-la engolir coisa alguma. Meteu-se na cama, sustentava-se apenas com um gole da água de um copo na mesinha e não quis mais falar com ninguém, nem com ‘Ntontò. O doutor Smecca, ao ir visitá-la, deu de ombros.

“Já esperava por isso, mais dia menos dia. Não está doente, apenas perdeu a vontade de continuar vivendo.”

Porém ‘Ntontò quis fazer outra tentativa e mandou chamar Fofò La Matina. Gentil e solícito como sempre, o farmacêutico fez uma visita à marquesa, confirmou o que tinha dito Smecca e voltou para a farmácia. ‘Ntontò o viu aparecer novamente em sua casa uma hora depois.

“Vamos fazer uma experiência”, disse Fofò, vertendo o conteúdo de um papelote no copo de Dona Matilde. “Isto deve abrir-lhe o apetite.”

Deu-se o contrário, o apetite da marquesa não melhorou e, como o farmacêutico estava querendo experimentar com pós de diferentes cores e com isso Dona Matilde sentia mudar o sabor da água, ela resolveu não beber mais e apenas molhar os lábios de vez em quando com um lenço. A esta altura, Fofò La Matina teve também que dar de ombros diante de ‘Ntontò, que não tinha mais nem olhos para chorar.

Don Filippo estava diante da lareira, de que se vangloriava como se tivesse construído o palácio real de Caserta, e se aquecia, com Trisina sentada no colo. Era o entardecer, Maddalena se tinha recolhido, devidamente dopada, e portanto não havia medo de surpresas. Surpresa houve, no entanto, quando o marquês ouviu que alguém o chamava do largo. Armando-se com a escopeta, abriu cautelosamente os vidros e as persianas.

“Sou eu, ‘celência, Mimì.”

“Que foi que houve?”

“Tem que vir pro povoado, já trouxe a charrete. A senhora marquesa tá morrendo.”

Partiram com Mimì dando chibatadas a torto e a direito no cavalo.

“Tenho medo de que a gente chegue tarde.”

Ao entrar no quarto de sua mulher, o marquês sentiu de imediato golpear-lhe a fronte o olhar fulminante de padre Macaluso, que recitava orações acompanhado por ‘Ntontò e Peppinella ajoelhadas aos pés da cama.

“Ainda está viva?”, perguntou.

Fofò La Matina, que estava de pé junto da janela, fez sinal que sim com a cabeça.

“Saíam todos”, disse o marquês. “Depois mando chamar vocês de volta.”

Obedeceram. A batida da chuva contra os vidros chegou no momento em que Don Filippo pegava uma cadeira para sentar-se à cabeceira. Em seguida, um pouco curvado para a frente, pegou a mão da mulher na sua. Ficou assim por um tempo. Em dado momento teve a impressão de que havia uma goteira no teto e que a chuva se infiltrava por ela. Ergueu os olhos, mas o teto estava intacto.

“Paciência”, disse para si mesmo, “isto quer dizer que sou eu que estou chorando.”

Em vez de deixá-lo entrar no quarto da mulher, Don Filippo deteve Fofò La Matina na porta.

“É por obrigação que você está aqui?”

Levou-o para o escritório, mandou que se sentasse em um sofá, ofereceu-lhe um charuto, que foi recusado, e acendeu seu cachimbo.

“Se incomoda se o tratar por você? Conheci você quando ainda tinha uns dez anos de idade.”

“É uma honra, Excelência.”

“Não me chame nem de Excelência nem de marquês. Chame apenas de Don Filippo.”

“Como o senhor queira.”

“Desculpe, mas eu preciso falar com alguém.”

“Estou aqui.”

“Sabe, de certo modo fui eu que fiz a fortuna de seu pai.”

“Desculpem”, disse Filippo Peluso, que tinha na época pouco mais de vinte anos, começando a se erguer em meio a gemidos, contorções e todos os trejeitos necessários a colocar na posição vertical seus cento e cinquenta quilos de carne e ossos. “Vou aproveitar enquanto meu amigo Uccello dá as cartas.”

Estavam jogando *briscola*, jovens contra velhos. Os jovens eram Peluso e Uccello, os velhos o marquês Fiannaca e Don Gregorio Gulisano.

“Quatro já, porra!”, comentou, a meia voz, Gulisano, que, pesando apenas quarenta e cinco quilos, sentia uma espécie de nervosismo surdo e irracional quando via Filippo Peluso começando as manobras para pôr-se de pé.

“Por que tem que pagar imposto?”, perguntou o marquesinho, que tinha o ouvido apurado.

“Imposto pra quê?”

“Pelas minhas mijadas. Há uma hora que o senhor está contando quantas.”

“Eu me pergunto e lhe digo: o que é que se faz para ter que ir ao toalete quatro vezes em duas horas?”, retrucou Gulisano, ficando lívido de raiva.

“Ora vamos, senhores, sejam mais sérios”, intrometeu-se o barãozinho Uccello. “Se vão começar a discutir, não terminamos nunca esta bendita partida. E eu tenho que estar em casa à meia-noite em ponto.”

“O senhor pode ir saindo. A porta está aberta.”

“Deixa, marquês...”

“Deixa marquês uma ova. Vamos ficar aqui até de madrugada se o senhor Gulisano não me explicar por que e como o incomoda tanto o fato de eu ter necessidade de urinar. É dele a tábua do vaso sanitário? Tem medo de que eu acabe com ela?”

Gregorio Gulisano fez um visível esforço para manter-se calmo, abriu a boca, inspirou fundo e não disse uma palavra. Fez-se silêncio. O marquesinho Peluso não se movia, uma mão apoiada no espaldar da cadeira, a outra pesadamente apoiada na mesinha; o marquês Fiannaca contava e recontava as *onzas* e os *tari*<sup>[7]</sup> que tinha à sua frente; o barãozinho Uccello continuava embaralhando as cartas. Depois da oportuna pausa, Filippo Peluso voltou à carga.

“Ou o senhor Gulisano se digna explicar-se ou eu daqui a um minuto, já que não posso mais me conter, tiro fora o caralho e aqui mesmo, diante de todos, inundo a mesa.”

Diante da ameaça, que não era improvável, dadas as esquisitices e as insólitas invencionices do marquesinho, o marquês Fiannaca decidiu intervir.

“Caro Gulisano”, disse, “quer fazer-me o pessoal favor de esclarecer ao amigo Peluso sua atitude? Assim, depois não pensamos mais nisso e continuamos a jogar.”

Fiannaca era uma pessoa boa e educada, de poucas palavras e juízo equilibrado, mas todo mundo sabia que não era prudente recusar seus pedidos.

“Porque me dá raiva”, explicou entre dentes Gregorio Gulisano. “Mas como?! Durante anos ele te atormenta com o fato de que a micção escassa o deixa gordo como um porco, te conta com os mínimos detalhes a consulta que fez em Palermo e que te faz ficar vomitando dois dias, te explica que só consegue trepar de barriga pra cima e não como todos os cristãos deste mundo e depois chega aqui esta noite e se põe a mijar a cada meia hora, não me deixando entender mais nada da partida.”

“E o senhor, marquês, como é que explica isso?”, perguntou Fiannaca, continuando a fazer o trabalho de mediação.

“Foram as quatro peras milagrosas que Santo La Matina deu para meu pai. E agora, com a licença dos senhores, posso ir lá?”

“E isso é tudo”, continuou Don Filippo, “foi assim que o nome de seu pai, que era arrendatário de um pedaço de nossas propriedades, se impôs. Meu pai e seu pai tinham mútua simpatia, conversavam e quando Santo soube que eu era tão gordo que não podia me mexer disse que ele tinha o remédio e me mandou as peras. Depois, quando as peras acabaram, fui eu mesmo pedir-lhe outras. Saímos, seu pai e eu, de sua casinha, andamos duas horas a cavalo, ultrapassamos a montanha do Crasto e chegamos ao cimo da montanha do Homem Morto. Era um lugar ermo, nem as víboras queriam ficar por lá. Começamos a descer, só havia pedras e em certo momento o vale estava fechado por uma porção de rochas. Amarramos os cavalos e deslizamos por dentro de um buraco. Assim que saímos, me encontrei no

jardim do paraíso. Eram menos de duas salmas<sup>[8]</sup> de terra, mas nela havia de tudo, pêssegos, peras, nêspersas, sorgo, nectarinas, laranjas, limões, uva, amêndoas doces e amargas, pistache e grão-de-bico verde, tomates, favas, ervilhas... e as plantas todas estavam ali, uma ao lado da outra, em plena florescência, sem se importar que estação do ano fosse. Que diabos Santo fazia para conseguir isso, só ele mesmo sabia.”

“Fodia com a terra e com as plantas”, disse calmo Fofò, que escutara impassível a descrição.

“Está zombando de mim?”

“Com o senhor não me permitiria, Don Filippo. Estou contando uma coisa que nunca disse a ninguém. Eu mesmo vi com estes olhos, uma vez que fingi que dormia. Abria um buraco no chão ou no tronco de uma árvore e começava a foder. Adubava a terra com seu sêmen. Mas não era sempre que o fazia, só em certas noites, a mando de um corvo com o qual conversava.”

“Falava com um pássaro?!”

“Bem, se é por isso, falava também com formigas, serpentes, lagartos e outros mais. Nas primeiras vezes meu pai me pareceu maluco, pensei que estava falando para o vazio.”

“Por que, a seu ver, uma pessoa que se põe a conversar com um gafanhoto não é maluca?”, perguntou Don Filippo, fixando-se polemicamente na razão natural.

“Sabe, Don Filippo, o fato é que eles lhe respondiam.”

“Falavam?!?”

“Não, falar, não. Mas respondiam a seu modo, com movimentos ou com uma forma própria. Mas o que diziam só ele entendia. Uma vez, debaixo de um sol de rachar, teve uma conversa de três horas com um lagarto.”

Don Filippo, a essas palavras de Fofò, começou a sentir a cabeça ferver. Preferiu prosseguir em terreno mais sólido.

“Estava contando como foi que o nome de seu pai ficou conhecido. Deve saber que aquele pirralho de Gregorio Gulisano me havia seguido, espionando. Quando eu voltei ao povoado com as peras, Gulisano, com a cara de pau que tinha, foi falar com Santo e tanto disse e tanto fez que conseguiu dele quatro ervas-doces que faziam engordar. E com isso, ao fim de três meses, Gulisano e eu nos havíamos tornado dois manequins. Mas o boato se espalhou: todos começaram a pedir-lhe coisas, e Santo, que não sabia dizer não, mas que tinha medo de que o local de seu jardim fosse descoberto, encarregou você de ir três vezes por semana ao povoado para levar o que servia a quem necessitasse. Lembra-se de como o chamavam?”

“Sim. O engravida-varandas.”

“Porque estava sempre com a cabeça para o alto olhando as meninas e as adolescentes nas varandas e andava esbarrando aqui e ali. Uma vez eu vi você imóvel debaixo de um janelão em que ‘Ntontò, que na época não tinha nem oito anos de idade, estava debruçada, e você olhava para ela, encantado. Mas ela também estava olhando para você. Dei-lhe um chute no traseiro que fez você voar três metros, os tomates que levava na cesta caíram e você começou a chorar. Lembra-se disso?”

“Não. Olha, Don Filippo, chutes naquela época eu levei tantos que o traseiro ainda me dói.”

Don Filippo deu um longo suspiro.

“Estou ficando velho, meu caro”, disse. “Estou começando a falar de coisas passadas.”

Esperaram em silêncio a morte de Dona Matilde.

Duas horas depois do enterro, Don Filippo, pondo-se em fuga, estava já montado a cavalo para voltar às Zubbie. Mimì, mantendo o animal pelas rédeas, acompanhou o patrão do estábulo até a saída, depois fechou o portão atrás dele.

Antes de esporear o cavalo, o marquês se deteve, olhando para trás. Na lateral direita do portão havia três ostensivos sinais de luto, três grandes rosetas negras, a primeira já descorada pelo sol, a segunda um pouco menos, a terceira novíssima. Sob a primeira havia um cartão no qual estava escrito: “para meu querido pai”. Sob a segunda, a escrita era “para meu adorado filho” e, sob a terceira, apenas três palavras: “para minha mulher”.

“Menos mal que ainda tem lugar”, pensou o marquês, distanciando-se.

Os dias decorreram tranquilos para Don Filippo, nos dezesseis meses que lhe restaram de vida. Nas Zubbie não tinha nada a fazer, a não ser dormir com Trisina e dar longas caminhadas. Foi assim que um dia, enquanto andava por seu vinhedo fila após fila, fez uma terrível descoberta que o amargurou. Esperou que Pirrotta chegasse, em uma de suas visitas, cada vez mais raras, para lhe falar a respeito.

“Natà, você viu o vinhedo?”

“Não, senhor, que não sou eu que cuido dele.”

“Vem comigo.”

O olho experiente de Pirrotta deu-se imediatamente conta do desastre.

“Deu praga”, disse. “Tem que ser tratado com enxofre.”

“E por que não faz isso?”

“Porque isto exige dias inteiros de trabalho. E eu não quero ficar debaixo do mesmo teto que Trisina.”

Don Filippo olhou para ele, meditativo.

“Para isto se pode achar um remédio.”

Natale Pirrotta só aceitou o remédio proposto pelo marquês porque lhe dava pena ver o vinhedo sofrendo com a praga. A solução inventada por Don Filippo era de extrema simplicidade: se Natale não queria dormir debaixo do mesmo teto que Trisina, bastava construir um quarto ao lado da casa grande, com um teto próprio, para Pirrotta. A coisa pareceu lógica ao arrendatário, que começou com muita disposição a trabalhar com pedras, areia e cal. A porta e a janela chegaram em uma carroça conduzida por Mimì. Ao cabo de uns vinte dias, Pirrotta já pôde ir dormir lá. E Maddalena, a irmã de Peppinella, foi mandada de volta para Vigàta, para o palacete dos Peluso, para servir como acompanhante da senhorita ‘Ntontò, nas raras vezes que esta saía para ir à igreja. Porém nas Zubbie as regras continuaram sendo respeitadas: depois do jantar, Pirrotta se recolhia a seu quarto no andar térreo, Trisina deitava-se no quarto de casal com as duas camas, o marquês se retirava para o seu. O que acontecia entre Don Filippo e Trisina depois de se apagarem as luzes só Deus, Pirrotta e Vigàta inteira sabiam.

Uma noite, em que estavam fumando cachimbo e olhando a lua, enquanto Trisina tinha ido dormir, o marquês se decidiu a explicar sua intenção a Natale.

“Natà”, disse, “quero fazer um filho.”

“Com Trisina?”

“Não, com você.”

Riram.

“E eu, que papel tenho nisso?”, perguntou Pirrotta depois de um tempo.

“Você faz o papel de pai. Este filho você o reconhece como seu e lhe dá seu nome. Depois eu, que como todo mundo sabe não tenho filhos varões, o adoto, com seu consentimento. Parece-lhe bem pensado?”

“Se foi de caso pensado, então está bem pensado. Mas o senhor falou com Trisina?”

“E o que tem Trisina a ver com isso? Ela fará o que nós dois decidirmos, se estivermos de acordo.”

Pirrotta ficou por um longo tempo em silêncio. Estava refletindo sobre o assunto. O marquês interpretou mal a mudez de seu arrendatário.

“Saímos todos ganhando, Natà. Eu fico com um filho varão e você põe no bolso o que quiser pela licença que me dá de adotá-lo. O que você quiser.”

Pirrotta tirou devagar o cachimbo da boca.

“Eu sempre respeitei vossência. E vossência sempre me respeitou. Por que agora tá querendo me ofender?”

“Peço perdão, Natà”, disse o marquês compreendendo o erro que cometera.

“Me deixe pensar por uma noite. Amanhã dou ao senhor minha resposta.”

No dia seguinte, bastou que se olhassem nos olhos, sem abrir a boca: o marquês viu que havia obtido a permissão.

# Quatro

Só a vindima, no mês de setembro, trouxe ruído e agitação às Zubbie. Desde as primeiras horas do alvorecer chegavam, falando alto, grupos de mulheres que umas vinte carroças tinham recolhido nas portas de acesso a Vigàta e que começavam de imediato a trabalhar. Cada mulher tomava a seu cargo uma fileira e, agachada, com uma faca, cortava os cachos, que colocava em um cesto de palha de milho. Quando o cesto estava cheio, ia descarregá-lo em um balaio de cana e, quando o balaio estava lotado, ela o carregava nas costas e ia esvaziá-lo em uma carreta com as laterais fechadas. A carreta, por sua vez, ao ficar cheia, pegava a estrada em direção a Durruei, onde o marquês tinha seus lagares, prensas, tonéis e adegas, e em seguida voltava de carreira. Na ampla cozinha, Trisina e Maddalena — chamada de novo para tal ocasião — preparavam a *calatina*<sup>[9]</sup> com seu acompanhamento para os que estavam trabalhando no vinhedo: um dia, *macco*, que era uma espessa massa de farinha de favas, outro dia *caponatina*, feita de alcaparras, aipo, cebolas, azeitonas, posta a cozinhar com um pouco de molho de tomate temperado com vinagre. Ao meio-dia em ponto, Natale tocava o apito. As mulheres paravam o trabalho, precipitando-se em direção ao largo em cujo centro estava colocado o panelão. Maddalena servia as mulheres que lhe passavam pela frente, uma a uma, segurando a tigela. Comiam, cantavam, conversavam e contavam casos, trocavam entre si reclamações e a seguir, meia hora depois, voltavam correndo para o vinhedo, para ficar ali até quando o sol já estava se pondo. Pirrotta dava outro apito, as mulheres subiam para as carretas ainda gotejantes com o suco das uvas e voltavam para Vigàta.

O marquês se divertia. Perambulava de um lado para o outro entre as fileiras, para ouvir o que as mulheres diziam em voz alta, gostava das brincadeiras de duplo sentido, das safadezas, de meias palavras que eram mais claras que as palavras inteiras. Uma vez recebeu uma leve facada em uma das mãos porque se intrometeu em uma briga entre duas mulheres que se haviam enfrentado com as armas na mão. Trisina lhe chupou o sangue e a seguir envolveu-lhe a mão com um pedaço de sua camisola nova, e o marquês, em vez de se enraivecer, mostrou-se alegre pelo resto do dia.

No último dia de colheita, havia uma tradição que costumava ser respeitada: uma centena de balaios cheios era levada para trás da casinha, onde ficava um pequeno lagar e, a seu lado, um depósito com o reservatório de fermentação e uma fila de tonéis. Era a reserva pessoal de vinho do arrendatário. Cumprida esta última tarefa, as mulheres pegavam o pagamento nas mãos de Natale e voltavam para o povoado, cumprimentando Don Filippo: se Deus lhes desse vida e saúde, voltariam a ver-se na próxima vindima. Maddalena também foi embora com elas: o marquês, agora que as coisas com Pirrotta estavam acertadas, não queria tê-la trançando entre suas pernas.

No dia seguinte Don Filippo levantou-se tarde e não sentiu a presença de Trisina em casa. Saiu, deu a volta pela casinha e foi ao lagar. Diante da porta estava Trisina, com a tarefa de descarregar os balaios quando necessário, e dentro estava Natale, também trabalhando. O lagar era um cômodo com uma janelinha — o chão, inclinado, era de cimento. Ao longo do lado mais baixo do chão havia uma vala que levava a um buraco para dentro do qual se escoava o suco das uvas. O buraco, por sua vez, dava para o reservatório de fermentação que ficava no depósito ao lado. Em um ângulo do lagar havia uma prensa com pinos que servia para dar a espremedura final. Quando o marquês chegou, não se via o chão, estava completamente coberto de uvas. Nu, a não ser por um pedaço de pano amarrado nos quadris e que servia para cobrir suas vergonhas, nos pés um par de sapatos ferrados, Pirrotta pisoteava as uvas, dando voltas ao longo das paredes do lagar e batendo fortemente os pés no chão. Mantinha os olhos semicerrados.

“Vossência me perdoe, mas desde as primeiras horas da matina estou trabalhando e me sinto cansado e um pouco bêbado. O cheiro da uva é tão forte que é como se a gente tivesse bebido cinco litros de vinho.”

Trisina também não parava um instante. Limpava o filtro fino do buraco, que impedia a passagem de outras coisas cascas, caroços, a parte dura dos cachos — para dentro do tanque de fermentação; com a pá virava e revirava as uvas dentro do lagar, de modo que Natale pudesse pisoteá-las melhor —, amontoava em um canto o que já estava bem pisoteado, para colocá-lo depois no tonel, e de vez em quando esvaziava novos balaios.

O marquês foi dar uma volta. Retornou ao meio-dia para almoçar. Trisina já havia preparado tudo.

“Natale ainda está no lagar?”

“Sei não, ‘celência. Ele num tá bom. Tá com dor de cabeça.”

“Então mais tarde, depois de minha sesta, vamos os dois ajudar a Natale.”

Por volta das três da tarde, o marquês foi para o lagar, despiu-se, ficando só de cuecas, colocou os sapatos ferrados de Natale e começou a pisotear, ajudado por Trisina.

“Trisina, minha cabeça está girando”, disse depois de duas horas de trabalho.

“É o cheiro da uva”, disse Trisina. “Pera aí que já vou dar uma mãozinha.”

Diante dos olhos turvos do marquês, despiu-se, ficando nua, jogando as roupas pela porta, e pôs-se a empurrá-lo pelas costas, rindo e excitando-o.

De repente, o marquês não aguentou mais e tropeçou, caindo por terra. Trisina começou a rir, primeiro baixinho, depois cada vez mais forte, a cabeça virada para trás e do meio de suas coxas escancaradas saiu um longo jato, que fez espumar o suco da uva.

“Mas o que está fazendo?”

“Tô mijando, ‘celença. Todo mundo faz isso quando tá pisando a uva. Acham que o vinho fica melhor.”

Disse isso continuando a rir e articulando as palavras com dificuldade. Começou a desequilibrar-se e, para não bater de cara no chão, encostou-se a uma parede. Súbito parou de rir, olhando para o marquês por baixo das pálpebras abaixadas, a boca entreaberta.

“Vem cá, ‘celença.”

O marquês jogou-se sobre ela, o corpo ligeiramente dobrado sobre as pernas e começou a penetrá-la. Trisina, quando o sentiu dentro de si, deu um gemido e um salto, agarrando-se com as panturrilhas aos flancos do marquês. Este, sentindo que as costas se partiam, lembrou-se de repente de um provérbio de seu pai:

“Foder de pé e andar na areia fina levam o homem à ruína.”

Na areia já tinha andado e sabia como era cansativo, agora, trepando de pé, estava experimentando a total verdade do dito. Mas a coisa durou pouco, porque Trisina desmontou, deixando em suspenso o marquês.

“Vamo fazer de outro jeito, ‘celença.”

Virou-se, dobrou-se, apoiando a cabeça na parede e segurando-se com as mãos. Imediatamente Don Filippo voltou ao ataque, ancorando-se firmemente nos quadris dela, já que o chão estava escorregadio. Trisina começou a gritar como nunca antes, parecia uma cadela sendo espancada. Aqueles gritos e os golpes que ela dava com a cabeça contra a parede, sem se preocupar em machucar-se, animalizaram também o marquês.

Suado, morto de cansaço, Don Filippo desabou sobre Trisina, que não aguentando o peso caiu de cara no chão, com o marquês ainda em cima dela. Ficaram assim, tentando conseguir respirar, meio afogados no suco de uva.

“Onde está Natale?”, perguntou à noite o marquês quando estavam jantando.

“Tá na dele”, respondeu Trisina. “Deve ter ido embora de mansinho. Vossência sabe como ele é.”

Mas o marquês não ficou convencido. Levantou-se, saiu e foi ao quarto de Natale. A porta estava aberta, e ele entrou. Natale estava na cama, os olhos esbugalhados, falando: dizia que tinha visto o sol cair no poço e que tinha saído de lá uma serpente de cinco metros de comprimento. Disse ainda outras coisas estranhas, que Trisina não era uma mulher, era só uma boceta com dois braços e duas pernas. Don Filippo pousou-lhe a mão na frente e quase se queimou. Correu a chamar Trisina.

“Entrou sol na cabeça dele”, disse a mulher. “Tem que mandar chamar Dona Gnazia. Vou lá.”

“A esta hora da noite você não vai a lugar nenhum. Me explica onde mora essa Dona Gnazia.”

O marquês não conhecia suas propriedades e para achar onde morava Dona Gnazia gastou duas vezes mais que o tempo necessário.

Voltou quando já amanhecia, a cavalo, seguido de uma velha de cem anos em um burrico. Com toda a tranquilidade, a velha amarrou o burro, pegou um canecão de leite coalhado, bebeu e foi ver Pirrotta. Com uma só olhada confirmou o diagnóstico de Trisina. Tirou de uma sacola que levava consigo certa quantidade de ervas que pôs a ferver dentro de uma caçarola de barro. Em seguida recolheu o líquido passado por um coador, encheu com ele uma bacia e nela mergulhou os pés de Pirrotta, que estava sentado em uma cadeira. A velha pegou um prato fundo e encheu de água. Verteu dentro dele quatro ou cinco gotas de azeite, que formaram uma única mancha amarela, pôs o prato na cabeça de Natale, segurando-o com uma das mãos, fechou os olhos e começou a dizer umas palavras esquisitas. Em certo momento, sob o olhar do marquês, que acompanhava embasbacado a cena, a mancha de azeite explodiu, rompeu-se em uma série de manchinhas miúdas que se dispuseram em círculo ao longo da borda do prato.

“Pronto”, disse a velha. “Já saiu.”

E foi assim que o sol foi tirado da cabeça de Pirrotta.

Uma hora depois o arrendatário estava como se nada tivesse acontecido.

“Agradeço a sua ‘celência todos esses cuidados”, disse Pirrotta.

“Não fiz isso por você, mas por mim, Pirrò. Se você morre antes de me nascer um filho, que diabos vou eu dizer às pessoas? Que você engravidou Trisina com a mesinha de três pernas?”<sup>[10]</sup>

Uma noite, uma das últimas do mês de outubro, Trisina entrou na cama do marquês rindo mais do que nunca.

“Que tem você? Está rindo como uma boba.”

“Tá me dando vontade de rir, ‘celença.”

“Mas vê se não faz isso. Você sabe que se você começa a rir eu não consigo, eu broxo.”

Trisina começou a pensar em coisas que a tinham feito chorar, como aquela vez quando tinha oito anos e a mãe se esqueceu dela trancada dentro de um quartinho, ou da outra vez em que tinha rasgado um vestido novinho por causa de uma moita de espinheiros.

Quando viu que ela já tinha ficado séria Don Filippo montou-lhe em cima.

“Faz desse jeito não”, disse Trisina. “Fico com medo de me fazer mal.”

“E por que haveria de lhe fazer mal? Já fizemos assim uma centena de vezes.”

“Mas agora é diferente, ‘celência. Num tá sabendo? Vossência me emprenhou aquele dia no lagar.”

Don Filippo não disse nada. Desceu da cama desequilibrando-se um pouco para a direita e para a esquerda, foi até a janela, abriu as persianas e aí desmaiou, caindo no chão como um saco de batatas.

Na manhã seguinte precipitou-se para Vigàta, cantando a plenos pulmões por todo o caminho, a ponto de já estar sem voz quando começou a falar com as pessoas. Explicou que tinha apanhado uma gripe, devido

ao frio que fazia nas Zubbie. A primeira visita que fez foi à senhora Schilirò, com quem combinou que no domingo seguinte fosse às Zubbie para ver Trisina, levada de charrete por Mimì. A segunda visita foi à farmácia.

“Estou esperando um filho”, disse a Fofò.

“Parabéns”, disse o farmacêutico olhando para ele. “Nem se percebe.”

“Não brinque, Fofò. Você, no domingo que vem, pega a charrete com a parteira e vão ver a mulher de Natale Pirrotta.”

“Desculpe, marquês, mas por que não pede isto ao doutor Smecca? Ele é mais experiente e entende melhor dessas coisas.”

“Não tenho confiança no Smecca.”

O que não era verdade. Tinha toda a confiança no Smecca, mas naquele momento não conseguia esquecer o que lhe havia contado Pirrotta, isto é, que o médico tinha molhado o biscoito com Trisina ou, pior ainda, que tinha sido o primeiro.

“Está bem”, disse o farmacêutico. “Já estive em sua casa, marquês?”

“Não tive tempo.”

“Sua filha esteve doente. Eu tratei dela.”

À ideia de ver ‘Ntontò toda vestida de negro, Don Filippo sentiu que ainda não estava pronto para o encontro.

“Bom-dia para todos”, disse ao entrar no clube. “Que novidades há?”

Cessada a confusão dos parabéns, exclamações de alegria e abraços, o barão Uccello informou ao amigo da única novidade que havia, além da compungida e importante relação de uma série de mortes.

“O farmacêutico fez sua estreia”, disse.

“Estreia, como?”

“Não se lembra de que falamos disso uma vez no clube? Desde então e até uma semana atrás a situação de Fofò La Matina era sempre a mesma: mulheres, nada.”

“Mas têm certeza disso?”

“Pomos a mão no fogo. Nem em Vigàta nem na capital.”

“Mas como conseguiu aguentar?”

“Por quê? Os padres não aguentam?”, intrometeu-se o perito Fede, que era homem de igreja.

“Por favor, não me venha com padres”, disse o barão, e prosseguiu: “Pois bem, sábado passado, a senhora Clelia, sabendo pela criada que o farmacêutico não abriria a farmácia porque tinha que trabalhar com certas ervas, levantou-se e foi bater à sua porta. Fofò abriu e deu de cara com ela. Procurou não deixá-la entrar, mas não houve jeito, a senhora afirmava que tinha necessidade urgente de uma consulta. Para ser breve, assim que se pôs, digamos assim, pronta para entrar em ação, a senhora Clelia não perdeu tempo. Estendeu a mão e agarrou. Ele ficou como uma estátua. Não se mexia. Encorajada, a senhora abriu-lhe a braguilha e colocou a descoberto o objeto. Aí então o farmacêutico arrebitou a boca do balão.”

“Não entendi essa última frase”, disse o tenente Baldovino.

“Botou pra quebrar, meu caro”, explicou o marquês. “Explodiu como a rolha de um tonel de vinho muito cheio.”

“Depois, nas duas horas seguintes, o farmacêutico fez um serviço completo. Dizem que, quando ela saiu da farmácia, a senhora Clelia estava com a cara de uma gata de barriga cheia, ronronando por todo o caminho.”

O marquês ouviria falar do farmacêutico o dia inteiro. Continuou com ‘Ntontò, depois os amigos do clube, dizendo-lhe como Fofò La Matina tinha cuidado dela com dedicação e competência, de uma gripe

que estava ameaçando tornar-se pneumonia, e isto sem cobrar um centavo.

“Porém eu paguei do mesmo modo minha dívida.”

O marquês olhou para a filha.

“Você também fez ele arrebentar a boca do balão?”

“Não entendi”, disse ‘Ntontò com ar interrogativo. “Mandei-lhe por Mimì dois garrafões do melhor vinho.”

O marquês continuava olhando para ela e achava que estava ainda mais bonita do que quando a havia deixado, um pouco mais magra e pálida por causa da doença por que passara.

“Quando é que você tira o luto?”

“Só daqui a três anos.”

“E se neste meio tempo eu morro?”

“Mas o que está dizendo?”

“Como fica seu luto se eu morrer? Os outros já pegaram todo o luto, até o meu! Você já está toda de negro, por cima e por baixo!”

Estava gritando e não entendia a razão daquela raiva que tinha tomado conta dele. ‘Ntontò fugiu chorando e o marquês ainda correu atrás dela:

“Pinte a bunda de negro se eu morrer! Assim põe um luto especial por mim!”

Acabava de fazer a sesta quando chegou Mimì.

“O sacristão tá aí, ‘celença. Quer falar com o senhor, da parte do padre Macaluso.”

O marquês se vestiu com má vontade e foi para a sala.

“Sua bênção”, disse o sacristão.

“Mas quantas bênçãos você quer? Você já tem as do padre. Que foi que houve?”

“O padre disse pra quando vossência puder dá um pulinho lá na igreja.”

“E por que haveria eu de dar um pulo até a igreja? Diga ao padre Macaluso que ele que dê um pulo a minha casa.”

Depois de três, quatro ou cinco corridas do sacristão de um lado para o outro, chegaram finalmente a um acordo: se encontrariam às seis em ponto na praça, entre a igreja e o clube. Naturalmente não se cumprimentaram.

“Quero lhe falar de sua filha”, disse padre Macaluso, entrando direto no assunto.

“E por que tenho que falar dela com o senhor?”

“Porque sou um padre e é minha obrigação cuidar das almas de meus paroquianos.”

“E eu vou ter que discutir acerca da alma de ‘Ntontò?”

“Marquês, pelo amor de Deus, não me provoque. O senhor sabe que eu perco a paciência fácil, fácil e aí começo a mijar fora do penico.”

“Se o senhor começar a mijar fora do penico, saiba que eu também sou capaz de cagar fora dele.”

“Eu sei e por isso mesmo estou lhe fazendo a proposta de começarmos os dois com o pé direito. Concorda?”

“Está bem. De acordo.”

“Quer me explicar que vida leva a pobre marquesinha, sua filha? Trancada em casa por causa do luto fechado, só saindo aos sábados para vir se confessar e nas manhãs de domingo para comungar, depois no Natal, na Páscoa, na festa do Santo padroeiro e no dois de novembro para ir ao cemitério.”

“Me parece que ela se diverte, que isto lhe basta e sobra. Que quer, uma banda também?”

Padre Macaluso continha-se a custo.

“Além disso, o senhor certamente não é um bom pai.”

“E voltamos ao mesmo ponto. Que porra tenho eu a ver com isso?”

“Tem tudo a ver, caralho!”, disse o padre, começando a alterar-se. “O senhor não fica nunca em casa, está onde todos sabemos e de onde, ao que me disseram esta manhã, nascerá o fruto do pecado. E não tem sequer vergonha?”

“Não, não me envergonho, não tenho por que me envergonhar. Estou seguindo a natureza.”

“Então deixe que sua filha também siga a natureza, e de modo mais correto.”

“E como seria isso?”

“Casando-a.”

O marquês se acalmou repentinamente, a ideia de livrar-se de ‘Ntontò e ter desse modo via livre para levar Trisina para sua casa não podia senão dar-lhe prazer.

“Nunca quis se casar. E teve muitos e bons partidos.”

“Mas agora seria fácil persuadi-la. Ficou praticamente sozinha.”

“O senhor tem alguém em mente?”

“Sim”, disse o padre, e hesitou.

“Então me diga o nome dele.”

“Fofò La Matina. É um homem de bem, não tem vícios, não bebe, não fuma, não joga.”

“E de vez em quando estoura a boca do balão.”

“Que quer dizer com isso?”

“Nada”, disse o marquês. E depois de uma pausa recomeçou: “De quem foi esta brilhante ideia? Sua, de ‘Ntontò e do farmacêutico juntos?”

“Sua filha e o farmacêutico não sabem de nada. Pensamos nisto eu e aquela cara senhora, a senhora Colajanni.”

“Posso dizer uma coisa?”

“Diga.”

“Pois que vão tomar naquele lugar, o senhor e esta cara senhora.”

Padre Macaluso tinha prometido, no altar-mor, que não entraria em briga com o marquês.

“Mas quer pelo menos me explicar o que tem o senhor contra o farmacêutico?”

“Eu não tenho nada contra ele. Entre outras coisas, é uma pessoa que eu prezo muito, mas não é uma pessoa de categoria, seu pai trabalhava a terra a serviço de meu pai. E o senhor quer que eu dê minha filha ao filho de um pé-rapado? Olha, o nome que o senhor me sugere eu já esqueci. Me traga um partido à altura de minha filha e voltamos a falar a respeito.”

“E o senhor acha que eu vou ficar bancando a alcoviteira?”

“E o que lhe custa? A saia o senhor já tem.”

E desandaram a ofender-se com palavrões.

Quinze dias antes de nascer o filho de Trisina, Don Filippo começou a entrar em grande agitação. Não parava um minuto, andava pela casa de um lado para o outro, não conseguia pegar no sono à noite. Respondia grosseiramente a tudo, nada funcionava segundo seus desejos. Uma manhã, quando estava olhando da janela para suas terras, começou a gritar que as fileiras da vinha estavam todas tortas e que tinham que ser endireitadas, de outra vez passou o dia inteiro blasfemando porque o galo não cantava sempre à mesma hora e sim de acordo com sua conveniência. A história do galo foi séria.

“Eu tenho que falar com a porra deste galo”, disse a Natale, “me acorda quando não deve e quando, pelo contrário, deveria, não dá a mínima.”

“O senhor vai lá e diz isso pra ele”, respondeu Pirrotta, resignado.

O colóquio entre o marquês e o galo aconteceu sem que os outros dele tivessem conhecimento. Porém, compreenderam que não conseguira demover o galo de sua ideia de fazer como bem entendia pelo fato de o terem encontrado com o pescoço torcido. Uma semana antes da data prevista, o marquês deu um

pulo até Vigàta e trouxe consigo Mimì com o coche, um rapaz com a charrete e a parteira, que estava sendo paga a peso de ouro. Os bebês do povoado, os que vieram ao mundo durante a semana de ausência da parteira, tiveram que se arranjar para nascerem sozinhos.

Fofò La Matina prometeu solenemente que, dentro de três dias, estaria nas Zubbie. A casinha se transformou em uma espécie de acampamento: o marquês dormia em seu quarto, o farmacêutico no que fora construído para Natale, Maddalena chamada de volta, porque nunca se sabe — no lagar, Mimì e o rapaz no estábulo, Trisina e a parteira no quarto do casal, Natale em um palheiro no vinhedo, mas ao alcance da voz.

Quando Trisina se pôs a gritar que a bolsa d'água tinha se rompido, a multidão correu para a cabeceira da parturiente. Só Natale e o marquês fugiram da casinha e foram sentar-se na pedra do poço. Moviam-se para frente e para trás, como árvores batidas pelo vento. E não se entendeu se foi por um gesto de afeto ou por medida de precaução que o marquês passou um braço em torno dos ombros de Natale. E foi um ir e vir de pessoas que passavam pra lá e pra cá com água fervida e panos limpos enquanto Trisina gritava que a estavam partindo ao meio. A seguir fez-se um silêncio tão misterioso que chegou a tirar a respiração dos dois homens abraçados. Durou uma eternidade. Pirrotta olhava para uma formiga que subia na pedra, Don Filippo para um gafanhoto que se lavava. Dessa espécie de aturdimento foram despertados pela voz da parteira, enquadrada na janela, tendo nas mãos uma espécie de coelho descarnado de cabeça para baixo e dizendo, alegre:

“Venham! Já nasceu! É macho!”

Apoiando-se mutuamente, as pernas bambas, os dois homens se levantaram.

No dia seguinte ao nascimento, o marquês quis acompanhar Fofò La Matina, que voltava de charrete para o povoado. E foi o farmacêutico quem quebrou o silêncio, depois de um largo trecho da viagem.

“O senhor me perdoe, marquês, mas eu me sinto na obrigação de lhe dizer uma coisa.”

“Então diga”, respondeu Don Filippo, de bom humor.

“O senhor não é mais tão jovem. E come demais. E está com o rosto muito avermelhado. Deveria ver isso.”

“E o que é que tenho que fazer?”

“Eu faria uma aplicação preventiva de sangrias.”

“Fofò, eu gosto que o sangue me seja sugado de outro modo.”

“Mas algumas vezes, depois de ter comido muito, não sente certa ardência na boca do estômago?”

“Ardência? Pega fogo! Certas noites Trisina passa o tempo todo preparando decalitros de água com louro.”

“Água e louro são paliativos. Se me permite, preparo-lhe umas dez pastilhas. Se passar pela farmácia hoje à tarde, estarão prontas. Tome uma depois de cada refeição, se tiver comido demais.”

Deixando Fofò em Vigàta, o marquês seguiu para a capital e foi à casa do tabelião Scimè.

“Decidiu fazer um testamento?”, perguntou o tabelião, que era seu amigo há tempos.

O marquês tocou teatralmente os colhões.<sup>[11]</sup>

“Scimè, você já sabe que eu estou convencido de que, se fizer testamento, dois dias depois estou no cemitério. Não, eu vim porque quero fazer, agora, uma doação de todas as terras das Zubbie para um bebê que nasceu ontem. E depois quero também adotá-lo.”

“Quanto à doação, não há problema. Mas a adoção é uma coisa mais complicada. Começo amanhã mesmo a tomar as providências. Mas me tire uma curiosidade: quem é a criança?”

“O filho da mulher de um de meus arrendatários.”

“Tudo bem, mas onde é que você entra nisso?”

“Eu entro, Scimè. Como entrou o Espírito Santo.”

Desceu até Vigàta, foi procurar o contador Papìa, levou-o para almoçar na *trattoria*, a fim de falar nesse meio tempo de assuntos de seu interesse. Em casa, para ver ‘Ntontò, nem apareceu.

A certa hora passou pela farmácia, pegou a caixinha com as pílulas e voltou para as Zubbie.

Massa ao *ragù*<sup>[12]</sup> com pedaços de salsicha, cabrito ao forno com batatas e um vinho diferente, que havia mandado Mimì trazer e que Trisina e Natale nunca tinham visto: a rolha, quando saía, fazia um ruído que parecia um disparo. E que era enganador: bebia-se como água, mas depois de um momento fazia a cabeça andar à roda. Foi este o almoço que o marquês quis para comemorar o primeiro mês de vida do bebê. Ao acabarem de comer, Don Filippo disse que estava com um certo peso no estômago.

“Vossência quer que eu vá pegar as pilulinhas?”, perguntou Trisina.

“Não, Trisina. Eu vou me deitar. Se eu adormecer, me acorde por volta das quatro horas.”

Levou consigo para o quarto um copo d’água, pegou uma pílula da caixinha de papelão que estava sobre a mesinha de cabeceira, engoliu-a e deitou-se.

Às quatro, na hora que Trisina foi acordá-lo, o encontrou morto.

Não tinha ainda clareado quando Mimì abriu súbito os olhos, ouvindo chutes e socos no portão e uma voz que chamava desesperada. Correu a abrir e deu com Natale Pirrotta, pálido, tremendo como se estivesse com febre terçã.

“Que aconteceu?”

“O marquês... ontem à noite... depois do jantar... saiu pra dar uma volta... e a partir daí não vimos mais ele... fiquei procurando e... e não encontrei ele.”

A reação de Mimì foi uma decisão rápida. Mandou Natale avisar o delegado Portera e ele mesmo, do jeito que estava, se encarregou de ir acordar o farmacêutico.

Foi por volta de meio-dia que um dos homens de Portera, que tinha ido até o Vale de Failla, lugar ermo, um valão em forma de funil, cheio de montes de grandes pedras e de argila moída, resvaladiça, com uma ou outra moita rala de sorgo, deu um tiro para o ar, dando aviso aos demais que se haviam espalhado em várias direções. O corpo sem vida do marquês estava no fundo do valão. Portera, ao chegar ao local, mandou que todos se afastassem alguns passos e começou a ler o que o terreno registrava. Em seguida chamou os outros.

“O marquês deslizou por aqui. Estão vendo o rastro, bem na beirada? O terreno é escorregadio por natureza, imaginem então depois destes três dias de chuva que tivemos. O coitado do Don Filippo tentou deter a queda, estão vendo aquela moita de sorgo amassada? Mas não conseguiu e continuou deslizando. Depois deve ter ganho mais velocidade, deve ter quebrado o osso do pescoço e ao final da corrida até batido com a cabeça em uma pedra.”

“Por que acha que já estava morto quando bateu com a cabeça?”, perguntou Fofò La Matina.

“Porque quase não se vê sangue na pedra. De qualquer forma vamos poder saber mais coisa quando tivermos conseguido resgatar o cadáver. Mas o que me pergunto é o seguinte: por que foi parar tão longe de casa e em um lugar tão perigoso?”

“O marquês, coitado, não estava muito bom da cabeça”, disse Pirrotta.

“Ah, é?”

“Sim”, interveio o farmacêutico. “Dias atrás, Pirrotta me contou que o marquês torceu o pescoço de um galo porque ele não cantava a intervalos regulares.”

Depois se dirigiu diretamente a Natale.

“Ontem o marquês comeu muito?”

“Eu tinha dito a ele, tinha avisado pra ele não comer muito. Deve ter sido uma zonzeira, uma tontura que provocou a queda.”

“E agora”, concluiu Portera, “armemo-nos de paciência e vamos tirá-lo de onde está.”

“Posso fazer uma pergunta?”, disse Fofò.

“Tem toda a liberdade.”

“Quem vai se encarregar de avisar a filha?”

Fez-se um silêncio, ninguém tinha coragem.

“Então, visto que ninguém quer fazer isto, eu me encarrego”, disse o farmacêutico. “Vou imediatamente, tem que estar preparada antes que chegue seu pai morto.”

Portera era um tira nato. Sentia que no assunto havia algo que não se encaixava, mas não conseguia entender por quê.

Quando o cadáver foi resgatado, mandou-o para Vigàta com Mimì e até dispensou seus homens. Pôs seu cavalo ao lado da mula de Pirrotta:

“Quero ver o quarto em que o marquês dormia.”

A primeira coisa que notou, ao entrar no quarto, foi que na mesinha de cabeceira havia uma carteira, uma sacola e uma caixinha de papelão. O relógio de ouro tinha sido encontrado no bolso do colete do morto e ainda estava funcionando, só a corrente se havia partido. A carteira estava cheia de notas, e a sacola tinha outro tanto em moedas. Dentro da caixinha havia quatro pílulas brancas.

“A senhora sabe o que são?”, perguntou a Trisina, que estava dando de mamar ao bebê.

“Sei, sim. São pilulinhas que o farmacêutico deu pra ‘celência. Era pra acabar com a queimação que ele tinha no estômago.”

“Carteira, sacola e caixa vão comigo.”

“Como queira vossência”, disse Pirrotta.

O delegado sentou-se, tomou um copo de vinho sem pedir permissão e começou:

“De quem é o bebê?”

“Como, de quem é? É meu”, respondeu Pirrotta.

“Por que o marquês ficava aqui em vez de estar em casa dele?”

“Isso não tem que perguntar pra nós. Talvez por causa que, depois da morte do filho, conosco sentia conforto.”

“E na casa dele, não?”

“Acho que não. E achava tanto conforto que deu todas essas terras das Zubbie pra nosso filho.”

Esta revelação foi para o delegado como que um soco no estômago: caía por terra o motivo de um possível homicídio. Pirrotta não teve pena dele.

“E depois queria adotar ele. E eu e Trisina távamo de acordo. Se não acredita pode perguntar pro tabelião Scimè.”

“Quer dizer que, com a morte do marquês, a adoção não vai mais ser feita.”

“Não, senhor, não se faz mais.”

“Pra nós, o finado marquês devia de viver cem anos!”, disse Trisina desatando a chorar.

Esperaram que o galope do cavalo de Portera se afastasse para começar a falar. O bebê tinha sido posto na cama e havia muitas coisas a serem ditas.

“Tu tinha razão”, disse Trisina.

“Tinha”, respondeu Pirrotta. “Se achassem ele morto aqui em casa, mandavam a gente direto pra São Vito. A lei tá sempre do lado dos nobres. ‘Se um pedaço de pau salta, entra é no cu do hortelão’, diz o ditado.”<sup>[13]</sup>

De repente, Trisina sentiu uma onda de calor em seu corpo, um ardor de desejo que lhe adiantava de uns dez dias o fim do resguardo.

“Oh, Natale, meu Natalinho, Natale de meu coração!”

Saltou-lhe no colo, começou a beijá-lo no pescoço. E desta vez Pirrotta a manteve bem abraçada.

“O que são as pílulas que estão aqui dentro?”, perguntou o delegado pousando a caixinha no balcão do farmacêutico.

“Onde as encontrou?”

“Na mesinha de cabeceira do marquês, nas Zubbie.”

Fofò La Matina abriu e olhou: dentro havia quatro pílulas.

“Estas fui em que preparei para o marquês, serviam para aliviar-lhe a ardência do estômago.”

“Quantas pílulas havia?”

“Dez.”

“Tem certeza de que não houve erro?”

“Quanto ao número?”

“Não, quanto ao número, não. Quanto ao que o senhor lhe preparou.”

O farmacêutico fechou a cara.

“Eu nunca errei. E se o senhor tem alguma dúvida mande as pílulas para onde quiser e peça que as analisem.”

“Mas isto nem me passa pela cabeça”, disse o delegado colocando a caixinha no bolso.

(Porém, tanto lhe tinha passado pela mente que mandou as pílulas para Palermo, recebendo depois de um mês resposta negativa: tratava-se de bicarbonato e extratos de ervas digestivas.)

O velório transcorreu segundo um ritual preciso, já verificado e aprovado pelo grande número de mortos da família Peluso.

O marquês estava em sua cama, uma faixa branca em torno da fronte para esconder-lhe a ferida. Parecia estar tendo um sonho, e devia ser um belo sonho, a julgar pela boca esboçando um sorriso. Padre Macaluso conseguira que um rosário lhe fosse enrolado em torno das mãos, mas, não se sabe como e por quê, o rosário de vez em quando escorregava e caía na cama.

As mulheres estavam sentadas ao longo das paredes, rezando. Os homens, porém, depois de fazerem sua homenagem ao morto, retiravam-se para o salão, onde ficavam conversando e fumando.

Mimì e Peppinella de quando em vez davam uma volta, oferecendo aos condolentes que ali estavam licores caseiros e docinhos para levantar seu moral.

Foi por volta da tardinha que ‘Ntontò, que não havia dito palavra e mantinha os olhos enxutos, embora esbugalhados, levantou-se sem dizer nada a ninguém e saiu do quarto.

Passou-se um quarto de hora, passou-se meia hora e a senhora Colajanni, não a vendo voltar, depois de uma olhadela de consulta às outras mulheres, foi procurá-la. No salão dos homens não estava. Foi para a cozinha, onde Peppinella e Mimì estavam colocando mais docinhos nas bandejas.

“Há meia hora que não se vê ‘Ntontò’, disse.

Peppinella se alarmou de imediato e correu para o quarto da marquesinha: não estava, e nem no toalete do quarto. A notícia de que ‘Ntontò desaparecera espalhou-se entre os condolentes, que se puseram a buscá-la.

O barão Uccello foi tomado por uma dúvida que expressou em voz alta:

“E se ela resolve fazer o mesmo que seu avô?”

Os homens saíram do palácio e se espalharam, uns pelo povoado, outros pelas ruas que levavam à beira-mar.

A seguir, não encontrando sinais de ‘Ntontò, voltaram para suas casas, porque havia chegado a hora de jantar. Até as mulheres, fazendo um último sinal da cruz diante do morto que à medida que as horas se passavam parecia rir cada vez mais, despediram-se de Mimì e de Peppinella em lágrimas. No palácio ficaram apenas o padre Macaluso, que blasfemava ao dizer suas rezas porque já não havia ninguém mais para responder, uma vez que o sacristão se tinha aproveitado da escapada geral, e o farmacêutico.

“Calma, já, já vamos encontrá-la”, disse Fofò La Matina depois de todos terem ido embora. E indicou as áreas de busca. Ele subiu ao sótão, Mimì ficou olhando com mais cuidado nos quartos já revistados, Peppinella foi incumbida dos estábulos, do depósito e da despensa, que estavam no andar térreo do palácio. Um momento depois, quando Fofò reabria velhos armários e baús, ouviu a voz de Peppinella chamando:

“Desçam pra despensa! Ela ‘tá aqui!”

O farmacêutico correu. Na despensa, tranquila, ‘Ntontò, com as saias enroladas em redor da cintura e as calcinhas descidas, estava pintando a bunda com verniz preto.

# Cinco

Mal haviam passado dois dias do enterro do marquês quando a senhora Colajanni começou a matraquear insinuações junto ao padre Macaluso.

“Parece justo ao senhor? Não pede vingança diante de Deus que o filho do pecado venha a usufruir dos vinhedos das Zubbie? E que aquela grandecíssima puta e aquele grande corno e rufião do marido tenham vida regalada depois de terem matado o pobre Don Filippo?”

“Matado? Mas o delegado disse que a morte se deu porque o marquês escorregou pelo valão.”

“Sim, mas por que escorregou?”

“E que sei eu? Porque colocou um pé em falso.”

“Não, senhor, o farmacêutico foi como um livro aberto sobre este ponto. Disse que o marquês primeiro se sentiu mal, teve um não-sei-o-quê, um desfalecimento, e depois é que se precipitou.”

“E daí?”

“Me admiro muito o senhor. Ele teve um desfalecimento, uma tonteira na cabeça, porque aquela puta deixou ele desse jeito.”

“A puta, como diz a senhora, e lamento ter que defendê-la, não fez senão o que o marquês queria. E depois, me perdoe, que benefício teriam com a morte de Don Filippo? Vivo, o marquês os teria enriquecido ainda mais.”

“Que nada, essa gente raciocina com cabeça de camponês. Devem ter achado que era melhor o ovo hoje, quer dizer, as Zubbie, do que a galinha amanhã.”

E tanto falou e disse que padre Macaluso uma noite chegou a uma decisão, não para reparar uma injustiça, mas para ele mesmo cometer uma: intervindo, tiraria uma revanche de todas as grosserias que o marquês lhe havia feito.

A primeira coisa que fez foi procurar o contador Papia, que era um homem íntegro. Papia confirmou a doação, mas fez ver inclusive que as propriedades do marquês eram tantas e tais que perder as Zubbie era como tirar uma gota de meio litro de vinho. E sua palavra era Bíblia: ele tinha sido administrador de Don Filippo e continuava a sê-lo, porque a marquesinha ‘Ntontò tinha confirmado sua confiança nele. Padre Macaluso não se deu por achado e apareceu no cartório do tabelião Scimè.

“Não entendo a que título o senhor me pede tais informações”, disse friamente o tabelião.

“A título de cidadão e de padre”, disse orgulhosamente padre Macaluso.

“Títulos que aqui dentro valem tanto quanto uma cagada de vaca. De qualquer forma, para tirar dúvidas, lhe digo que é verdade o fato da doação. E que a herdeira, a marquesinha, se quiser, tem ainda trinta dias para recorrer. Mas que escolha um bom advogado.”

“Por quê? Podem ainda surgir surpresas no testamento?”

“Que testamento? Falando em sua língua: era mais fácil convencer um camelo para aquela besteira que dizem no Evangelho que persuadir o falecido senhor marquês a fazer testamento.”

Quem faz um cesto faz um cento: foi o que fez padre Macaluso, indo procurar o advogado Cassar, um luminar na profissão.

“A coisa pode ser tentada”, disse o advogado, “mas serão necessários argumentos mais fortes para demonstrar a incapacidade mental do marquês.”

“Mas como?! Matar um galo porque não faz o que ele quer ou gritar porque as fileiras da vinha estão tortas, isto não são coisas de louco?”

“Não necessariamente. Se quer um exemplo, a mim me agradam as fileiras bem em linha reta. E minha mãe xinga e dá chutes nas cadeiras quando não estão como ela quer. E até prova em contrário somos mentalmente sãos. Mas deixe isso comigo. O que é necessário, antes de mais nada, é que a marquesinha dê seu consentimento: é ela a herdeira de tudo.”

Quando padre Macaluso, desta vez acompanhado pela senhora Colajanni, foi falar a respeito com a marquesinha, esta fez um pergunta precisa:

“Mas por que meu pai era tão ligado a essa criança?”

Com verdadeiro susto padre Macaluso se convenceu de que ‘Ntontò não sabia de nada, sua inocência a mantivera longe de qualquer suspeita.

“Virgem Santa!”, pensou. “E por onde é que eu começo agora?”

A senhora Colajanni veio em seu auxílio.

“A verdade é a verdade”, proclamou a senhora. “E deve ser gritada aos quatro ventos, porque não ofende nem ao homem nem ao Senhor. Seu pai, caríssima ‘Ntontò, estava há muito tempo amaziado com a mulher do arrendatário. É por isso que ficava nas Zubbie. E todos no povoado dizem que o filho é dele.”

‘Ntontò ficou imóvel, continuando a olhar os dois com os olhos tornados mais claros.

“E fez a doação das Zubbie para ele?”

“Sim, senhora.”

“E disse que queria adotá-lo?”

“Sim, senhora.”

‘Ntontò se levantou. A visita para ela tinha terminado.

“Deem-me dois dias para pensar sobre isso.”

“E o que é que ainda há para pensar?”, perguntou padre Macaluso fazendo cara feia.

“Dois dias. E obrigada pela gentileza.”

‘Ntontò terminou de contar a visita de padre Macaluso e da senhora Colajanni, e o farmacêutico abriu um largo sorriso.

“Acha que é motivo para rir?”, perguntou, um pouco agastada, ‘Ntontò.

“Não, é que me sinto aliviado. Quando Peppinella chegou à farmácia dizendo que a senhora queria urgentemente me ver, pensei que tivesse adoecido novamente. No entanto vejo que, felizmente, a razão é outra.”

“Eu não tenho a quem pedir conselho”, disse ‘Ntontò depois da explicação. “Poderia ir falar com o barão Uccello, mas ele está sempre do lado de meu pai. Por isso, peço ao senhor, que me parece um homem correto, este conselho.”

“Não é fácil”, disse o farmacêutico. “Em certo sentido padre Macaluso tem razão. Aos olhos dos outros, digo.”

“Se devo decidir segundo o que pensam os outros, a esta hora o senhor não estaria aqui comigo, gastando sua saliva.”

“Justo.”

“Então, antes que me dê seu parecer, lhe pergunto como eram os fatos. Primeiro. O senhor foi chamado pelo falecido senhor meu pai para cuidar da mulher do arrendatário. Como se portou meu pai? Faz de conta que está tendo que responder ao delegado e não a mim.”

“Portou-se como se fosse o verdadeiro pai”, disse Fofò sem demonstrar a menor dúvida. “E além disso há o fato de como tinham arrumado a casinha. O arrendatário não dormia mais com a mulher.”

“E meu pai, ao contrário, dormia com ela?”

“Não, aí é que está. Dormiam cada um pra seu lado, em dois quartos diferentes.”

“Segundo. Como tratavam meu pai?”

“Com toda a sinceridade: mulher e marido lhe queriam bem.”

“Lhe agradeço”, disse ‘Ntontò levantando-se. E enquanto o farmacêutico lhe beijava a mão fez-lhe uma observação: “Mas conselho mesmo o senhor não me deu.”

“Porque nunca me senti bem na condição de conselheiro de ninguém. Só posso falar por mim.”

“Fale então como se fosse o senhor o filho do marquês.”

“Se meu pai tivesse dito, já nem digo por escrito, mas só de boca, que todas as suas propriedades iriam para quem ele quisesse, e que eu ficaria pobre e louco, eu não levantaria um dedo contra sua vontade. Mas estou falando por mim.”

“Obrigada”, disse ‘Ntontò.

‘Ntontò não deixou passar os dois dias que havia pedido para pensar no assunto: naquela mesma noite, depois de ter falado com Fofò La Matina, mandou Peppinella com um bilhete à casa da senhora Colajanni. O que escrevera se limitava a poucas linhas, mas a própria brevidade estava demonstrando uma firme decisão. Em síntese, ‘Ntontò dizia que não assinaria papel algum que fosse contra a vontade do pai e que não queria voltar a tocar no assunto. De raiva, padre Macaluso fez voar longe o missal com um chute. A notícia ficou sendo logo sabida e foi acolhida como mais uma prova do fato de que a marquesinha, depois de ter pintado a bunda de preto, não estava mais boa da cabeça. Só houve uma voz em contrário. De fato, ‘Ntontò recebeu um enorme buquê de rosas com um bilhete que dizia: “À verdadeira filha de seu pai.” A assinatura era “Zizi”, como desde criança ‘Ntontò tinha apelidado o barão Uccello. Respondeu agradecendo e convidando Zizi para ir ao palácio quando quisesse.

Zizi não se fez de rogado. No dia seguinte mesmo estava sentado diante de ‘Ntontò.

“Fui ver seu pai nas Zubbie duas vezes”, disse o barão Uccello. “Estava com saudade dele. Estava acostumado a vê-lo todos os dias. E por isso peguei a charrete e fui até lá, com a intenção de voltar para Vigàta naquela mesma noite. Mas nas duas vezes não houve jeito. Tive que pernoitar lá, o que me constrangia, pelo incômodo que causava. Mandavam Trisina passar do quarto ao lado de seu pai para o de Natale, e o quarto ao lado eu ocupava, enquanto Natale ia dormir no estábulo.”

“E o que faziam?”

“Nada. O que fazíamos sempre. Comíamos, ríamos e jogávamos cartas. As cartas eram o espelho de seu pai, sabia, ‘Ntontò?”

“Não. Que quer dizer isso?”

“Quer dizer que, quando ele estava alegre e não tinha preocupações, não havia quem ganhasse dele. Quando, pelo contrário, algo não ia bem, perdia. E nas Zubbie nem com a ajuda de Deus eu teria sido capaz de ganhar pelo menos uma partida. Eu chegava até a perder a cabeça.”

“Ou seja, ele estava feliz.”

“Feliz?”, disse o barão olhando-a pensativo. “Ele estava no paraíso, ‘Ntontò.”

“Esta noite”, disse ‘Ntontò a Peppinella, “prepare a mesa para três.”

“E quem vem?”, indagou alarmada a criada.

“Não vem ninguém. A partir desta noite, você e Mimì vão jantar comigo.”

“Comer com vossência?!”, exclamou Peppinella, pasmada.

“Por quê? Tem alguma coisa contra?”

“Tenho. Primeiro, não é correto. E, segundo, eu e meu marido não sabemos comer na mesa. Eu faço barulho com a boca, e Mimì espalha muito os braços.”

“Façam todos os ruídos que quiserem e espalhem-se à vontade. Não quero discutir.”

À noite, enquanto jantava com Peppinella e Mimì, que pareciam duas estátuas, ‘Ntontò se explicou:

“Se eu continuar a comer sozinha, vou acabar enlouquecendo.”

Depois, dirigiu-se mais diretamente aos dois, olhando-os nos olhos:

“Você, Peppinella, e sua irmã Maddalena e Mimì sabiam o que meu pai fazia nas Zubbie?”

“Sim”, disse Mimì, quase num sussurro.

“E por que não me contaram nada?”

“Mimì queria contar pra senhora”, interveio Peppinella. “Mas eu que disse pra ele não falar. Eu não queria que vossência ficasse triste.”

“A marquesinha está demonstrando, a cada dia que passa, ter herdado a maluquice paterna”, disse no clube o agente dos Correios Colajanni. “Agora deu pra jantar com os criados! Ela, uma nobre!”

“Há uma diferença”, disse o barão Uccello. “Não se trata de quaisquer criados. Peppinella e Mimì a viram crescer e cuidaram dela.”

“E daí? Nem por isso deixam de ser criados.”

“Como o senhor não deixa de ser um merda”, interveio, calmo, o comendador Aguglia, o ex-garibaldino.

Colajanni ficou sem ar.

“Mas o que está dizendo o senhor? O senhor vai ter que me prestar contas do que diz!”

“Quando e como quiser. Duelar com o senhor não tem o menor perigo. Todo mundo sabe que os merdas fedem, mas não matam.”

“Considere-se estapeado.”

“Não, não me considero. O senhor que se levante desta cadeira e venha me dar um tapa pessoalmente. E aí teremos uma alternativa: ou eu, com um chute na bunda, o faço voar até Malta, ou então limpo a cara com um pedaço de papel higiênico, como quando cago. Ou melhor, vamos fazer o seguinte: é o senhor que escolhe.”

‘Ntontò recebeu outro grande buquê de rosas. No cartão estava escrito: “Para aquela que, com coragem e altivez, realiza o ideal de igualdade garibaldina. Comendador Aguglia.”

“Mas o que quer dizer isso?”, perguntou-se, perplexa, ‘Ntontò.

Foi com consternação, raiva ou de nariz torcido que a maioria dos vigatenses viu o coche com o brasão dos Peluso, conduzido por Mimì e tendo dentro Natale Pirrotta e Trisina, bebê ao colo, chegar pelo caminho das Zubbie, atravessar a avenida e entrar pelo portão do palácio. Porém, a minoria, na realidade composta apenas do barão Uccello e do comendador Aguglia, exultou. Ambas as partes sem ter a menor ideia do porquê daquela ida.

“A marquesinha queria ver eles”, explicou Mimì para se livrar de dois ou três que o assediavam como cães raivosos. E não disse mais nada, que ele mesmo não sabia o motivo daquela imprevista ideia de sua patroa.

“Minha Virgem Santa, como ela é bonita!”, pensou Trisina assim que viu ‘Ntontò, e o medo que sentira durante a viagem, que lhe tinha colado a roupa no corpo de suor e deixado os dentes cerrados um contra o outro, passou, pensando inconscientemente que uma mulher que se parece com a Virgem não pode por natureza fazer mal.

“Mandei chamar vocês”, disse ‘Ntontò quando ficaram sozinhos no pequeno salão, “porque queria conhecer o bebê.”

Aproximou-se com os braços estendidos na direção de Trisina, afastou os cueiros e ficou olhando o bebê, que dormia.

“É lindo”, disse depois de um instante. “Que idade tem?”

“Três meses.”

“Sentem-se.”

Natale e Trisina se sentaram, rígidos.

“Não quero ofender ninguém. Mas preciso saber. E antes de mais nada lhes digo que não me sinto ofendida, nem por meu pai, nem por vocês, nem pelo bebê.”

“Vossência não vai nunca me ofender. Como o finado marquês nunca me ofendeu”, disse Pirrotta. “Vossência é livre de indagar o que lhe der na cabeça.”

“De quem é?”, perguntou ‘Ntontò apontando o bebê.

“Do falecido marquês”, disse Pirrotta. “E eu posso dizer isso de cabeça erguida, porque nunca teve nem mentira nem traição. Só que isso o mundo não deve de saber, o filho é meu.”

“É justo”, disse ‘Ntontò. Tinha pedido o bebê a Trisina e agora o tinha nos braços.

“Como foi que ele morreu?”, perguntou depois de uma pausa.

“Serenamente, na cama, sozinho. Nem se deu nem conta. Quando Trisina entrou para acordar ele, já achou ele morto. E nem parecia, parecia que tava dormindo”, disse Pirrotta.

“E por que o jogaram em um valão?”

“Porque se encontrassem ele na minha casa, com todos os boatos que já tavam correndo, era seguro que iam falar que eu e Trisina tínhamos matado ele. Botei ele nas costas, levei pra perto do valão e armei um teatro pra fazer Portera acreditar que o marquês tinha despencado.”

“Obrigada pela sinceridade.”

“É minha obrigação.”

‘Ntontò tocou o sininho, e Peppinella correu, curiosíssima. Parecia tudo calmo.

“Peppinè, faça-me um favor. Vá até meu quarto e pegue a caixa de joias que está em cima da cômoda. Traga aqui.”

“Fiz isto de propósito”, afirmou ‘Ntontò assim que Peppinella saiu. “Podia ir eu mesma a meu quarto, mas quero uma testemunha. São capazes de dizer que roubaram de mim o que eu quero dar de presente ao bebê.”

Quando a criada voltou, ‘Ntontò abriu a caixa entalhada e pegou um pequeno colar de ouro maciço com um medalhão no qual havia o perfil do marquês em relevo.

“Meu pai tinha mandado fazer isto para mim”, disse colocando o colar no pescoço do bebê.

Natale ajoelhou-se, agarrou a mão da patroa e a cobriu de beijos e lágrimas.

“E se precisarem de qualquer coisa podem contar comigo”, disse ‘Ntontò.

A notícia de que a marquesinha Antonietta Peluso di Torre Venerina era agora a única remanescente de toda a família chegou casualmente ao barão Nenè Impiduglia, e com alguns meses de atraso. Quem o fez saber foi o filho mais velho do barão Uccello em uma recepção do clube dos oficiais de Palermo. Ao ouvir a relação das desgraças ocorridas com ‘Ntontò, Nenè Impiduglia manifestou publicamente sua emoção.

“Amanhã mesmo viajo para Vigàta”, anunciou.

E manteve a intenção. Mas seu desembarque do *Franceschiello* não suscitou curiosidade, ou melhor, já era, de certo modo, algo previsto.

“Chegou o caçador”, comentou o barão Uccello.

Nenè já era conhecido há tempos no povoado, por suas frequentes visitas à “querida tia” Dona Matilde, que lhe havia servido de mãe por algum tempo depois que os pais de Nenè morreram devido a um acidente com sua carruagem. As visitas duravam pouco, apenas o tempo entre a chegada e a partida do navio. Mas ele voltava para Palermo com os bolsos cheios de dinheiro.

E, de fato, “Nenè veio buscar a carga”, era o coro geral quando o viam chegar.

“Seu sobrinho Nenè, o que faz em Palermo, marquesa?”

“Estuda matemática”, respondia Dona Matilde.

E era verdade. Nenè estudava com a maior atenção as combinações da roleta, e este longo e aplicado estudo lhe consumia um monte de dinheiro. E, para que os estudos não fossem interrompidos por falta de fundos, Impiduglia de vez em quando aparecia em Vigàta, em casa da tia, que generosamente lhe tapava o rombo.

Desta vez Nenè não foi dormir no palácio, como sempre fizera. Depois de ter avisado a prima de sua chegada e de ter pedido para ser recebido, hospedou-se na pensão. Na manhã seguinte, todo vestido de negro, foi ao cemitério rezar na tumba da família Peluso. Ficou uma hora, imóvel.

“Chorava e chorava”, contou depois o coveiro. “Tanto que eu tive que dar meu lenço pra ele, que o dele tava ensopado.”

Do cemitério ele foi à igreja e deixou com padre Macaluso uma boa quantia para que rezasse missas de reforço para as almas venerandas.

“Sobretudo para Dona Matilde”, recomendou.

“É esperto, não há dúvida”, disse o barão Uccello, quando lhe contaram a manhã de Nenè Impiduglia. “Isto tudo vai servir para meter ‘Ntontò em sua bolsa de caça.”

‘Ntontò tinha convidado o primo para o almoço, mas Impiduglia não apareceu. Em seu lugar chegou um bilhete com sua assinatura em que estava escrito que havia saído demasiadamente comovido com a visita feita ao cemitério e por isso não estava em condições. Não se podia trocar o convite para o jantar?”

No momento em que Impiduglia viu ‘Ntontò, o coração lhe pregou uma peça, ficou como a roda de uma carruagem quando entra em um buraco.

“A morte a rejuvenesceu”, pensou ao vê-la, era um raio de luz. Imediatamente seus olhos se tornaram fontes. Abraçaram-se. E de repente a ‘Ntontò lhe veio à mente uma cena de muitos anos antes, quando ela e Nenè se haviam escondido no sótão e o priminho lhe ensinara uma nova brincadeira, que se chamava “brincar de médico”, e mandara que ela se deitasse em um velho sofá, lhe havia levantado a sainha e tinha examinado longamente sua barriguinha e arredores. Voltou a sentir vergonha e o mesmo arroubo de calor.

Comeram em silêncio. Era evidente que Nenè estava arrasado, nem conseguia falar. E de fato não chegou ao segundo prato. Em certo momento levantou-se, beijou a mão da prima e saiu correndo.

“É muito sensível”, disse ‘Ntontò contando o que acontecera no jantar à senhora Colajanni e à senhora Clelia, que tinham ido visitá-la.

“E é também um pedaço de homem”, disse a senhora Clelia, que o tinha entrevistado um dia antes e tinha avaliado seu potencial.

“E o que ele vai fazer, não vai voltar?”, indagou a senhora Colajanni.

“Volta na semana que vem. Teve que ir correndo para Palermo porque não podia interromper por muito tempo seus estudos de matemática.”

“Deve ter uma grande cabeça”, disse a senhora Clelia, sem explicar a qual cabeça estava se referindo.

Exatamente uma semana depois, Nenè chegou de novo a Vi gata.

“Vamos ver que cretinice inventou desta vez”, disse o barão Uccello.

Tinha inventado uma boa. Descarregaram do *Franceschiello* uma caixa que Nenè mandou diretamente para a igreja matriz.

“Na última vez em que aqui estive para encomendar as missas para os defuntos”, explicou Impiduglia a padre Macaluso, “percebi que havia um altar vazio. E permiti-me dar-lhe um presente”.

Da caixa saiu um Santo Antônio que parecia de verdade, com uma carinha linda, os olhos voltados para o céu.

À vista do presente o padre decidiu que Nenè tinha todas as características da santidade.

Nenè aguentou submeter-se ao desgaste de quatro meses de idas e vindas entre Palermo e Vigàta e, quando lhe pareceu que ‘Ntontò estava bem no ponto, declarou-se.

Sabia que, por razões diversas, padre Macaluso, a senhora Colajanni e a senhora Clelia estavam do seu lado. Também Peppinella e Mimì, aos quais não passava dia sem que desse uma gorjeta. Mas os dois criados não o faziam somente pelo dinheiro, eram velhos e estavam preocupados com o futuro de sua patroa.

“Já lhe disseram alguma coisa de mim?”, perguntou a ‘Ntontò.

“Nada de nada. O que teriam a me dizer?”

“Vão lhe contar, por exemplo, que eu empenhei todo o dinheiro que tinha em minhas pesquisas no campo da matemática.”

“Mas isto eu sei.”

“Sim, mas, se você aceitar uma proposta que quero lhe fazer, o povoado inteiro vai lhe dizer que só tenho uma finalidade: ficar com seu dinheiro. E não é verdade, ‘Ntontò, juro pela alma de sua mãe.”

“E esta proposta, qual é?”

“‘Ntontò, vamos unir nossas duas solidões? Não, não me responda já. Passo aqui novamente dentro de três dias, nesta mesma hora. Espero encontrar ainda aberta a porta de sua casa.”

Um soluço teatral cortou-lhe a última palavra.

Nos três dias que se seguiram, ‘Ntontò não teve sossego. Primeiro veio o padre Macaluso.

“É um rapaz de nobres sentimentos. Um pai de família ideal. E a senhora, marquesinha, tem obrigação de se casar. Quando seu saudoso pai era vivo, eu lhe disse que já era tempo de a senhora arranjar um marido. E ele me respondeu que estava de acordo, só queria que seu futuro esposo fosse alguém de sua categoria social. Ora, eu creio que o barão Nenè Impiduglia tem todos os requisitos necessários. Respeite então a vontade de seu pai.”

“Uma vez sim e outra vez não?”, indagou ‘Ntontò com um sorriso estranho. Referia-se ao caso da adoção do filho de Trisina que o padre Macaluso havia tentado impedir por todos os meios possíveis. Porém, padre Macaluso não estava à altura de compreender tais sutilezas.

A segunda a ir visitá-la foi a senhora Colajanni.

“Vamos falar de mulher para mulher. Você, ‘Ntontò, depois de todas as desgraças por que passou, não é mais a mesma. Você precisa ter a seu lado um homem com a cabeça bem plantada entre os ombros, um homem que lhe sirva de pai e de marido. Impiduglia é exatamente este homem.”

A terceira foi a senhora Clelia.

“Vamos falar de mulher para mulher. Você é virgem, ‘Ntontò, e não sabe o que está perdendo. Uma mulher de verdade precisa de um homem macho, não existe nada mais lindo que uma mulher e um homem se abraçando. Você não pode morrer sem ter provado disso.”

De maneira totalmente inesperada, apareceu o contador Papìa.

“Ouvi uns boatos no povoado e venho por minha espontânea vontade. A marquesinha sabe quantos anos tenho?”

“Uns setenta?”

“Sim, senhora. E a cabeça não me ajuda mais. E cada vez mais frequente as contas não darem certo e a vista me ficar embaçada. Se vossência se casar e seu marido, como é de esperar, assumir a

administração de seus bens, eu posso me afastar com a alma em paz. Reflita sobre isso.”

Antes de se passarem os três dias, ‘Ntontò mandou chamar Fofò La Matina.

“O que devo fazer?”, perguntou-lhe depois de ter contado tudo que estava acontecendo.

E Fofò lhe disse desapaixonadamente o que tinha que fazer. No dia seguinte, o farmacêutico foi agredido pelo barão:

“Até o senhor se meteu para ajudar a caçar a codorna?” Fofò La Matina entendeu imediatamente a que se referia o barão.

“Eu não caço ninguém. Mas não me senti capaz de dizer à marquesinha que ela deve morrer de solidão e melancolia.”

Sempre falando em solidão, uma vez recebida a resposta afirmativa de ‘Ntontò, Nenè Impiduglia voltou a Palermo com uma mala cheia de dinheiro, de um adiantamento sobre o dote da marquesinha que havia pedido a Papìa. Metade ele jogou e perdeu como de costume, com a outra metade começou a pôr em ordem suas coisas. Vendeu a casinha que tinha na cidade e somou o ganho ao que lhe havia restado do dinheiro de Papìa. Pagou a quinze credores, que no primeiro instante quase morreram de surpresa, e em seguida dedicou-se à façanha mais difícil, de pôr um ponto final com as duas amantes que tinha. Com a primeira, filha de um verdureiro de rua, a coisa foi simples.

“Quanto quer para sair de minha vida?”

Tuzza disse uma cifra qualquer. Passaram a tarde inteira negociando, jantaram, passaram a noite trepando e na manhã seguinte chegaram rapidamente a um acordo.

Com a segunda, Jeannette Lafleur, de 30 anos de idade, atriz principal de uma companhia de teatro, na vida real Gesualda Fichera, as coisas já se mostraram um pouco menos simples. Jeannette tinha tendência a dramatizar, como todas as mulheres de teatro, e se dizia apaixonada por Nenè. No caso já não era questão de dinheiro.

“Você me faz falta como o ar que respiro”, dizia a Nenè quando voltava a vê-lo depois de alguns dias de ausência. E aí Impiduglia passava por momentos penosos porque, antes de poder trepar com ela, tinha que ouvir uma série de fofocas, de como a atriz secundária era uma puta que corrompia a alma pura do ator jovem, como o ator principal não deixava passar um dia sem que lhe fizesse propostas indecentes e como o ponto fingia estar distraído durante a cena principal e a deixava entregue a si mesma no palco, e ela se sentia na África, prisioneira dos turcos.<sup>[14]</sup> Em seguida, Jeannette, cansada por ter falado tanto, voltava-se para a parede e finalmente lhe oferecia o perfeito desenho das costas.

“Tive problemas de saúde”, disse Nenè ao voltar de Vigàta.

“Que problemas?”, perguntou Jeannette.

“Ah, sei lá. Desmaiei três vezes.”

“Por que não vai ver um médico?”

Na noite seguinte Jeannette acabara de se virar para a parede quando Nenè disse:

“Desculpe, meu amor, mas eu não consigo. Não tenho cabeça. Esta manhã o doutor, depois da consulta, fez uma cara que não me convenceu. Tenho que voltar lá amanhã.”

Jeannette, assumindo o papel da enfermeira generosa, abraçou-o e beijou-o durante a noite toda.

No outro dia, enquanto Jeannette estava se maquiando no camarim, a porta se abriu e Nenè apareceu. Um morto, que só por milagre estava de pé. A roupa toda amarrotada, o cabelo despenteado, a gravata de lado. Estava lívido, como se não tivesse mais sangue. Jogou-se numa cadeira dizendo com uma voz que mal se ouvia:

“Por favor, Jeannette, um copo d’água.”

O ator principal veio correndo com o copo.

“Jeannette”, disse Nenè. “O médico me disse: na melhor das hipóteses só lhe restam dois meses de vida. Tenha coragem.”

Jeannette começou a tremer e o ator principal lhe deu de beber o que restava no copo.

“Nossa história de amor acaba aqui”, retomou Nenè com esforço. “Deixo você entregue a sua vida, a sua carreira. Eu saio de cena. Mas você cerre os dentes: o espetáculo deve continuar.”

Jeannette entendeu que neste ponto do roteiro cabia a ela dar um grito e desmaiar. E foi o que fez. Confiando Jeannette aos cuidados da camareira, o ator principal ajudou Nenè a levantar-se e o acompanhou, andando com esforço, até a saída do teatro.

“Quer que eu mande vir um coche, barão?”

Nenè olhou para ele, sorriu e endireitou o corpo.

“Não, obrigado, eu vou a pé.”

E saiu andando rápido. Passado um instante, o ator principal o abordou.

“Estava fingindo?”

“Claro.”

“Quanto quer?”

“Para quê?”

“Para ser contratado. O senhor, como ator, deixa pra trás os melhores que já vi.”

Enquanto Nenè Impiduglia resolvia seus assuntos em Palermo, o padre Macaluso e a senhora Colajanni se reuniam em conselho.

“Há uma série de empecilhos”, principiou o pároco. “O barão Nenè e a marquesinha são primos irmãos. Vão precisar de uma licença para se casar.”

“E quem é que dá esta licença?”

“O bispo.”

“Então o senhor vai lá e fala com o bispo.”

“Mas não é só isso. Há o problema do luto fechado. Quem está de luto fechado não pode nem falar em casamento por um bom tempo.”

“Mas será que o bispo também não pode intervir nisso?”

“Claro que pode. Porém eu fiz os cálculos. Levando tudo em conta, os mortos são um avô, um irmão, uma mãe e um pai; em poucas palavras, ‘Ntontò deve ficar fechada em casa por pelo menos nove anos. Antes de pensar em casar-se!’”

“Mas ninguém aguenta nove anos de noivado.”

“Realmente, não. É preciso encontrar uma solução. Amanhã vou falar com o secretário do bispo, monsenhor Curtò, que é uma pessoa de bom senso.”

Monsenhor Curtò falou do assunto com o bispo e em menos de uma semana padre Macaluso foi chamado à cúria.

“Para o problema de serem primos”, começou o bispo, que era pessoa de fala breve e ação rápida, “não há problema, a coisa depende diretamente de mim e pode ser resolvida. Porém, o problema do luto não depende de mim, mas de Deus.”

“E como fazemos para tratar com Deus?”

O bispo sorriu, padre Macaluso sempre o divertia com suas ideias bizarras.

“Não sabe que existem seus intermediários na Terra? Um deles é o senhor mesmo, e outro, modestamente, sou eu. Então fique sabendo, meu filho, que há defuntos bons e maus defuntos. No nosso caso, maus, e muito maus, são o marquês velho e o marquês jovem. Morreram em pecado mortal, um suicidando-se e o outro enquanto cometia adultério. Eu posso diminuir o luto de nove anos para trinta e

seis meses, mais que isso não posso fazer. Porém, devem ser respeitadas algumas regras. Monsenhor Curtò já fez os cálculos.”

Tais cálculos resultaram em duas missas por semana, cada uma pelos dois marqueses, uma missa semanal por cabeça para dona Matilde e seu filho, missas estas a serem ditas durante exatamente trinta e seis meses. Além disso, deveriam ser feitas algumas doações, em dinheiro vivo, para obras beneficentes como o Pão dos pobres, as Filhas de Maria, as Órfãs de Santa Teresa e assim por diante: a cifra correspondente a essas doações deveria ser entregue, em uma única vez, a monsenhor Curtò, que providenciaria uma distribuição equitativa. Fechadas as contas, um patrimônio. Os proclamas correriam na igreja e na prefeitura, ao cabo dos trinta e seis meses.

“Mas trinta e seis meses, no meu povoado, significam três anos”, reagiu Nenè Impiduglia quando lhe foram comunicadas as condições impostas pelo bispo.

“Também no meu significam três anos”, disse padre Macaluso. “Mas reflita por um momento. Primeiro, trata-se de três anos a partir do último defunto, quer dizer, do marquês. Pois bem, desse dia tristíssimo para cá já se passaram oito meses. O que significa que só têm que esperar dois anos e quatro meses. Está claro? Basta um pouco de paciência. Enquanto isso o senhor se estabelece em Vigàta, leva uma vida tranquila e conhece melhor ‘Ntontò. Além disso, pode continuar aqui seus estudos de matemática.”

“Aqui não existem os instrumentos adequados”, disse Impiduglia, e acrescentou: “Mas o dinheiro para pagar as missas e fazer as doações de onde é que sai?”

Saiu de ‘Ntontò, considerando que os defuntos eram seus.

A senhora Clelia, de sua parte, contribuiu para fazer passar o tempo de Nenè Impiduglia naquela longa espera: alugou-lhe um pequeno quarto que acabara de ficar vago, porta com porta, do apartamento onde ela morava.

Nos dois anos seguintes aconteceram dois fatos.

O primeiro foi que Nenè Impiduglia, um domingo em que estava almoçando em casa de sua noiva, parou de falar, ficou lívido e devagarinho foi enfiando a cara na sopa. Levado para a capital e feita a consulta, diagnosticaram-lhe uma diabete. A segunda coisa que aconteceu foi que ‘Ntontò mandou costurar uma pequena borda branca nas blusas e nas saias: sinal de que, em meio ao negro, começava-se a divisar um pouco de luz.

# Seis

Faltavam só três meses para os proclamas e Nenè Impiduglia se sentia como um náufrago que, já sem fôlego, começa a ver terra, quando o vapor *Pannonia*, o mais luxuoso da “Sicilian and International”, aportou em Palermo, vindo de Nova Iorque. Entre os demais passageiros, desembarcaram um senhor de aproximadamente 50 anos, falando um siciliano muito carregado, e sua esposa americana. Acompanhados de um monte de malas, hospedaram-se no Hotel des Palmes, para onde iam somente os ricos. Ninguém, por um tempo, soube nada a respeito daquela chegada que perturbaria profundamente os planos de Nenè Impiduglia e todo o povoado de Vigàta.

Estavam falando de como devia ser organizado o casamento, que pessoas deveriam ser convidadas, se deveria ser uma festa ou algo feito em família, quando entrou Peppinella com um envelope na mão.

“Trouxeram isso agorinha mesmo do *Franceschiello*, tá vindo de Palermo.”

A chegada de uma carta não era algo habitual e ‘Ntontò não perdeu tempo em abri-la. Leu, mal teve tempo de dar um grito, “Tio Totò!”, e desmaiou. Enquanto cuidava dela, Nenè perguntou-se:

“Mas que porra de Tio Totò é esse?”

“Toda história que se respeita (e que respeite antes de mais nada a si mesma antes de ser respeitada pelos outros) começa sempre vinte anos antes”, disse no clube o barão Uccello e imediatamente se calou, assustado, nunca lhe havia sucedido pronunciar palavras tão densas e profundas. Refazendo-se, retomou a narrativa.

Salvatore Maria di Torre Venerina era um ano mais novo que o primogênito, Don Filippo. Mas, quanto ao modo de pensar e agir, havia entre os dois a distância da Terra à Lua. Don Filippo tinha um temperamento jovial, estava sempre rindo e gozando a vida, ocupando-se apenas com viver, comer e correr atrás de mulheres. Don Salvatore, pelo contrário, passava a vida no meio dos livros, a ponto de ter sido obrigado a usar óculos. Ao crescerem, não se passava um dia sem que os dois irmãos brigassem a tabefes por qualquer coisinha. Depois as discussões entre Don Filippo e Don Totò se tornaram mais sérias, embora não erguessem mais as mãos um para o outro. O novo motivo de contenda foi a política: Don Totò, bourbonista convicto, e Don Filippo, ao contrário, convicto partidário da *Unità italiana*.<sup>[15]</sup> No final dos anos 60, Don Totò sumiu de Vigàta.

“Foi para a Calábria, com os brigantes,<sup>[16]</sup> explicava Don Filippo. E ao chamar de brigantes ou brigões os trinta mil revoltosos daquelas regiões endossava a apressada, e conveniente, definição dos piemonteses. Em seguida, vieram de algum modo a saber que Don Totò se havia posto sob as ordens do general Borjes, o espanhol mandado para comandar as milícias bourbonistas. Quando Borjes e seu estado-maior foram, sem processo, fuzilados em Tagliacozzo, o nome de Salvatore Peluso não estava entre os que foram mortos pelos *bersaglieri*.<sup>[17]</sup> Por vias transversas Don Filippo veio a saber que o irmão havia conseguido escapar para a América. E desde então não tivera mais notícias dele, tanto que, ao cabo de dez anos, pensou que já tivesse morrido.

Porém, ele estava vivo e ativo, e prestes a pôr de novo os pés em Vigàta. Boatos na população disseram que era tão rico que, se carregasse todo o dinheiro que tinha no *Franceschiello*, o navio afundaria por excesso de peso. Diziam também que a esposa americana se chamava Harriet e que tinha

cara e jeito de esposa, e que com Don Totò tinham vindo também um secretário, que se chamava Petru, de origem calabresa, amigo do Don Totò desde o tempo da guerra que haviam feito com os brigantes, e uma mulher idosa, negra de meter medo, chamada Nettie, que era um espécie de cozinheira e arrumadeira.

No dia tão esperado por todos, quatro carruagens se detiveram na frente do portão escancarado do palácio. Vigàta inteira estava pendurada nas janelas, ou ficara no meio da praça, olhando, parecia a festa do santo padroeiro.

Da primeira carruagem desceram Don Totò, alto, ereto, com seus óculos e um rosto marcado de rugas e cicatrizes que pareciam um mapa marítimo, e a senhora Harriet, uma espécie de cabo de vassoura sem seios nem quadris, de cabelos amarelados. Da segunda saíram Petru, também de aproximadamente cinquenta anos, baixa estatura, muito magro, a cabecinha olhando à direita e à esquerda, parecendo uma fuinha. Da terceira saiu a negra, gorda, velha, com dois olhos grandes como escotilhas de navio. As crianças, ao olhar para ela, desandaram a chorar. A última carruagem trazia todas as bagagens, que Mimì e Peppinella colocaram sobre as costas encurvadas. Em seguida, o portão fechou-se e a festa por aquele momento acabou.

Tio Totò poupou à sobrinha o relato de todas as desgraças ocorridas com a família. Não se sabe como, sabia já de tudo, até do bebê que seu irmão tivera com Trisina.

“Amanhã vamos juntos fazer uma visita ao cemitério”, disse ‘Ntontò.

“E pra quê? Os mortos já estão mortos e enterrados”, disse tio Totò olhando-a encantado.

“Curcunella ainda existe?”, perguntou depois de uma pausa.

‘Ntontò levantou-se de um salto, saiu e voltou com uma boneca, a boneca que o tio lhe tinha dado de presente quando não tinha ainda três anos. Curcunella era o nome que lhe haviam dado, e era um segredo entre os dois.

“Aqui está.”

Don Totò pegou a boneca entre as mãos, enquanto ‘Ntontò, que até aquele momento havia conseguido se conter, desatava a chorar.

“Vem cá”, disse o tio.

Fez com que ela se sentasse a seu lado no sofá, passou-lhe o braço em torno dos ombros, e ‘Ntontò espontaneamente apoiou a cabeça em seu peito.

Mas a porta escancarou-se de repente. Era Peppinella que tremia e gritava:

“Eu não fico na cozinha junto com aquela coisa preta!”

‘Ntontò achou de imediato a solução:

“Vamos fazer o seguinte: você faz a comida na outra cozinha para você e para Mimì e deixa Nettie fazer a nossa.”

“E pra de noite?”

“Que quer dizer pra de noite?”

“Quero dizer que a coisa preta botou as malas dela no quarto pegado ao nosso.”

“E o que é que você teme? Não tem até Mimì dormindo com você?”

“Mimì também não tá seguro.”

Nettie, a coisa preta, foi convidada a instalar suas coisas no primeiro andar e passaria a dormir na ala dos patrões.

A tarde, o barão Uccello pediu consentimento para fazer-lhe uma visita. Jogaram-se nos braços um do outro, comovidos, e logo em seguida se trancaram no quarto em que estava a escrivãzinha do falecido Don Filippo. Don Totò ofereceu ao barão um charuto que parecia uma chaminé.

“Mas por que deixou que o considerassem morto?”

“Não fui eu. Foi meu irmão que se convenceu disso.”

“Sim, mas o senhor ficou bem uns vinte anos sem dar notícias.”

“Nos primeiros anos eu não podia dar notícias. Quando cheguei à América com Petru, estavam em guerra, os do Norte com os do Sul. Eu estava com os do Sul, tomei parte na batalha de Chattanooga e nosso comandante, o general Lee, me promoveu a coronel. Depois conheci Harriet, seu pai era dono de campos de algodão, e nos casamos. Tenho dois filhos, um homem e uma mulher, chamam-se Federico e Matilde, como meu pai e minha mãe. No momento estão com os avós maternos. Depois fui para um lugar que se chama Texas e comprei um poço. Fiquei rico.”

“Com um poço?!”

“De petróleo, barão, não de água.”

“Sim, mas por que depois da guerra, quando se casou e ficou rico, também nunca escreveu nem uma linha?”

“E para que o faria? Teria que escrever um romance, e nenhuma alma viva teria acreditado nele.”

“Vai ficar muito tempo em Vigàta?”

“Alguns meses. Depois volto para a América. Mas, já que o senhor está aqui, queria lhe perguntar uma coisa. ‘Ntontò me disse que ficou noiva de um primo de quem não me lembro, Nenè Impiduglia. O senhor o conhece?’

“Meu filhos, que moram em Palermo, o conhecem bem. E sabem que já fez poucas e boas.”

“Ah, sim?”

“Sim.”

E o barão lhe disse tudo que tinha a dizer.

Na semana seguinte, Petru demonstrou sua capacidade.

A mando de seu patrão, comprou a casa com as colunas que a “Anglo Sulphur Company” tinha posto à venda e mandou vir uma caravana de mestres de obras, pagando o preço que lhe pediam, para restaurá-la por completo.

“Mas por quê, não há lugar no palácio da marquesa?”

“Don Totò não quer incomodar.”

Depois foi a Palermo e mandou pelo *Franceschiello* outros baús que tinham chegado da América. Para descarregá-los e colocá-los dentro da casa, Sasà Mangione e três colegas seus trabalharam quatro dias, e ao final Sasà embolsou de quebra uma tabaqueira de prata. Ao cabo de vinte dias a casa estava pronta, e Don Totò e sua esposa, o secretário e a coisa preta se mudaram, tomando posse da nova residência. A seguir Don Totò foi falar com o diretor do Banco Siciliano de Crédito e Descontos.

“Que foi que houve? Está me parecendo pálido”, disse o agente dos Correios quando ele apareceu no clube ao entardecer.

“Ah, vê se me esquece”, disse o diretor.

“Mas o que foi, que aconteceu?”

“Aconteceu que esta manhã Don Totò quis que uma parte, uma parte mínima, do dinheiro que depositou em Palermo fosse transferida para cá.”

“E daí?”

“Daí que os zeros daquela conta são tantos que vão daqui até o cais. E isto me deixou com dor de cabeça.”

Terminado o que tinha que ser resolvido, Petru voltou a Palermo, porque — ao que disse — tinha que resolver uma questão delicada da qual o encarregara Don Totò.

Enquanto isso, para os moradores de Vigàta havia começado a farsa matutina, representada pela negra Nettie, que saía para as compras e que, não entendendo uma palavra, criava as maiores confusões. O divertimento não durou muito, porque o amigo dos forasteiros, o perito Fede, veio em seu auxílio. Mas em uma coisa a negra insistia, a saber, em ir pedir as coisas mais estranhas na farmácia, como, por exemplo, um par de meias.

“Diz que em seu país é assim que fazem”, explicou o perito Fede, que mastigava um pouquinho de inglês. “Na farmácia, que se chama *store*, compram de tudo.”

E Fofò La Matina, para deixá-la contente, de vez em quando lhe vendia alguma coisa.

Don Totò tinha adquirido o hábito de ir ao clube e assim que entrava era logo rodeado pelos demais. O perito Fede era habilíssimo em provocá-lo. E Don Totò começava a contar histórias da América, que comparadas às da ópera dos pupi e dos paladinos de França pareciam insignificantes. Mas não havia dia em que o marquês — porque o título agora lhe pertencia — não fosse visitar sua sobrinha.

Com Nenè Impiduglia não se mostrava nem frio nem afetivo, limitava-se ao bom-dia e boa-noite. ‘Ntontò se ressentia da maneira de seu tio se portar em relação a seu noivo, mas não tinha coragem de perguntar-lhe o motivo.

Uns dez dias antes dos proclamas de casamento, quando ‘Ntontò já se preparava para vestir roupas de luto aliviado, Petru chegou súbito de Palermo com o navio.

“Está tudo aqui”, disse pousando um grande envelope na escrivaninha do patrão. “E acho que vai fechar o tempo.”

O marquês abriu o envelope e começou a ler os documentos.

“Então, o que decidiu?”, perguntou-lhe mais tarde o barão Uccello. “Vai ficar em Vigàta ou volta para a América?”

“Fico ainda por alguns dias, resolvo um assunto e depois volto para a América. Virei a Vigàta uma vez ou outra, quando estiver com saudades. Mas não quero morrer aqui.”

“E não vai esperar o casamento de sua sobrinha?”

O marquês o olhou e não respondeu. Mas quanto ao lugar de sua morte foi mau profeta.

Quando entrou no quarto e escritório de Don Totò, padre Macaluso viu que o barão Uccello já ali estava, e isso não lhe agradou. Qualquer que fosse o motivo do chamado que havia recebido por meio de Petru, o barão não ficaria neutro e sim contra, pois não suportava padres.

O marquês se levantou, foi a seu encontro, apertou-lhe a mão e pediu que se sentasse.

“O senhor quer tomar algo?”

“Não, marquês, a esta hora perderia o apetite.”

“Então vou direto ao assunto. Permitti-me incomodá-lo, meu caro padre, porque sei que foi o senhor quem convenceu minha sobrinha a ficar noiva de Impiduglia.”

“Oh, meu Deus, não fui só eu. Também as senhoras...”

“Não tenho nada a ver com as senhoras.”

“Saiba que o farmacêutico também...”

“Deixe o farmacêutico fora disto. E não continue recuando porque acaba caindo para trás e se machucando. Está claro?”

“Claríssimo.”

“Como ‘Ntontò já passou por muitos problemas, eu, como seu tio, tenho que me preocupar para que não venha a ter outros ainda piores.”

“Que pode haver pior que a morte dos genitores e do irmão?”

“Por favor, padre, o senhor sabe que há coisas bem piores. Por isso, mandei Petru a Palermo para tomar informações acerca deste Impiduglia. Começamos dizendo que teve quatro amantes.”

Padre Macaluso sorriu.

“O senhor acha engraçado?”

“Não, isto são coisas da juventude. Mas desde que está em Vigàta não há dúvida de que pôs a cabeça no lugar.”

“Em que lugar? Na cama da senhora Clelia Tumminello?”

Padre Macaluso parou de sorrir.

“Passemos a coisas mais sérias. Impiduglia é um jogador inveterado, doente por jogo. E com as cartas e a roleta já perdeu todo o seu patrimônio.”

“Isto eu não sabia.”

“Acredito. E quer saber mais uma coisa? Pediu adiantado a Papia uma parte do dote de ‘Ntontò e imediatamente jogou a metade. E isto não é tudo. Teve duas condenações por fraude. Olhe estes papéis.”

Padre Macaluso se aproximou do maço de folhas que estava sobre a escrivaninha. Não eram coisas sem importância, eram cópias de sentenças e declarações autenticadas.

“Que devo eu fazer?”, perguntou resignado.

“Falar pessoalmente com Impiduglia. Dou a ele três dias de tempo para refletir a respeito, porque apresento três opções. A primeira é que ele vá embora para onde quiser, mandando a ‘Ntontò uma linda carta dizendo que não se sente em condições de prender-se a uma pessoa, que não foi feito para o casamento. A segunda é que ele não vá embora e entremos em guerra. Neste caso eu peço a interdição de minha sobrinha, me torno seu tutor e o senhor Impiduglia vai ver por um binóculo o dinheiro de ‘Ntontò. E conseguir isto em um Tribunal será fácil. A lei segue sempre o caminho que lhe indica o dinheiro. A terceira é que ele venha aqui, a minha casa, me peça perdão pelo mal que queria fazer a ‘Ntontò, eu lhe dou uma quantia como indenização e fica cada um com Deus. Mas que não cometa um erro, o de ir ver minha sobrinha nestes três dias. Mande dizer-lhe que não está se sentindo bem.”

“Vou falar com ele”, disse o padre erguendo-se. Mas antes de sair fez uma pergunta.

“Posso saber a que título o senhor barão está aqui presente?”

“Como testemunha. Não quero que o que eu disse seja relatado de maneira truncada. E, já que estamos falando em títulos, se quiser dizer uma palavra de consolo a seu protegido, diga-lhe que ele só tinha um título para casar-se com ‘Ntontò: o de ser nobre.”

Quatro horas foram mais que suficientes para que toda Vigàta — com exceção de ‘Ntontò — ficasse sabendo quem era Nenè Impiduglia e a cena que se havia passado entre Don Totò e padre Macaluso. A única a tirar vantagem do fato de Nenè ficar em casa foi a senhora Clelia.

“Mas é verdade que te condenaram?”

“Sim.”

“Faz mais uma vez, ai, que bom! Mais uma! Não, espera, Nenè, vamos fazer por trás.”

Findo o prazo de três dias, centenas de olhos acompanharam os passos de Impiduglia, que o levavam do pequeno quarto à casa com as colunas. Anoitecia.

Diante dos olhos do marquês, que estava sentado à escrivaninha, Nenè teve medo. Aqueles, teve absoluta certeza, eram olhos de quem soubera matar, até a sangue-frio. Abriu a boca para falar, mas sentiu que estava arrolhada.

“Água”, conseguiu proferir.

O marquês não se moveu, continuou a olhá-lo como uma cobra antes de comer uma ratazana. Então Nenè virou-se de costas, seguiu ao longo do corredor um cheiro de coelho à caçadora e chegou à cozinha.

Nettie não estava. No parapeito da janela estava colocada uma moringa que transudava. Pegou-a e bebeu. Feito o que tinha a fazer, voltou para o escritório.

“Vim para lhe dizer que aceito a terceira proposta.”

Continuando sempre a encará-lo, Don Totò abriu um gavetão, tirou um envelope cheio e atirou-o para perto de suas mãos.

“Na América”, disse, “eu teria poupado este dinheiro. Agradeça aos céus por não estarmos na América.”

Nenè embolsou o envelope.

“E quem é que vai falar com ‘Ntontò?’”

“Deixe isto comigo, não se preocupe.”

Impiduglia voltou-se e saiu. Don Totò passou a mão no rosto, deu um suspiro prolongado e tocou a campainha.

“O caso está encerrado, Petru”, disse assim que o secretário apareceu. “Ele pegou o dinheiro. Também não podíamos esperar outra coisa, dada a índole deste homem de merda. Faça-me um favor: vá à casa de ‘Ntontò e diga-lhe que amanhã vou almoçar com ela.”

“Sua senhora também vai?”

“Não, Harriet se aborrece, não entende uma palavra do que dizemos. Esta viagem para ela está sendo um sofrimento. Mas dentro de poucos dias voltamos para a América.”

‘Ntontò esperou até depois das duas que o tio fosse ao palácio. Depois, vendo que ele não chegava, foi ficando cada vez mais nervosa. Tinha súbito compreendido que Don Totò, ao convidar-se para o almoço, queria falar de Nenè e esclarecer o porquê de seu noivado. Recusou o conselho de Peppinella, de sentar-se à mesa e ir começando, preferindo mandar Mimì à casa das colunas para saber o que havia acontecido. Mimì bateu à porta da casa de Don Totò e não houve resposta. Duas coisas o deixaram intrigado: a primeira é que, apesar de já ser depois do almoço, de uma janela via-se um lampião aceso, e a segunda era que por baixo do portão passava um cheiro de carne queimada. Correu a informar ao delegado Portera que não perdeu tempo em arrombar a porta. O quadro que se apresentou ao delegado, a um auxiliar seu e a Mimì fez com que todos os três ficassem profundamente admirados, tendo a impressão de terem entrado em um museu de cera.

Sentados em torno de uma mesa redonda, totalmente preparada para uma ceia, Don Totò estava levando à boca um garfo de espaguete, a senhora Harriet limpava os lábios com um guardanapo e Petru estava com o braço estendido para pegar um pedaço de pão. Na cozinha Nettie também estava sentada, com um prato sobre os joelhos, e olhava para um fogão, já apagado, sobre o qual estava uma caçarola tendo dentro um coelho à caçadora totalmente queimado. Não havia nada que lembrasse algo violento, tratava-se de uma cena do cotidiano e que permitia até esperar que alguma daquelas pessoas, surpreendida em sua intimidade, se levantasse e fosse tomar satisfações com os intrusos. Portera já vira muitos e muitas pessoas assassinadas e algumas com a mais incrível fantasia, mas foi exatamente esta falta de violência, esta calma aparente que lhe fizeram vir um aperto na boca do estômago. O primeiro pensamento foi que se tratasse de um erro da negra, pois se sabia como tinha fixação por dar sabor ao espaguete com as primeiras coisas que lhe passavam pela cabeça. Depois, de repente, o delegado se lembrou do que estava sendo dito no povoado acerca de Don Totò e Nenè Impiduglia. Enquanto isso, muita gente que tinha ficado sabendo que os mortos pareciam estátuas queria visitar o museu. Portera teve medo e mandou chamar o tenente Baldovino com alguns soldados. Foi precisamente o tenente quem apertou o nó corrediço em torno do pescoço de Impiduglia.

“Eu vi, ontem à noite, o senhor Impiduglia nesta casa. Estava próximo à janela da cozinha e estava bebendo algo.”

Portanto, Nenè havia, de alguma forma, conseguido entrar na cozinha e lhe tinha sido fácil pôr o veneno na panela em que se fervia a água para cozinhar os espaguetes. Havia motivos de sobra para que fizesse tudo aquilo e todos os conheciam.

Portera chamou dois homens e correu até a casa em que estava Nenè. Bateu, mas a porta que se abriu foi a do quarto da senhora Clelia:

“Quem é? O que querem? O senhor Impiduglia partiu hoje de manhã. Para Palermo. Me disse que vai retomar seus estudos.”

“Ponham a porta abaixo”, ordenou Portera.

“Mas não é preciso!”, interveio a senhora Clelia. “Me deixou a chave para entregar ao proprietário da casa e me deu até o dinheiro do aluguel.”

Esta última frase perturbou um pouco o delegado: mas como alguém que acaba de matar quatro pessoas, de deixar quatro cadáveres, antes de fugir ainda entrega a chave e paga o aluguel? Mas o pensamento sumiu de imediato quando viu a desordem do quatinho, com tudo de pernas para o ar, sinal de uma fuga precipitada.

Se tivesse reparado na senhora Clelia, teria, porém, compreendido que aquela desordem era a ordem habitual de Nenè Impiduglia.

Mimì, retomando sua antiga cara impassível de bandoleiro, disse à patroa que Don Totò tivera que ir à capital para tratar de um assunto importante. E que viria jantar no dia seguinte. Depois de tranquilizar ‘Ntontò com a mentira inventada, foi procurar o farmacêutico, contou-lhe o ocorrido — de que Fofò, aliás, já tinha conhecimento e pediu-lhe que fosse contar tudo a sua patroa. Ele não se sentia em condições para tal.

Fofò respondeu que o faria, porém que Mimì avisasse à senhorita que naquela noite ele lhe faria uma visita.

“E vossência não sabe qual das três propostas de Don Totò Impiduglia estava disposto a escolher?”, perguntou Portera.

“Não, não sei”, disse padre Macaluso. “Apenas lhe relatei o que me tinha dito o marquês.”

“Mas por que fica pensando tanto nisso?”, interveio o barão Uccello. “Matou-os e estava com tudo bem planejado. Teria talvez aceito uma das três propostas — a meu ver, a terceira, aquela em que pegava o dinheiro e ia embora — mas o ódio lhe inspirou uma outra ideia.”

“Quando o encontrarmos, saberemos”, concluiu o delegado.

“Não o encontrarão tão cedo”, disse o barão.

“E por quê?”

“Porque eu nunca pensei que o Nenè fosse capaz de matar. Se o fez, isto quer dizer que perdeu a cabeça. E uma pessoa que perde a cabeça não se sabe como raciocina, ao passo que o senhor, meu caro delegado, sabe raciocinar. Em suma, são dois caminhos que dificilmente se cruzam.”

‘Ntontò abriu a porta, mas não entrou no pequeno salão onde, de pé, a esperava Fofò La Matina.

“Que quer o senhor?”, perguntou da porta.

Fofò ficou surpreso. Mas logo percebeu que a marquesinha estava muito pálida e com os olhos vermelhos. Estava ereta e imóvel, de modo pouco natural.

“Venha cá, marquesa. Sente-se. Tenho algo a lhe dizer.”

“O que o senhor tem a me dizer eu já soube. Há duas horas. Por Peppinella, que não consegui aguentar minhas perguntas. Pode me fazer um favor?”

“Às suas ordens.”

“Entre em contato com Papia e tome o senhor todas as providências.”

# Sete

Providenciar tudo não foi fácil para Fofò. O primeiro obstáculo veio do fato de a senhora Harriet ser protestante.

“Mas por que protestava?”, disse padre Macaluso. “Bastava-lhe dar um pulo até a igreja e tudo se resolvia.”

O outro foi o de achar o sobrenome de Petru e sua data de nascimento. Quanto ao fato de Nettie ser cristã, no entanto, não havia dúvidas: todas as manhãs, com o sol ainda ao nível do mar, ela abria o janelão e se punha a cantar louvores ao Senhor batendo com as mãos e remexendo-se toda. Era um espetáculo. Fofò pôs à venda a casa com as colunas, encaixotou papéis e documentos da senhora e de Don Totò a fim de enviá-los para a América. Escreveu também para informar aos filhos do dinheiro que o marquês tinha em Vigàta e quase que certamente em Palermo. Só uma coisa pôs no bolso: o livrinho preto no qual Don Totò tomava nota das despesas do dia. A última linha registrava: “Dado a Nenè Impiduglia” e seguia-se uma vultosa quantia.

Uns dez dias depois, o delegado foi a cavalo a Misilmeri, um povoado vizinho de Palermo. Havia recebido uma carta de seu colega daquele local e queria certificar-se pessoalmente do que ali estava escrito.

Mal chegou de volta a Vigàta, chamou a seu escritório o barão Uccello, padre Macaluso e Fofò La Matina.

“Nenè Impiduglia foi encontrado. Estava dentro de um palheiro, nos arredores de Misilmeri, morto e nu.”

“Por que nu?”, perguntou imediatamente o padre.

“Não creio que ele próprio se tenha despido”, explicou o delegado. “Deve ter sido gente que passou, gente necessitada, que lhe tirou até as cuecas.”

“Por que morto?”, perguntou, com mais propriedade, o barão Uccello.

“Não dá para entender. No corpo não havia ferimentos, salvo duas ou três mordidas de cães que queriam comê-lo.”

“Eu acho que sei como ele morreu”, interveio Fofò La Matina. “Não encontraram uma caixinha?”

“Nada de nada. Encontraram só um envelope rasgado com seu nome e sobrenome e endereçado para cá. Por isso me escreveram de Misilmeri. Mas o que havia na caixinha?”

“Insulina e estriknina”, disse o farmacêutico.

“Porra!”, exclamou o delegado.

“Eu tinha dado a ele as pastilhas de estriknina. Serviam, com a insulina, para tratar de sua diabete. Sabiam que era doente?”

“Não”, disseram a uma só voz o delegado e o barão.

“Coma diabético”, continuou Fofò La Matina. “Deve ter-se sentido mal no caminho. Talvez as pastilhas tivessem acabado e ele não pode mais tratar-se.”

“Claro que as pastilhas tinham acabado”, exclamou o barão Uccello. “Serviram para ele envenenar Don Totò e os seus!”

“Com a estriknina, não creio, barão.”

“E por quê?”

“Porque a morte por estricnina fica visível. Os rostos e os corpos ficam tortos devido aos espasmos. E em casa de Don Totò, pelo contrário, todos estavam muito naturais. Não, acho que aquele filho da puta os envenenou com beladona.”

O farmacêutico era conhecido como pessoa que dificilmente insultaria alguém, e chamar de filho da puta a Nenè Impiduglia não seria de seus hábitos.

“Perdoem-me”, disse o farmacêutico, tirando do bolso um livrinho preto e entregando-o ao delegado. “Veja na última linha. Aquele desgraçado primeiro pegou o dinheiro de Don Totò e depois o matou.”

“O senhor vai contar isso a ‘Ntontò, como de costume?”, perguntou o barão ao farmacêutico, depois de uma pausa.

Fofò ficou um tempo mudo, era claro que estava pensando e repensando a respeito.

“Não, não digo nada a ela. Deixemos que creia que Impiduglia fugiu. Não sei como receberia a notícia de mais uma morte. Seus nervos já não estão suportando.”

“Ele pode até não contar isso à marquesinha, não falar desta outra morte. E faz bem”, disse mais tarde no clube o agente dos Correios Colajanni. “Mas o fato permanece.”

“Não entendo aonde o senhor quer chegar”, disse o barão Uccello com visível irritação. Conhecia bem certo tom de voz de Colajanni.

“Não quero chegar a lugar nenhum. Estou só contando.”

“E que porra está o senhor contando?”, disse o barão.

Colajanni levantou o polegar direito e começou:

“Don Federico, Rico, Dona Matilde, Don Filippo, Don Totò, a senhora Harriet, Petru, a negra e Nenè Impiduglia.”

Quando terminou a lista, só lhe faltava abrir o dedo mindinho da mão esquerda.

“Nove pessoas. Está explicado?”

“Não, senhor. O senhor deve usar palavras claras.”

“Mais claras que estas? Estou dizendo que a marquesinha está causando mais danos que um terremoto.”

Se o tenente Baldovino não o tivesse prontamente detido, o barão teria enchido a cara do agente dos Correios de socos violentos.

Mas o boato tinha sido lançado e começou a correr rapidamente pelo povoado, porque, como se sabe, a calúnia é como a brisa...<sup>[18]</sup> De sua parte, ‘Ntontò contribuía para aumentá-la. Sofrendo de insônia, passava as noites andando de um quarto a outro, com uma vela na mão, e como sentia também calores era obrigada a manter os janelões abertos. Assim, os vigatenses que dormiam tarde e os que levantavam cedo podiam vê-la nessa movimentação desordenada e ficavam com medo.

“Está sempre com um lenço ensopado de lágrimas diante da boca”, disse alguém.

“E os olhos estão esbugalhados demais”, disse outro.

“E uma noite eu a ouvi rindo”, acrescentou um terceiro.

“Devido à histeria, certamente. Mas é mesmo uma coisa de arrepiar os cabelos.”

Os membros da família Agro descobriram casualmente, mas com muito medo, que eram primos em décimo grau de ‘Ntontò Peluso. Como não sabiam que atitude tomar, pagaram a uma velhinha que era a melhor de todas em casos de esconjuro.

O farmacêutico achou na porta de sua casa um enorme chifre vermelho com um bilhete que dizia: “Para quando você for ver a marquesa.”

Certa manhã, Mimì, ao abrir o portão do palácio, viu que em uma das maçanetas estavam pendurados dois galos vivos. Esperou por um momento que alguém se apresentasse para pegá-los de volta. Depois, vendo que ninguém aparecia, desatou-os, torceu-lhes o pescoço e preparou com eles uma canja. Não sabia que os galos tinham sido colocados de propósito por Saro Miccichè, que tinha um filhinho de três anos gravemente doente. Os médicos, inclusive os de Palermo, depois de examinarem-no, receitavam e davam-lhe remédios, mas via-se que estavam desesperançados.

Uma semana depois de Saro Miccichè ter pendurado os galos, um fato sério aconteceu: a criança sarou. E dois dias depois estava correndo pelas ruas.

Mas a partir daí não se passou um dia sem que Mimì, ao abrir, não encontrasse, amontoados, pães de trigo, verduras, quartos de cordeiro, queijos, salsichas, cestos de ricota, cassatas, canoles e outras coisas mais.

“Deve agradecer a Deus que não vivemos mais nos tempos da Inquisição”, disse o agente dos Correios. “Porque senão nem com a ajuda do Espírito Santo ‘Ntontò se salvaria da fogueira.”

Depois o assunto começou a diminuir tal como tinha começado. Primeiro, porque as pessoas perceberam que, apesar dos tributos oferecidos à marquesa, quem tinha que morrer, morria, quem tinha que viver, vivia, e em segundo lugar porque certas manhãs os portadores de presentes se encontraram diante do barão Uccello, que, gritando, lhes dava chutes no traseiro e chicotadas.

Depois foi ‘Ntontò mesma quem fez parar aquele boato que de início ela tinha contribuído para criar. Um domingo, por volta das nove horas, saiu pelo portão e encaminhou-se para a igreja, acompanhada por Peppinella. Continuava vestindo-se de negro, mas não fazia nada de estranho, andava como devia e respondia com um aceno de cabeça a quem a cumprimentava. Alguém a viu até esboçar um sorriso, por trás do véu. Ajoelhou-se no confessionário, fez sua comunhão e voltou para o palácio. À noite os janelões ficaram fechados.

Quem, pelo contrário, foi visto passeando até tarde da noite à beira-mar, apesar do vento frio que soprava do norte, foi padre Macaluso: via-se que algo o tinha contrariado, porque falava sozinho e gesticulava.

“Quero me confessar.”

“Ofendeu o Senhor com palavras ou atos?”

“Sim. Fui agressiva com meu criado Mimì e perdi a paciência com minha criada Peppinella.”

“É um pecado venial, embora ainda seja pecado. A senhora marquesa deve ter mais atenção. Cinco ave-marias e cinco padre-nossos. *Ego te...*”

Já tinha erguido a mão para a bênção, sabia que eram estas as maiores faltas da moça. Mas a voz de ‘Ntontò o paralisou.

“Tem outra coisa.”

“Diga. Qual é?”

“Quando vou me deitar, me toco”, disse a marquesa com voz alterada, falando baixo e rouco.

“Que quer dizer com isto, me toco?”

“Quer dizer que me toco.”

“Onde?”

“Na frente e atrás, em cima e embaixo. E depois durmo tranquilamente. Até a manhã seguinte.”

“E o faz para isso, para conseguir dormir?”

“Também.”

“Mas, Santo Deus, a senhora não pode se servir de um pecado como se fosse um calmante!”

“E que posso eu fazer se me faz bem? E até me dá prazer.”

“Toca-se uma só vez?”

“Não, certas noites muitas e muitas vezes.”

“Demais mesmo?”

“Sim, muitas e muitas.”

“E faz tais coisas só para pegar no sono ou pensa em alguém em especial?”

“Penso em uma pessoa.”

“E quem é?”

“Tenho vergonha de dizer.”

“A senhora tem que me dizer, senão não posso lhe dar a absolvição.”

“Penso em Fofò La Matina.”

Pronto, era isso que padre Macaluso repetia para si mesmo enquanto caminhava na praia. E que não lhe dava sossego: a consciência de que ‘Ntontò fora sempre uma grande folha branca, e agora uma feia mancha de tinta a sujava.

“Quero me confessar.”

“Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Fale, marquesa.”

“Outro dia me veio o impulso de dar um tapa em Peppinella porque me respondeu.”

“Marquesa, pelo amor de Deus, não me venha com estas bobagens. Vamos ao ponto principal. Ainda?”

“Sim.”

“Todas as noites?”

“Sim.”

“E certas noites várias vezes seguidas?”

“Sim.”

“E continua pensando no mesmo homem?”

“Sim.”

“Marquesa, já esperava por isso. Durante esta semana pensei a respeito. Tenho o dever de salvar sua alma, entende?”

“Sim.”

“E tive uma ideia. Ouça-me bem.”

“Sim.”

“Estaria disposta a se casar com o farmacêutico?”

“Sim.”

Fofò La Matina acabava de sentar-se à mesa quando ouviu bater na porta uma voz que blasfemava. Desceu a escada de madeira, abriu a porta e viu-se apanhado pela gola da camisa e empurrado contra um banco. Padre Macaluso estava furioso.

“Porco! Safado! Como é que vai entrando assim nos devaneios de uma moça? Tenha vergonha!”

“Mas de quê?”, conseguiu dizer o farmacêutico meio estrangulado.

“Ah, não sabe, o inocente!”

“Juro que não sei.”

“Se não sabe, não sou eu quem vai lhe dizer. Mas o senhor vai fazer o que lhe ordeno, ou juro, seu cretino, que o parto ao meio!”

“Mas quer me dizer o que tenho que fazer?”

“Casar-se com a marquesinha ‘Ntontò’, gritou padre Macaluso, deixando-lhe finalmente livre o pescoço.

O farmacêutico ficou como um estátua.

“Está brincando?”

“Não, senhor.”

“Mas veja: a marquesinha descende de Federico II e eu, minha árvore é aquela de que acabo de descer, a árvore em que colhia frutos para vender.”

“Isso não tem importância.”

“Como não tem importância? A única condição de Don Filippo e de Don Totò era que o noivo tinha que ser nobre.”

“E de onde porra que eles vão agora fazer oposição? Não vê que há um deserto em torno de ‘Ntontò?”

“Mas a quem pediria sua mão?”

“A ela própria. E hoje mesmo.”

“Mas a marquesa me quer?”

“Se o quer, se o quer, Cristo! E como o quer!”

“Vamos até lá em cima e falamos disto com mais vagar.”

Falaram a respeito durante mais duas horas. O apetite que Fofò perdera tinha ido para o pároco, que limpou toda a comida enquanto eliminava uma a uma as observações do farmacêutico.

“E quando este casamento poderá ser feito?”, foi a última dúvida de Fofò.

“Como, quando? Dentro de um mês.”

“E a dispensa do luto?”

“Ela já tem. O bispo já devorou todo um patrimônio quando se tratava de Impiduglia.”

Não houve mais nada a fazer. Bem-vestido, acompanhado pelo padre Macaluso, ao cair da noite o farmacêutico foi ao palácio. ‘Ntontò o esperava no salão. Não disse palavra. Fez apenas um sinal para que se sentasse ao lado dela no sofá, e ao padre, a que se sentasse em uma poltrona. A seguir, como que a chamado dos olhos dela, o farmacêutico, que estava com a cabeça voltada na direção de um quadro, começou a virar-se. E finalmente se olharam olhos nos olhos.

Fofò e ‘Ntontò voltaram transformados da lua de mel quinze dias em Palermo, no Hotel des Palmes.

‘Ntontò parecia ter tirado de cima uns dez anos, tinha-se tornado uma garota que estava sempre rindo e a cada domingo trocava de vestido. Havia deixado para trás anos de luto e de lágrimas. Fofò La Matina, pelo contrário, quanto mais os dias se passavam, mais taciturno e agressivo se tornava, por vezes sequer respondia aos cumprimentos, passava o dia inteiro na farmácia e à noite, antes de voltar para o palácio, dava uma longa e solitária caminhada à beira-mar, olhando os caranguejos que andavam de lado. Não tinha tido amigos e não fez amigos.

“As compressas que me mandou aplicar sobre os olhos me fizeram bem”, disse o barão Uccello. “Pode preparar outras?”

“Claro”, disse o farmacêutico. Foi até a parte de trás da farmácia e voltou com um pequeno frasco de vidro cheio de um pó preto.

“Não me resta mais que isso. Amanhã, como é domingo, vou a Mantellina para colher mais.”

“Vai a Mantellina?”

“Sim, é uma área em que abundam essas plantas.”

“Leve uma espingarda.”

“Por quê?”

“Porque me disseram que em Mantellina, exatamente por estes dias, um camponês foi mordido por um cão raivoso e morreu.”

Fofò resolveu seguir o conselho do barão. Ao chegar ao local, deserto e cheio de pedras, cuja única vegetação era constituída pelo meliloto, a erva que lhe interessava, e por moitas de sorgo, percebeu — ou talvez foi a espingarda que tinha nos ombros que o levou a perceber — que o lugar estava cheio de lebres e coelhos. Matou duas lebres e um coelho, depois desistiu de atirar, porque não sabia mais onde pôr os animais caçados.

E foi assim que lhe veio a mania de caçar.

Não satisfeito com as espingardas que encontrara no palácio, foi a Palermo e comprou quatro espingardas que eram uma maravilha. Três meses depois chegaram dois cães ingleses, da raça *bloodhound*, que sentiam o cheiro de animal selvagem a milhas de distância. Fofò passou a ser pouco, ou quase nunca, visto no povoado, deixando a farmácia entregue ao assistente, de quem ninguém tinha o que reclamar.

Promovido a capitão, o tenente Amedeo Baldovino teve que deixar Vigàta: para comandante da guarnição foi enviado o tenente Emiliano di Saint Vincent, um nobre piemontês de Asti. No clube, deram uma festa de despedida a quem partia e de boas-vindas a quem chegava, e houve brindes e comoção, porque Baldovino, depois de tantos anos, já era considerado um deles.

“Mas, é um anjo”, disse a senhora Clelia assim que viu o tenente Emiliano.

Alto, louro, elegantíssimo, Emiliano di Saint Vincent durante toda a recepção falou, cumprimentou, bateu esporas, beijou mãos, fez reverências, mas tudo isso como se fosse outro que fizesse tais coisas, parecendo distante, inalcançável.

“Quando é que eu vou conseguir apanhar este?”, pensou a senhora Clelia, desanimada.

De fato, o tenente Emiliano disse um civilizado não à gentil solicitude da senhora Clelia, que queria que ele alugasse o quartinho porta com porta de sua casa, o mesmo que tinha servido a Nenè Impiduglia.

“Prefiro dormir na caserna, com meus soldados.”

“Mas a caserna é desconfortável!”

“Somos homens de armas, senhora, acostumados ao desconforto.”

E não só parecia sentir-se muito bem no desconforto, como considerava seu dever fazer com que nele ficassem também seus soldados. O quartel, com Amedeo Baldovino, tinha se tornado uma espécie de povoado à parte, mas, com a mesma liberdade do povoado, a corneta tocava o despertar muito mais tarde quando fazia frio ou chovia. Os militares voltavam à noite quando lhes aprazia. Com Emiliano di Saint Vincent, porém, os horários voltaram a ser regulamentares. Havia exercícios no pátio de manhã bem cedo e voltou até o castigo de Deus que eram as longas marchas. No povoado, nas raras vezes que o viam, o tenente não dava intimidade a ninguém, sequer olhava para alguma mulher e não quis entrar para sócio do clube.

“*Bloodhound!*”

A voz a suas costas pegou de surpresa Fofò La Matina, que estava saindo pelo portão do palácio com seus cães para ir à caça. Voltou-se e deu com um jovem muito bonito, de uniforme. Entendeu imediatamente que era o novo comandante, que ainda não tinha conhecido.

“Sou Emiliano di Saint Vincent, o novo...”

“Já tinha percebido. Eu me chamo Fofò La Matina e sou o farmacêutico.”

“Dá licença?”, perguntou o tenente e, sem esperar resposta, agachou-se. Os dois cães logo começaram a fazer-lhe festa. O oficial os acariciou, olhou dentro de sua boca, acariciou-os novamente e a seguir levantou-se.

“Parabéns”, disse. “São dois esplêndidos exemplares e estão muito bem cuidados.”

“O senhor entende de cães?”

“Tenho dois em Asti, em minha casa. E tenho também dois *fox-hounds*.”

“Mas estes servem para a caça à raposa.”

“Exato. Porém, são muito velozes. E a velocidade é sempre útil em um cão de caça.”

Fofò La Matina se deu conta de que há muito tempo não mantinha uma conversa tão prolongada com uma pessoa.

“Quer vir à caça comigo?”

Nunca tinha convidado alguém a lhe fazer companhia.

“Obrigado. Eu iria com prazer. Mas não tenho aqui uma das minhas espingardas.”

“Eu lhe empresto uma. Venha comigo.”

Levou-o ao pequeno aposento que havia em cima da farmácia e que estava transformado em um arsenal. Ali estavam todas as armas dos Peluso e mais as quatro ultramodernas que tinha comprado em Palermo. A seguir havia uma grande mesa tendo em cima caixas de pólvora, pequenas balanças, pipetas, cartuchos por fazer e cartuchos já preparados, cápsulas, dobradeiras, medidores, mechas, cartucheiras. Emiliano di Saint Vincent quase se emocionou.

“Em minha casa, em Asti, tenho um cômodo como este.”

E começou a falar de pólvora e de espingardas. E Fofò lhe respondia, e de vez em quando se calavam, olhavam-se nos olhos e os dois tinham vontade de sorrir.

# Oito

Irem juntos à caça duas ou três vezes por semana, quando o tenente estava livre de seus compromissos militares, tornou-se um hábito. Emiliano di Saint Vincent tinha dado um pulo a Palermo para comprar duas espingardas, porque não queria abusar da gentileza do amigo e porque, como todo caçador, queria que suas armas se adaptassem a seu corpo como uma roupa com a qual a pessoa já se sente à vontade. Mas estes dias de caçada estragavam o fígado do farmacêutico. Por mais atenção e concentração que tivesse ao atirar, o tenente era sempre mais rápido e mais preciso. Mirava e apertava o gatilho com elegância, parecia não dar muita importância ao que fazia, no entanto todas as vezes a perdiz ou a codorna, o coelho ou a lebre ficavam por terra. Fofò não conseguia acompanhá-lo.

“O senhor parece nem fazer mira, tenente.”

“De fato, não faço mira como o senhor. Eu não aponto para o animal, mas para a impressão que dele recebo.”

Um dia, enquanto descansavam de uma longa caçada, Emiliano di Saint Vincent disse ao farmacêutico:

“Sabe, amanhã é meu aniversário.”

“Venha comemorar em minha casa”, respondeu despreocupadamente o farmacêutico.

‘Ntontò, contente de ver uma cara nova, mandou Peppinella preparar um jantar digno de ser lembrado. E o tenente fez honra aos pratos que foram trazidos, sem recusar nenhum. Estava claro que o tenente e ‘Ntontò haviam simpatizado um com o outro, falavam e riam entre si a ponto de, em certo momento, Fofò ter tido a impressão de que era melhor ele levantar-se e ir dormir. Por outro lado, entre os dois havia uma curiosa semelhança, pareciam irmão e irmã, ambos altos e louros e com olhos de um azul-celeste. Pareciam até já se terem conhecido. E o farmacêutico, atoleimado diante da conversa ininterrupta, a certa altura sentiu-se tomado pelo sono. E entregou-se a ele, diante de um copo de vinho. Acordou no momento em que se despediam.

“Amanhã vamos à caça?”, perguntou ao tenente.

“Não, amanhã não posso. Mas depois de amanhã, com prazer.”

Combinaram o encontro.

O piemontês, para retribuir de algum modo a gentil hospitalidade da marquesa e do farmacêutico, decidiu seguir a tradição de sua raça e mostrar-se igualmente gentil, errando um tiro fácilíssimo. Fofò, que estava com a desvantagem de uma perdiz, conseguiu finalmente empatar com ele. Foi certamente a alegria experimentada com aquele empate, que nunca havia atingido antes em todas as vezes que tinham ido juntos à caça, que a partir daquele momento passou a dirigir-lhe a mão e o olho, porque no transcurso de algumas horas estabeleceu-se uma disparidade tal, que nunca mais o tenente conseguiria alcançá-lo.

Puseram tal ardor na disputa que continuaram a atirar esquecendo até a hora de comer e só por volta das cinco da tarde foi que resolveram descansar porque já nem conseguiam mais ficar de pé, tal o cansaço. Com as costas apoiadas em um tronco, um garrafão de vinho entre as pernas, os cães deitados ao lado, o amigo sentado próximo, um fresco odor de erva em torno, Fofò La Matina começou a sentir uma sensação nunca antes experimentada em sua vida. Sentia-se a tal ponto leve que tinha medo de que

uma rajada de vento mais forte pudesse içá-lo até a copa das árvores, ou ainda mais alto, até fazê-lo perder-se no meio das nuvens. O peito se abria, a cada inspiração parecia-lhe poder botar pra dentro duas ânforas de ar. Distraiu-se olhando uma formiga que caminhava sobre sua mão, observando o esforço que fazia para passar de um pelo para o outro.

“... e assim nos encontramos diante de uma progressão geométrica singular”, concluiu o tenente.

Fofò despertou, não tinha escutado nada do que dissera o amigo. Olhou para ele.

“Desculpe, não ouvi.”

O tenente reparou no rosto dele e ficou preocupado.

“Que tem você? Está se sentindo mal?”, perguntou passando-lhe um braço em torno dos ombros; não sabia que aqueles traços tensos, aquele trejeito nos lábios eram, em Fofò, a expressão da felicidade.

“Não, estou muito bem. Que é que você estava dizendo?”

“A senhora marquesa, sua esposa, quando me contou os dolorosos eventos, evidentemente não se deu conta de algo. E nem você, suponho.”

“Mas de que teria eu que me dar conta?”

“Da progressão geométrica. Chamemos de  $x$  a data da morte por suicídio do marquês avô. Quatro meses depois, falece, envenenado pelos cogumelos, o irmão da marquesa. Oito meses depois morre, de enfarte, a marquesa mãe. Dezesesseis meses depois, o senhor marquês, caindo, passa desta para melhor. Trinta e dois meses depois, desaparecem o tio, a tia, a criada e o secretário. E, quase na mesma data, o noivo. Portanto, a progressão é dois, quatro, oito, dezesesseis, trinta e dois. Porém está acéfala.”

“Como assim?”

“Sem começo, sem início. E para encontrar o início teríamos que resolver  $x$ -dois. Venho pensando nisso desde ontem, sabe? Enquanto estava no quartel. Em outras palavras, o que teria acontecido no dia 1º de janeiro, ou seja, dois meses antes de o marquês ter-se suicidado?”

“Ah, se é por isso, é simples”, disse Fofò La Matina. “Cheguei eu a Vigàta depois de anos e anos de ausência.”

“Mas que tem você a ver com isso?”, disse o tenente meio confuso. “Não vejo a relação.”

“Pois vou lhe mostrar qual é. Nunca tinha reparado nessa história dos números. Mas primeiro quero contar-lhe a história de um garotinho de mais ou menos dez anos, filho de um vinhadeiro, ou melhor, de um camponês que resolveu cultivar também ervas e legumes que podiam curar todos os males, mas que nem por isso deixou de ser um camponês; e o garoto, que vinha ao povoado para trazer para os senhores as coisas que seu pai mandava, caminha de rua em rua com a cabeça voltada para o alto, olhando as meninas debruçadas nos janelões. Mas um dia olha para uma sacada em que está uma menininha de uns seis anos, que pertence, porém, à família mais nobre e mais rica do povoado. Os dois se enlaçam com os olhos, ele fica paralisado no meio da rua, ela fica imóvel, sustando a meio o gesto que fazia de ajeitar a travessinha. E no minuto que se segue os dois já se tornaram adultos e podem falar-se com os olhos como duas pessoas adultas. Ficam ainda se olhando por mais dois minutos e neste curto espaço de tempo se conhecem, decidem que foram feitos um para o outro, se casam e passam a viver juntos. Fazem um pacto. E, quando cessa aquele olhar, a promessa tornou-se solene. É quando chega o pai da menininha, dá um chute na bunda do garoto, que faz caírem as coisas que ele tinha nas mãos. Quer escutar uma história de amor que começa assim?”

“Sim. É uma bela história”, disse o tenente, que era sobrinho neto distante de Vittorio Alfieri e, portanto, dado a estas coisas.

Fofò La Matina apoiou-se melhor no braço do amigo, pegou com a sua a mão do tenente que estava apoiada em seu ombro e, levado por uma onda de uma felicidade que o fazia quase cantar, começou.

Ao terminar de falar, já escurecia. Emiliano di Saint Vincent, à medida que a narrativa se adiantava, tornava-se cada vez mais pálido e imóvel. Agora, na obscuridade, seu rosto ressaltava, lívido. Quando Fofò pronunciou a última palavra, deu um profundo suspiro.

“Cristo!”, disse e acabou de esvaziar o garrafão de vinho.

A seguir exclamou:

“Mas por que resolveu me contar esta história? Ninguém suspeitava de nada, ninguém relacionava o senhor com aquelas mortes. Por que me contou?”

“Porque compreendi, hoje, que já estou cansado. Durante tantos anos insisti teimosamente em querer uma única coisa e quando finalmente a consegui me dei conta de que não valia a pena.”

“Mas o que está dizendo?!”

“Exatamente o que disse: não valia a pena. Nem por ‘Ntontò nem por qualquer outra mulher no mundo. Me persuadi no dia seguinte à minha primeira noite de casamento. Ela estava dormindo, a meu lado, eu fiquei olhando para ela e disse a mim mesmo: ‘Mas será que valeu a pena tudo isso?’”

Fez uma pausa, bebeu o último gole de vinho.

“E quer saber de uma coisa?”

“Tanto faz”, disse o tenente resignado.

“A mulher não passa de um fraco substituto de uma boa punheta.”

E Fofò não sabia que estava expressando uma ideia que muitos anos depois viria à mente, nos mesmos termos, de um alemão de nome Karl Kraus.

“Não concordo”, disse Emiliano di Saint Vincent, tentando levantar-se, mas voltando duas ou três vezes a cair sentado, as pernas bambas, como uma marionete sem fios. Teve um gesto de desespero. “Sabe que eu agora tenho que cumprir com meu dever?”

“Pois cumpra. Agirá como amigo, como eu fui seu amigo contando-lhe a verdade dos fatos.”

E como o outro não conseguia ficar de pé estendeu-lhe a mão para ajudá-lo.

Ao ser perguntado responde:

“O nome Santo Alfonso de’ Liguori eu escolhi para me proteger. Ao voltar a Vigàta depois de quase vinte anos, não sabia se ainda vivia no povoado algum daqueles que haviam assassinado meu pai e que me tinham procurado para também me assassinar. Depois o senhor Bastiano Taormina me explicou que quem o assassinou foram uns monges que eram de fora e que achavam que meu pai tinha feito um pacto com o diabo. Meu tio padre, em casa de quem eu morei em Palermo, era devoto de Santo Alfonso de’ Liguori.”

“Não. Voltei a Vigàta só pelo desejo de rever ‘Ntontò, como estava depois de crescida, como se havia tornado. Não tinha intenção de fazer mal a ninguém. E sabia muito bem que não haveria meio de me casar com ela, que os Peluso jamais me dariam sua mão, que jamais haveriam de dá-la ao filho de um camponês. Foi enquanto navegava no *Franceschiello* que me veio a ideia de matar todos os Peluso, mas sentia que não seria capaz disso.”

“Eu não ameacei o velho marquês. Foi ele que entendeu, não sei como, que havia esta ideia dentro de mim. Longínqua, mas havia. Jogou-se no mar para não ser morto por mim. E foi exatamente este fato que reforçou em mim a ideia de que, se desaparecessem todos os Peluso, não restaria ninguém para se opor ao casamento.”

“Eu fui chamado à cabeceira de Federico Peluso quando ele estava morrendo. Notei imediatamente que em sua mão direita não havia só arranhões provocados por espinhos, mas, claro e evidente, também o triângulo típico que deixa a víbora ao morder. Deixei que o doutor Smecca usasse remédios contra o envenenamento dos cogumelos e não os que serviriam contra o veneno da víbora. Nada mais.”

“Dona Matilde teria morrido de qualquer modo. Recusava-se a continuar a viver. Os pós que lhe dissolviam na água eram macerações de valeriana, serviam para tirar-lhe o apetite. Mas duvido que pudesse voltar a ter fome.”

“O marquês eu matei. Na caixinha de pastilhas preparadas por mim para fazer passar sua acidez de estômago coloquei uma de beladona. Mas dei-lhe tempo de ser feliz e de ter o filho que queria. Não o matei antes por isso, simpatizava com ele, embora afirmasse que o marido de sua filha tinha que ser nobre.”

“A negra vinha à farmácia pedir-me as coisas mais esquisitas. Um dia vendi-lhe o veneno dizendo que era um condimento especial para os espaguetes. Morreram todos.”

“Não, as pílulas de estricnina que eu tinha preparado para Impiduglia eram adequadas. Que necessidade teria eu de matá-lo? Na melhor das hipóteses, acusado de quatro homicídios, teria passado o resto da vida na cadeia. Quanto a ‘Ntontò, teria que se esquecer dela. Não: morreu, creio eu, de coma diabético.”

“O motivo pelo qual estou contando tudo que fiz não é da conta de ninguém. De qualquer forma, a marquesa minha esposa nunca ficou sabendo de nada.”

“Mas por que diabos garante que ‘Ntontò não sabia de nada disso?”, desabafou padre Macaluso. “Quando todos os Peluso foram eliminados da face da Terra, ela veio se confessar só para me persuadir de que, sem o farmacêutico, seria a danação de sua alma. Me fez de imbecil e até profanou o sacramento da confissão. Aquele era o momento certo. Mas o momento certo e a maneira certa só podem ter resultado de um entendimento entre os dois.”

“E que vai fazer vossência, vai contar ao delegado o que ‘Ntontò lhe disse no confessionário?”, perguntou a senhora Colajanni.

“Tem razão, não posso fazer isso. Mas isto me corrói por dentro.”

“Eu não teria tanta certeza de que houvesse um acordo”, disse a senhora Clelia, lembrando-se do dia em que o farmacêutico lhe havia feito serviço completo. “Uma potência amorosa como a do farmacêutico, ‘Ntontò pode tê-la sentido de longe. Que sabemos nós dos poderes que tinha aquele homem?”

“Teríamos que indagar de ‘Ntontò”, concluiu a senhora Colajanni.

Mas não foi possível indagar nada de ‘Ntontò. Quando o barão Uccello, a quem agora cabia a tarefa de explicar à marquesa tudo que tinha acontecido, acabou de falar, com o bigode e a barba emplastrados das lágrimas que os haviam encharcado, ‘Ntontò não abriu a boca senão para dizer:

“Obrigada pelo incômodo, Zizi.”

Fresca como um quarto de frango, ao meio-dia em ponto sentou-se à mesa e tomou um caldo diretamente do prato, sem usar colher e sujando-se toda.

Mais tarde, Peppinella, que não a perdia de vista, encontrou-a jogando com duas bolinhas de papelão, deitada de bruços no chão. No dia seguinte, com bater de pés, choros e balbucios feitos com uma voz fininha, deu a entender a Peppinella e a Mimì que queria que lhe abrissem o sótão. Ao encontrar sua velha caminha de criança, enroscou-se dentro dela, mijou-se e adormeceu com o dedo na boca. O barão Uccello, chamado por Peppinella, foi vê-la no sótão, e ‘Ntontò, assim que o viu, correu a esconder-se atrás de um baú, gritando que não queria o médico, que ela não estava doente. Inutilmente o barão tentou fazer-se reconhecer. Depois, perturbado, pediu a Peppinella um pouco d’água, que a criada desceu para ir buscar. Foi então que ‘Ntontò ergueu-se de trás do baú e o olhou firme e ereta. E o barão, devolvendo-lhe o olhar, descobriu, por um momento, que foi uma eternidade, que não havia loucura

naqueles olhos, nem em seu rosto. Eram os olhos de uma mulher de quase trinta anos, sofridos e conscientes. Sentiu um calafrio.

“Que história asquerosa, hein, Zizi?”

Depois, quando Peppinella voltou, agachou-se novamente atrás do baú. Não há dúvida, porque dúvidas não poderia haver depois daquele olhar e daquelas palavras, mas uma lâmina gelada penetrou na cabeça do barão, uma ferida que levaria consigo nos anos que lhe restavam.

Ammàtola, o defensor, tentou subir por paredes lisas: a condenação, diante da completa confissão de Fofò e de sua falta de arrependimento, não podia ser senão a que foi.

“Agora vamos entrar com a apelação”, disse o advogado de defesa.

“Não”, disse com decisão o farmacêutico.

“E não fazendo a menor oposição mandou pelos ares os números do tenente”, disse o agente dos Correios Colajanni. “Segundo aqueles cálculos, Fofò deveria morrer sessenta e quatro meses depois da morte de Totò Peluso e companhia.”

“E quando é que vão fuzilá-lo?”, perguntou o perito Fede.

“Dentro de uma semana.”

“Então está certo. O tenente tem razão. Morre a exatamente dez meses do dia em que o prenderam.”

“Quer me explicar isto?”

“Pois não. Isto quer dizer que os números resolveram tomar outro caminho, mudaram de posição. Sessenta e quatro meses, não foi o que você disse? Então, desta vez se trata de uma simples soma: seis mais quatro são dez.”

Os soldados tomaram posição, a primeira fileira ajoelhada, a segunda de pé. Emiliano di Saint Vincent aproximou-se do condenado com uma faixa negra nas mãos, e, enquanto o vendava, sussurrou com voz alquebrada:

“Lamento, sinceramente.”

“Pois eu, sinceramente, não”, disse Fofò La Matina.

# Nota

Há um filme inglês famoso em que se conta que um fulano, que pertencia ao lado secundário de uma nobre família, resolve por conta própria que tem que se tornar o titular exclusivo do brasão. E assim, ora ajudado pela sorte, ora ajudando-se ele mesmo com muito engenho e rica variedade de armas, começa a agir no sentido de eliminar todos os herdeiros que vinham antes dele.

Tendo sempre em mãos a árvore genealógica, com a satisfação pelo que já havia feito e pelo desafio quanto ao que teria a fazer, ele consegue, com a mesma teimosia característica dos santos e dos cientistas, subir galho após galho como um macaco, até sentar-se triunfante bem na copa. Mas um erro de distração, ao final, o leva a perder-se.

Se alguém pensa que meu romance parte do filme, está errado. A ideia me surgiu há vinte e dois anos, ao ler os dois volumes da *Pesquisa sobre as condições econômicas e sociais da Sicília (1875-1880)*, publicada pela Cappelli em 1968. Escondidas entre as 1.411 páginas (digo escondidas, porque já não tenho mais vontade de ir buscar o local exato) há duas falas, entre um dos membros da comissão e um responsável pela ordem pública de um pequeno povoado:

“Houve recentemente fatos sangrentos em seu povoado?”

“Não. A não ser um farmacêutico que, por amor, matou sete pessoas.”

Isto é tudo. E desde então comecei a pensar nisto, nesta história. E quando depois roteirizei (com meus amigos Suriano e Passalacqua) um breve conto de Sciascia para a televisão, intitulado *Western di cose nostre (Western de coisas nossas)*, ao protagonista, que era um farmacêutico, emprestei, malgrado meu, diversos traços do “meu” farmacêutico.

Mas acho uma verdadeira perda de tempo ter que declarar que nomes e situações (a parte da história que é o fundamento mesmo da narrativa) não têm relação com pessoas realmente existentes ou com fatos realmente acontecidos. Porém têm relação entre mim e a memória de minha terra.

O romance é dedicado a Rosetta, minha mulher. Acho que não lhe agrada muito, não pelo modo com que está escrito, mas pelo que queria significar. Se assim é, que aceite a dedicatória como recente prova de seus mais de trinta anos de paciência para comigo.

(1990)

Andrea Camilleri, além de romancista, é também roteirista e diretor de teatro e TV. Razão por que algumas de suas obras aparecem sob dupla forma, como é o caso de *Il corso delle cose*, de 1978, adaptado para a TV com o título de *La mano sugli occhi*. Como diretor de teatro esteve no Rio de Janeiro em 1988, trazendo um espetáculo interpretado por formandos da Accademia Drammatica di Roma, onde era também professor. Foram também publicados pela Bertrand Brasil seus romances *Um Fio de Fumaça*, *A Ópera Maldita* e *Por uma Linha Telefônica*.

# Notas

- [1] Diminutivo de Francisco. Referência a Francisco II, de Bourbon, último rei das Duas Sicílias, que abrangiam todo o sul da Itália, de Nápoles à Sicília. (N.T.)
- [2] Ironia do autor para com o costume da burocracia italiana, de colocar o sobrenome antes do nome, embora na linguagem usual se dê o contrário. (N.T.)
- [3] Referência óbvia à ópera de Rossini *La gazza ladra*, que tem elementos rítmicos inusitados e muito interessantes. (N.T.)
- [4] Sem correspondência na Administração Pública brasileira. Tem a função de superintender os atos administrativos das Unidades na província (os municípios) e dela depende também a ordem pública da província. A Itália está dividida em 20 regiões, 110 províncias e 8.000 municípios. (N.T.)
- [5] Literalmente, “ter o marquês” é expressão popular para falar da menstruação. Sendo impossível a tradução literal, optamos por criar um equivalente jogo de palavras. (N.T.)
- [6] No original, “não se poupou de dar *il carico da undici*”: em certos jogos de baralho, a carta que mais vale é o ás, que vale 11 pontos. *Mettere il carico da undici* na discussão significa usar argumentos que só exaltam os ânimos e pioram a situação. (N.T.)
- [7] A *onza*, na segunda metade do século XIX, equivalia a 12 liras italianas e 75 centavos. O *tari*, que representava a trigésima parte da *onza*, era a moeda de prata siciliana que valia, em 1875, 50 centavos da lira toscana. (N.T.)
- [8] Medida de superfície usada em diferentes províncias italianas e com valores variando entre um e quatro hectares. (N.T.)
- [9] O que se come com o pão e ajuda o pão a *calati*, a descer melhor no estômago. (N.T.)
- [10] Expressão popular para designar a mesa de três pés usada em sessões mediúnicas em que se invocam os mortos. (N.T.)
- [11] Prática supersticiosa bastante comum no sul da Itália para se proteger do azar (como o bater na madeira, para “isolar”, no Brasil). É frequente, sobretudo à vista de pessoas consideradas azarentas (em italiano, *iettatori*), entre as quais se incluem os padres. A peça de Pirandello *La Patente* tem por tema este costume (N.T.)
- [12] Massa curta, com molho de tomates e carne moída, mais condimentada e gordurosa no Sul, porque feita usualmente com carne de cordeiro. Prato tradicional nos domingos e feriados. (N.T.)
- [13] Ditado popular para dizer que quem está em posição inferior na escala social está mais vulnerável aos infortúnios: se, por causa de um golpe mais forte da enxada, um pedaço de pau salta, vai certamente sobre o hortelão. Equivale ao brasileiro “a corda sempre arrebenta do lado mais fraco”. (N.T.)
- [14] Os turcos ou sarracenos, ao voltarem de seus ataques guerreiros, levavam as mulheres mais jovens e bonitas, aprisionando-as em seus haréns. A ópera *L’italiana in Algeri* de Rossini trata do tema. (N.T.)
- [15] O Reino Unido da Itália foi proclamado no dia 13 de março de 1861. *L’Unità* (a Unificação) foi completada com a anexação do Veneto (em 1866) e a conquista de Roma (em 1870). (N.T.)
- [16] Brigantes — Conjunto de bandos organizados que, à semelhança de modernos Robin Hoods, agiam contra as grandes propriedades e personalidades — as quais transformaram o termo em sinônimo de bandido ou malfeitor. A referência é sobretudo ao fenômeno que se desenvolveu no sul da Itália depois de 1861 (início da queda dos Bourbons) e teve tal envergadura que o exército piemontês contra eles enviou cerca de 110.000 homens. (N.T.)
- [17] *Bersaglieri* — Corpo motorizado do exército. Sua característica é o chapéu redondo com plumas de galo. (N.T.)
- [18] Alusão à famosa ária do *Barbeiro de Sevilha*, de Rossini. (N.T.)